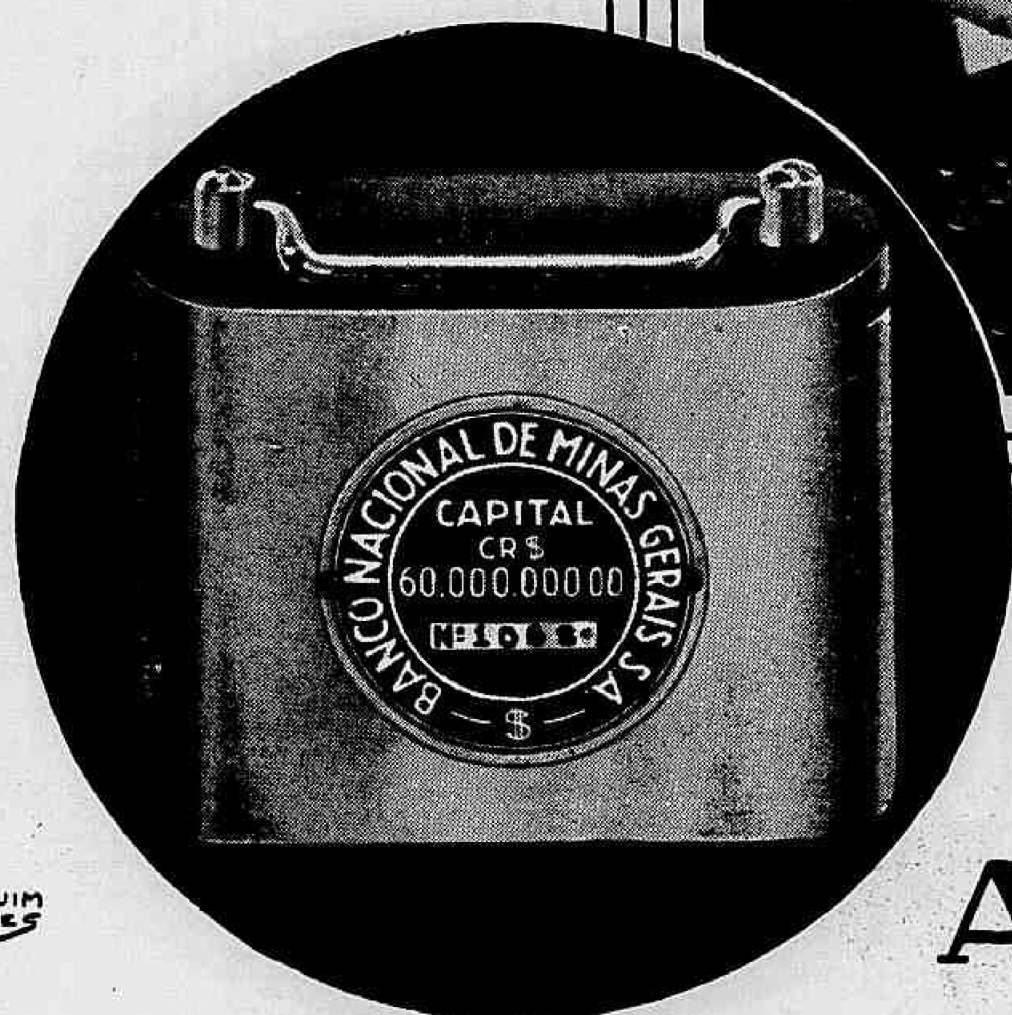
REVISTA DA SEMANA

Cr$ 3,00 em todo o Brasil



OS HÁBITOS ADQUIRIDOS NA INFÂNCIA...





JOAQUIM MENDES

PERDURAM POR TÔDA A VIDA

CONTA POPULAR

Depósito inicial 50,00
Limite 100.000,00
Juros .... 6% ao ano

BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S.A.

CAPITAL CR$ 60.000.000,00

FILIAL: AV. PRESIDENTE VARGAS, 509

Agências no Rio: Bandeira, Catete, Castelo, Madureira e Ramos



ANO BOM - ANO SANTO

O ano que amanhã vamos começar a viver terá, sôbre os demais, o privilégio de ser um Ano Santo, como tal estabelecido pelas autoridades máximas do Catolicismo. Nossos votos são para que nem uma vez, durante os 365 dias mais próximos, título tão honroso fique desmentido, e aqui estamos para renovar os votos de felicidades que habitualmente, nesta época, endereçamos a quem nos lê. Somos uma publicação veterana que pela quinquagésima vez repete essa fervorosa saudação; no gênero, poucas ou nenhuma pode ufanar-se dêsse limite de tempo. Surgimos com o século e muito de perto estamos acompanhando seus dias bons e maus, felizes e melancólicos, luminosos e de trevas. Meio século de vida, cinco décadas de lutas e experiências, dez lustros de frequente contacto com os homens grandes e pequenos que atravessam o cenário do mundo, no século das guerras, da aviação a serviço do Bem e do Mal, das mais grandiosas descobertas que a espécie humana já realizou, e, já agora, o meio século do Átomo — tudo isso nos dá condições de adultos.

★

Está o século pela metade — e meio século vai registrar também esta publicação no curso do Ano Santo. As comemorações que se preparam para os doze meses entrantes atingem-nos intimamente, por coincidência histórica, e disso nos podemos orgulhar. Nasceu esta revista quando a Humanidade vinha de entrar em novo ciclo, acalentando as mais risonhas esperanças, e não cabe analisar agora se elas foram dissipadas; só o tempo, muito mais tarde, poderá ajuizar do verdadeiro sentido desta época e do que de proveitoso ou inútil, com tanta fermentação, tenhamos realizado, nós os contemporâneos. Éramos um país de quatrocentos anos apenas com onze de República e talvez nem trinta milhões de almas, quando se festejou o advento do Século XX. E se olharmos para êstes quarenta e nove dezembros que já passaram, num retrospecto sereno, desapaixonado e justo, tudo nos fará acreditar que não mentimos à finalidade de uma grande nação. Embates foram registrados, muito maiores fora do Brasil do que dentro dêle, e o reflexo dessas conflagrações sucessivas não poderia deixar de fazer sentir-se em nosso país. Mas nem tudo deve estar perdido; dispomos ainda de enormes reservas morais que a seu tempo hão de revelar-se, mesmo quando o hábito do sofrimento imposto aos mais velhos de hoje, abatidos pela saturação e pelo desânimo, aparentemente desmintam essa realidade. Será melhor ensaiar um sorriso e acreditar mais uma vez. Acreditar na purificação dos sentimentos do Homem, no êxito dos bons princípios, no progresso automático e independente das intervenções terrenas, do planeta em que vivemos. Acreditar — ou morrer, eis o dilema que nos impõe êste alvorecer de mais uma etapa.

★

Um feliz Ano Novo, com tôdas as felicidades que você almeja, leitor amigo. E até para o ano. — **C. S.**



OS DISCURSOS do sr. José Américo têm sempre o sabor de ataques verbais de repercussão no país. Aqui vemos o senador paraibano numa atitude de quem contesta o seu opositor, general Góis Monteiro. Em redor, vários políticos acompanham os lances do duelo oratório, que terminou como sempre: apenas um flagrante de elevação parlamentar

"REVEILLON" POLÍTICO DE 1949

O candidato único ★ Duelos no Congresso ★ Ação dos estudantes ★ Coordenadores ★ Nereu Ramos e seu gesto ★ Caminhos do Sul ★ Ademar de Barros se movimenta ★ Fórmulas

Por JOÃO ALVARENGA

DESDE o mês de março dêste ano que a política nacional se movimentou animadamente graças ao memorável encontro Dutra-Milton, no Palácio Rio Negro, em Petrópolis.

Essa conferência era como que a conciliação do acôrdo interpartidário em cuja superfície navegava o barco da política brasileira, embora, nas camadas mais profundas, deslizassem os submarinos da oposição, dispostos a torpedear, na primeira refrega da luta eleitoral, o plano da trindade PSD-UDN-PR.

Embora sem manifestar publicamente seu ponto de vista quanto à sucessão, o presidente Dutra defendia a idéia de um candidato único, com o que, em princípio, estavam de acôrdo os "três grandes".

Da conferência de Petrópolis surgiram palpites às chusmas e não faltaram Cassandras e Pitonisas a prognosticar o resultado da reunião: Milton Campos seria o candidato.

O governador de Minas, porém, imediatamente, desanuviou o ambiente declarando peremptoriamente que seu nome não fôra cogitado para tal fim, e que a conferência de Petrópolis apenas estabeleceu idéias gerais para o caso sucessório não tendo vindo à baila nome nenhum. Ainda era muito cedo para isso, e que o deixassem na santa paz do Palácio da Liberdade.

Mas, nenhum fato político deixa de repercutir no Congresso. Apesar do acôrdo interpartidário, nem todos os políticos pertencentes aos dois maiores partidos nacionais — UDN e PSD — estavam integrados na aliança. Da parte dêste último, temos a ala liberal, e, na própria ortodoxa, os simpáticos ao chamado "queremismo".

E o assunto foi discutido e comentado na imprensa e no Congresso Nacional. O sr. Café Filho, por exemplo, sempre ardente, analisou tôdas as facetas dêsses entendimentos, que, à guiza de pacificação, trazem no âmago o maior perigo para as democracias: o desinterêsse popular pela decisão nas urnas.

O sr. José Américo, embora udenista, manteve-se à margem das confabulações.

E tivemos dias de duelo no Senado, entre s. excia. e o sr. Benedito Valadares. Outro senador tomou posição e animou os debates que vinham agitar o ambiente: o general Góis Monteiro. Fitaram-se face a face, mas deram,. afinal, ao duelo inicialmente esperado, um aspecto de elevação parlamentar.

Alastrava-se por todo o país uma espécie de inquietação, quando toma certo vulto no Rio um movimento que iria repercutir em todos os recantos do Brasil: O MNP, ou seja, Movimento Nacional Popular pro Eduardo Gomes.

Mobilizando a mocidade das escolas superiores, os estudantes universitários do Distrito Federal lançaram em praça pública, em comícios, a candidatura do Brigadeiro para as urnas de 1950. Vários jornais dos mais prestigiosos do Rio aderiram ao movimento e, no Congresso Na-



O DEPUTADO Café Filho é um das grandes vozes do nosso Parlamento e seus discursos sempre esperados com ansiedade, comentados com aplausos e causando forte ebulição nas hostes contrárias. Êle também é um dos que maior número de discursos proferiu



O GENERAL Góis Monteiro, senador pelo Estado de Alagoas, ocupando a tribuna para responder ao seu colega José Américo. Ao lado, sem perder um só momento dessa oração, o senador Georgino Avelino, enquanto os demais ficam atentos

cional, diversos parlamentares lhe deram apôio.

O gesto dos universitários provocou várias manifestações, animando um pouco o panorama nacional. E a UDN, vendo que deputados de suas fileiras estavam colaborando com os estudantes, procurou, na palavra de seu líder Prado Kelly, esclarecer o episódio e, embora sem desaprovar o caso, achava cedo para tomar-se uma resolução de tamanha responsabilidade.

Foi então que surgiram as coordenações com o sr. Benedito Valadares à frente. Uma lista de cinco nomes caracterizou a primeira fórmula, a mineira.

Eram cinco os nomes sugeridos pelo sr. Valladares. Mas, na hora decisiva, quando PSD, UDN e PR estavam de acôrdo com a fórmula pentagrâmica, eis que um dos nomes, e, por sinal o das preferências da UDN, desaparece, restando apenas quatro...

Já a êsse tempo verificava-se grande ebulição politico-partidária entre as hostes do próprio PSD, que preferia a sugestão do sr. Jobim, de uma mesa redonda, ao invés de uma fórmula triangular.

Que todos os partidos tivessem oportunidade para debater o caso da sucessão. Depois de estarem fervendo algumas zonas de influência, manifestando-se a insustentabilidade da fórmula mineira, naquela madrugada memorável, o sr. Nereu Ramos renunciou o cargo de presidente do PSD, foi a Recife, Pôrto Alegre e São Borja.

Depois de março, qualquer político de prestígio que vá ao Rio Grande e, especialmente, à fazenda do ex-ditador, é olhado como um profeta que sobe ao Monte Sinai para receber do Alto, as tábuas da Lei...

Com a ida do sr. Nereu Ramos ao Sul, a sugestão Jobim ainda mais se consolidou. Mas, em verdade, continuava o Brasil às escuras, sem saber o que, em verdade, estava para acontecer...

Com a renúncia do sr. Nereu Ramos à presidência do PSD, assumiu o pôsto o sr. Benedito Valadares, que imediatamente o passou ao sr. Cirilo Júnior. Êste, juntamente com o sr. Adrcaldo Mesquita da Costa, começou a agir no sentido da pacificação geral.

A recusa da UDN à fórmula mineira, através da nota amplamente divulgada, pareceu inicialmente que criaria entre ela e o govêrno do general Dutra, certa incompatibilidade, falando-se, até, na renúncia dos ministros udenistas, srs. Raul Fernandes e Clemente Mariani. Mas isto não aconteceu: os fatos políticos não afetaram a composição governamental.

E tudo prosseguia mais ou menos em calma, quando rebentou a notícia da ida do sr. Ademar de Barros ao Rio Grande.

Todo o país ficou atento ao que de lá viesse. O governador de S. Paulo não é homem de muitas discrições. Fala sem embuços e diz as coisas francamente. Por êsse motivo todo mundo esperou que algo extraordinário viesse a público depois que o governador de S. Paulo conversasse com o sr. Getúlio Vargas.

Mas, ainda desta vez, nada. E se não fôsse uma declaração do sr. Benjamim Vargas, ninguém teria sabido o que conversaram os dois adversários. Segundo o



DEPOIS de um encontro pelas armas da eloqüência, nada como um golezinho de saboroso café lá no Senado. O senador José Américo aprecia a rubiácea, como dizem por aí os propagandistas do nosso ouro verde, e aguarda os acontecimentos



IMPACIENTES com a demora dos líderes udenistas em relação ao nome do Brigadeiro. os estudantes do Rio organizaram o MNP (Movimento Nacional Popular) e lançaram a candidatura de Eduardo Gomes, com muito sucesso e repercussão no país. Aspecto dêsses comícios no Rio

irmão do sr. Getúlio Vargas. o governador de S. Paulo foi pedir ao senador gaúcho solidariedade para reformar a constituição de S. Paulo no que toca ao lugar de vice-governador. O sr. Ademar de Barros deseja nada mais. nada menos, que afastar de seu Estado o "perigo Novelli", pois. se êste assumir o govêrno de São Paulo em desarmonia com o sr. Ademar de Barros, terá o atual governador todo o caldo entornado na mesa da sucessão presidencial...

Para anular o sr. Novelli Júnior é indispensável acabar com o cargo de vice-governador. Mas. como poderia fazer-se isto? Com efeito retroativo? Equivaleria a uma cassação de mandato! Parece que o sr. Getúlio Vargas ouviu, sorriu e quedou silencioso. Continuou a aguar suas hortas, a amansar seus novilhos. a receber outros peregrinos...

O governador de S. Paulo então, rumou seu avião para o Rio. Antes, seus amigos e correligionários prepararam-lhe retumbante recepção. O sr. Ademar de Barros assumiu, por uns três dias, a coordenação política nacional. eclipsando completamente o sr. Valadares.

No Rio, o governador bandeirante não cansou. Falou com todos os grandes da situação, com os candidatos latentes, com os líderes partidários. Visitou o Brigadeiro Eduardo Gomes, falou com o sr. Artur Bernardes, foi à presença do presidente da República, trocou idéias com o sr. Benedito Valadares, palestrou com o sr. Nereu Ramos, deu entrevistas e situou definitivamente sua posição no momento atual: "Só me candidatarei se estiver desimpedido..."

Hoje, o verbo desimpedir na gramática política do sr. Ademar de Barros significa estar o sr. Novelli Júnior fora do baralho. E isso só seria possível numa destas hipóteses: perda do mandato de vice-governador, ou então firmar o governador pacto de não agressão na futura campanha sucessória...

Entretanto, o ponto culminante das declarações do governador de S. Paulo foi aquêle em que êle declarou esta novidade sensacional: ter-lhe-ia o presidente Dutra oferecido um presente de Natal com a chapa Bias-Ademar...

Regressando ao seu Estado. depois de tão movimentada excursão, o sr. Ademar de Barros, volta a política nacional ao sistema de "fórmulas". outra vez. Agora, surge uma outra: a fórmula Láfer, ou fórmula paulista. Tôdas as outras fracassaram: a mineira, a gaúcha, e a mineiro-reforçada com nomes de outros políticos fora de Minas.

Que quer a novíssima fórmula que nos vem de S. Paulo? — Manutenção do acôrdo interpartidário, reunião dos partidos de S. Paulo em tôrno de um candidato paulista à presidência da República, e. por fim. que êsse candidato possa ser extra-partidário. E vem à tona o nome do sr. Prestes Maia, candidato ao govêrno de S. Paulo na sucessão do sr. Ademar de Barros com apôio de diversos partidos daquele Estado.

Enquanto tudo fica mais ou menos na estaca zero. os estudiosos dos mistérios astrais procuram uma réstea de luz no horizonte; mas, nos acampamentos políticos continuam a dizer que só mesmo lá para meados de janeiro se poderá saber de alguma coisa. E se insistem com perguntas indiscretas. sorriem abrindo um pouco os bastidores e respondem amáveis: Boas Festas! Felizes Entradas!



POR FIM o sr. Ademar de Barros, após uma visita ao sr. Getúlio Vargas e outras a vários líderes no Rio, esteve também na S.B.A.T., onde o vemos cumprimentando o ator Procópio Ferreira. Não se pode, entretanto, saber qual dos dois está repetindo o título daquela famosa comédia de Joraci Camargo. Ao fundo, o escritor Luís Peixoto, de óculos, assistindo, com um sorriso de satisfação, o encontro

REVISTA DA SEMANA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulsto custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, sala 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM Revista

BOAS FESTAS! FELIZ NATAL!



O mês de dezembro movimenta as amizades, provoca os sentimentos de solidariedade humana, desperta simpatias muitas vezes já adormecidas, envolve a cristandade num halo de alegria e festa.

Quanto mais se aproxima o fim do ano, tanto mais se aperfeiçoam os métodos dêsse intercâmbio de gentilezas e cortesias entre as pessoas que se estimam.

Mensagens fraternais, saudações postais e telegráficas, telefonemas amáveis, trocas de presentes, enfim, todo um mundo de fidalgas considerações.

Há, porém, um lado estranho em tudo isso. E' o que diz respeito a certos estabelecimentos de comércio. Enfeitam os balcões e as vitrines com tudo o que há de mais interessante e ornamental para êstes tempos de fim de ano e começos de Novo Ano, desejando Boas Festas e Feliz Natal aos seus clientes e amigos; mas quando os clientes e amigos vão adquirir objetos dêsse comércio, nem sempre experimentam sensações agradáveis.

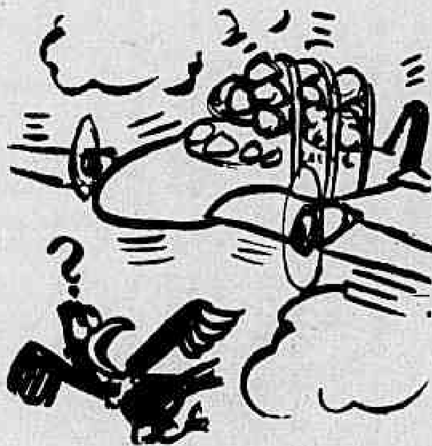
Há majoração geral em todos os preços. Quando se pergunta o motivo dessa alta, respondem com sorrisos:

— Como sabe... o Natal...

O Natal, dia em que se comemora o nascimento de Cristo, perde assim, aquela feição antiga, puramente evocativa e poética, unindo os povos num só abraço cordial, entre música e canticos, para transformar-se num pretexto para ganâncias e lucros imediatos, comprometendo o mais belo dia da humanidade cristã.

E tudo sobe: ovos, banha, castanhas, perus, frangos, figos e passas, frutas e enfeites, ao mesmo tempo que nos dizem: Boas Festas! Feliz Natal!

A SEGURANÇA DO VÔO



Noticiaram os jornais que uma companhia de aviação comercial fôra denunciada à Diretoria de Aeronáutica Civil como infratora dos regulamentos que proibem excesso de carga em seus aparelhos.

Foi aberto inquérito e nomeada uma comissão para apurar a denúncia, tendo as autoridades da DAC resolvido que, qualquer emprêsa de aviação comercial que fôr surpreendida burlando as determinações legais a tal respeito, terão suas licenças cassadas sem apelação.

E' mais do que razoável a providência da DAC, pois avião comercial não pode ser confundido com bonde da "Light" ou com barcas da Cantareira; entretanto, pelo que sabemos, pelo que todos podemos observar, não há comandante de aeronave que concorde com excessos de pêso em seus aviões a ponto de trazerem perigo à estabilidade em vôo ou em manobras para aterrissar ou subir.

Há, evidentemente, um limite de tolerância na capacidade dos aparelhos, e, embora a lotação esteja esgotada, nenhum risco correrá se a carga fôr ultrapassada por mais uma certa quantidade de quilos.

Até agora, ao que saibamos, nenhum avião foi acometido de acidentes em virtude de excesso de carga. Mesmo que, em alguns casos, os passageiros sejam beneficiados com tolerâncias entre o seu direito de bagagem e o que verdadeiramente conduzem, não é êsse excesso diminuto que venha a provocar desastres.

QUITANDINHA



Êsse faustoso e enorme hotel tem vivido na ordem do dia da imprensa e nos comentários públicos, desde que os seus fundadores começaram a desbravar as abas da mata e da montanha do alto da serra de Petrópolis para ali construir o grandioso edifício.

Ninguém podia passar passar pela estrada Rio-Petrópolis sem indagar do motorista ou de companheiros, "o que era aquilo". Quitandinha, de simples logarejo suburbano da bela cidade de Pedro II, chegou a tornar-se nome internacional, completamente transferido para o incrível hotel ali erguido.

Mas Quitandinha teve seu destino arrazado com a proibição do jôgo. Não poderia sobreviver como simples hotel, mesmo de luxo; o que lhe garantia a existência era a renda do pano verde, da roleta, do baralho, a exemplo de Monte Carlo e outros centros de dissipação e vício. Acabado o jôgo, estava selada a sorte de Quitandinha.

Surgiu depois a "Eppley", emprêsa mundial de grandes hotéis, com sede nos Estados Unidos. A "Eppley" firmou contrato com Quitandinha e se instalou no palácio normando do século XX, uma das maravilhas do Brasil.

Mas os negócios andaram ruins e Quitandinha foi surpreendida com os novos exploradores do negócio. O episódio chegou a ser escandaloso e anda aí pelos tribunais. Também a Exposição Internacional não ressuscitou Quitandinha. Às tontas, sem firmar-se, está o imenso hotel de luxo na iminência de converter-se em nova Esfinge de Gizeh, ameaçada de ser coberta pelas heras e o pó da estrada. Mas surgiu agora uma réstea de luz: corre que o Estado do Rio vai entrar em negociações com o sr. Rôlas para a exploração de Quitandinha. Será que, desta vez, acertam?

BRASIL-ARGENTINA



São os franceses o povo mais indiferente à geografia fora de sua pátria. Saindo de Paris, tudo passa a ser considerado o "la bas".

Por êsse motivo não é de estranhar que de quando em quando nos venham da França alguns erros de natureza geográfica e se confundam cidades do Brasil com suas irmãs argentinas e vice-versa.

Mas, ao que parece, êsse privilégio não é somente dos franceses. Os norte-americanos também ligam muito pouco a coisas geográficas fora de seu grande e poderoso país.

Agora mesmo o sr. Guy Gillette, senador norte-americano que tem estado em evidência nesses últimos trinta dias em virtude de suas pesquisas sôbre a alta do café, devendo referir-se ao Rio de Janeiro, citou Buenos Aires...

Com efeito tudo é assim mesmo. Raro é o norte-americano que distingue as duas cidades e os dois países. Argentina, capital Rio, e Brasil, capital Buenos Aires, é coisa vulgar e comum, tanto na imprensa como entre o povo de lá do norte continental.

O senador Gillette foi criticado por órgãos de nossa imprensa; mas, evidentemente, não há muito motivo para tanto. Que um norte-americano troque as bolas, vá lá; o que é mais espantoso é que, dentro do nosso país, haja muita gente boa, de cultura, e até profissionais da imprensa, que ignorem o nome da capital do Rio Grande do Norte, que São Luís é no Maranhão...

A PERSONAGEM DA SEMANA

Não há uma só pessoa neste país que não houvesse, na semana que passou, pronunciado ao menos três vezes, o nome de uma personagem universal.

Deixou-se para um lado a guerra na China; afastou-se do comentário doméstico e das ruas a situação política interna; as famílias abandonaram as reportagens sensacionalistas e todo mundo se inclinou para um só objetivo: o Natal.

Ruas intransitáveis e casas comerciais tumultuando de gente, cada qual procurando adquirir um presente para filhos, netos, sobrinhos, irmãos, afilhados...

Vinte e cinco de dezembro de cada ano é antecedido de verdadeira revolução em todos os nossos hábitos. Parece que a humanidade se ergue do solo em que vive a pisar e a sofrer, para elevar-se a planos místicos que a aproximam de Deus.

As crianças pedem brinquedos; os maiores pedem festas. Pés de pinheiros jovens enfeitam vitrinas, fachadas, lares, praças públicas, terreiros, salões de bailes, de clubes, de associações. Nos ramos bíblicos oscilam velas acesas, bijuterias multicores, presentes bem arrumadinhos, aguçando os apetites da meninada que não se cansa de contar as horas para a grande festa universal da cristandade.

Há um ambiente de alegrias pelo mundo. Velhinhas trôpegas e de fala arrastada, olhar incerto, contam aos netinhos o nascimento de Jesus numa mensagem de Belém. Fala-lhes da estrêla que os guiou até ao estábulo, dos cânticos celestes entoados pelos Anjos aos pastores, dos Reis que vieram de terras distantes presentear o Menino-Deus. As crianças ouvem as narrativas dos mais velhos e têm no olhar a atenção dos que procuram penetrar os mistérios da grande data.

Lá fora as multidões se agitam em tôdas as direções comprando presentes de Natal para os que lhe são caros.

Há um mundo de permutas, de trocas de saudações cordiais, de reciprocidade social em homenagem à grande data cristã.

O Natal empolga; mas há um nome que é pronunciado a todo momento: Papai Noel.

De onde veio Papai Noel? Noel significa Natal, em francês, e foi um escritor da França quem lançou a lenda de Papai Noel. No Brasil a moda pegou de tal forma que Papai Noel, todos os anos, por êste tempo, constitui o centro de tôdas as cogitações, de tôdas as conversas, de tôdas as esperanças...

Não há quem não deixe à janela o seu sapato para receber, ao dealbar da aurora, a visita do bom velhinho.

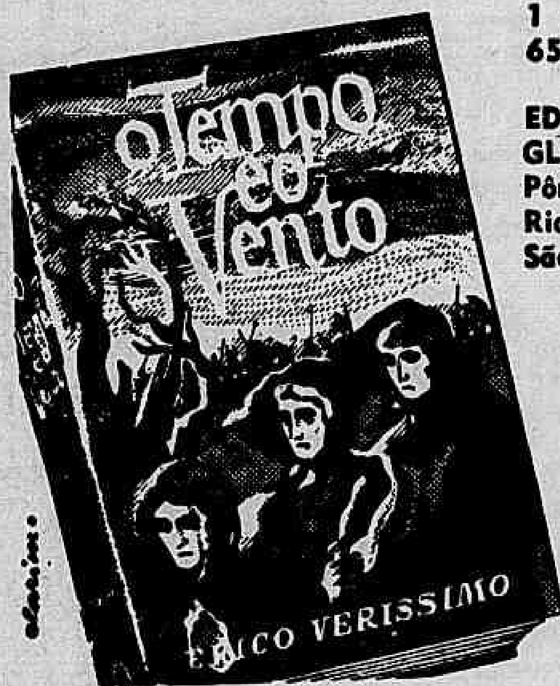
Papai Noel merece, pois, ocupar esta coluna. Foi o mais falado nome, a mais comentada personagem da semana que passou...

o Tempo e o Vento

o novo romance que

ERICO VERISSIMO

considera a sua obra mais importante e que seus leitores lerão duas vêzes.



1 volume de 650 páginas.

EDITÔRA GLOBO
Pôrto Alegre
Rio de Janeiro
São Paulo

Em tôdas as livrarias - Cr$ 70,00
ou pelo reembolso postal.

★

Agência da EDITORA GLOBO
México, 128 - 1.ª sôbre-loja n.º 1
Rio de Janeiro

CONTOS PARA A "REVISTA DA SEMANA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERARIAS DOS SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo três fôlhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito fôlhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a decelaração, no envelope: **Conto para a "REVISTA DA SEMANA".**

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

PUXE PELO Cérebro

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 Como se pronuncia o nome desta cidade alagoana:
Quebrângulo?
Quebrangúlo?
Quebranguló?

2 Qual era a profissão do filósofo grego, Sócrates:
Escultor?
Agricultor?
Professor?

3 Como se chamava o filósofo grego que defendia a idéia do suicídio, organizando, para isso, vários clubes:
Filon?
Platão?
Hegésias?

4 Qual o primeiro papa que apareceu em monumentos usando a tiara:
Silvestre I?
Pio IV?
Bento XIII?

5 Quais são, para os sociólogos e médicos, os três maiores flagelos da humanidade atual:
Jôgo, desemprêgo e delinqüência?
Alcoolismo, sífilis e tuberculose?
Politicagem, ateísmo e devassidão?

6 Que nome tem o conjunto de doutrinas e preceitos ensaiados pelos doutores judaicos:
Sinagoga?
Bíblia?
Talmud?

7 Qual foi o almirante brasileiro que, na revolta da Armada de 1893, se considerou prêso, ficando em casa, detido:
Custódio José de Melo?
Tamandaré?
Saldanha Marinho?

8 Terpsícore, além de deusa da dança, que outra coisa mais vem a ser:
Um corpo celeste?
Uma ilha?
Aparelho de ótica?

9 Que significa tertúlia:
Espécie de borboleta?
Nome de mulher?
Palestra literária?

10 Em que ano foi descoberto o bacilo do tétano:
1884?
1901?
1870?

11 Qual era o mais antigo e o mais ilustre dos Sete Sábios da Grécia:
Timon?
Thales?
Theocrito?

12 Por que se dá o nome de Tebaida a um lugar de repouso:
Por ser sinônimo de mosteiro?
Por significar prisão?
Porque era um deserto?

13 Que significa o nome Teófilo:
Homem estudioso?
Amigo de Deus?
O que tem hábito de filar?

14 Quantos pares de costelas tem o corpo humano, incluindo as falsas:
Dez?
Doze?
Onze?

15 Qual foi o papa que instituiu o atual modêlo da tiara:
João XXII?
Alexandre VI?
Leão XIII?

16 Que nome tem o osso principal da canela:
Fêmur?
Tíbia?
Astrágalo?

17 Que significa a palavra maceió:
Grandes lagoas?
Coqueiral?
Água empoçada à beira da praia?

18 Em que continente se encontra o tigre real:
Na Ásia?
Na África?
Na Oceania?

19 Além da carreira militar, que outra profissão tentou Tiradentes:
Alfaiate?
Mecânico?
Lavra de ouro?

20 Qual a velocidade do som ao nível do mar:
Dez quilômetros por minuto?
Cêrca de 340 metros por segundo?
Cem léguas por hora?

(Ver as respostas na pág. 58)



ESTA SENHORA afirma que já ouviu a voz de Maria numa sessão espírita. As preces, em côro com orações dêsse credo ou protestantes, católicas ou de outro rito. Em certas noites, nos anos bisextos, terços fetichistas se ouvem, enquanto uma vela lugubremente alumia treze pratos colocados sôbre o chão, relembrando o pique-nique de Maria Degolada

MARIA DEGOLADA

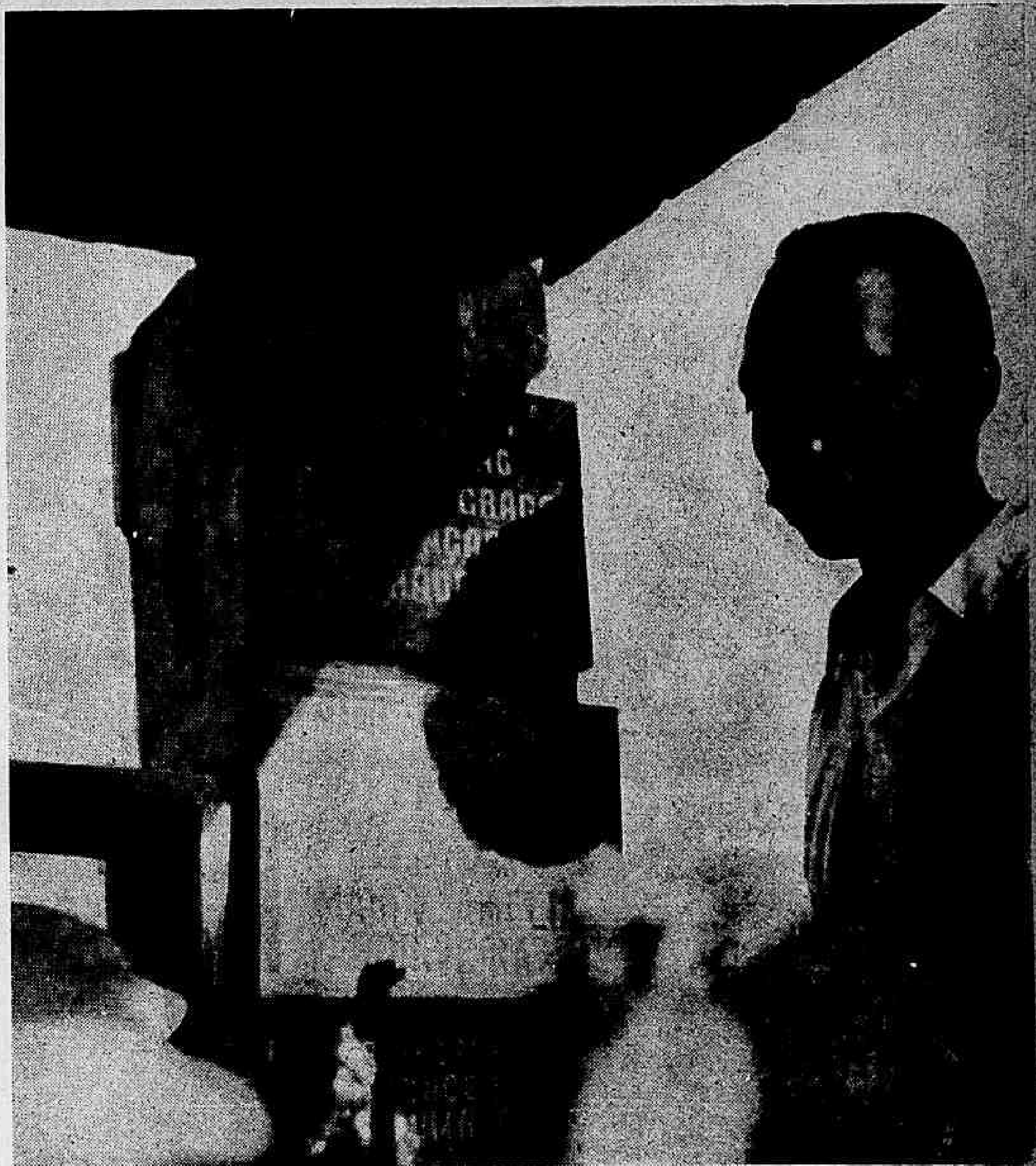
Diariamente dezenas de crentes sobem o morro da Maria da Conceição, em Pôrto Alegre, a fim de invocar a proteção daquela jovem de dezoito anos que morreu degolada pelo homem que amava ★ E houve mesmo quem quisesse erguer ali uma capela, em agradecimento aos benefícios recebidos, mas não foi permitido

Texto e Fotos de LUIZ CARLOS LESSA

PÔRTO ALEGRE, Dezembro — Parece mentira! — era o comentário unissono dos moradores do Parthenon, arrabalde da cidade de Pôrto Alegre, lá por voltas de 1895. — Parece mentira! U'a menina tão prendada se deixar encantar assim por um homem como aquêle! Pelo jeito, anda mandinga por aqui...

E era verdade! Parecia coisa do diabo aquêle amor de Maria da Conceição por Bruno Bicudo. Sim, porque jovens lindas e bondosas como a Mariazinha se contavam nos dedos. E dizer que a menina deixou de lado tanto partido bom para se engraçar por um homem sem eira nem beira! Houve até casos de estudantes almofadinhas do centro da cidade que, aos domingos, vinham de carro rodear a quadra em que a moça morava, fazendo a vizinhança vibrar com a beleza das parelhas de cavalos puxadores, levantando poeira da rua. Mas se a vizinhança se encantava com aquilo tudo, por outro lado Maria da Conceição nem se dava conta que o alvorôço era por sua causa. E muito galã teve de descer o morro do Parthenon, de volta, acabrunhado, e sem levar de recordação nem sequer um sorriso da cabrocha. Aliás, Mariazinha não gostava mesmo de sorrir. Sempre delicada, muito atenciosa para todos, mas parecia que um véu de tristeza lhe cobria o rosto. Ela era tão linda, tão linda, que até a tristeza dela encantava...

Foi quando apareceu o Bicudo, recém-chegado dos entreveros da Revolta iniciada em 1893. E é bom dizer-se que essa revolução foi uma trágica exceção na história guerreira do Rio Grande do Sul Pois aquelas recordações honrosas que o povo gaúcho trazia da Revolução Farroupilha (gente lutando pelos seus ideais, mas nunca esquecendo que até mesmo na guerra os homens devem recordar que trazem no peito um coração), cederam lugar aos dramas horripilantes que se verificaram, por mais de dois anos, com esta nova campanha. Famílias inteiras haviam perecido, vítimas de um simples gesto de um co-



OS BENEFICIADOS mais ricos externam sua gratidão colocando placas no santuário. Os humildes levam flores. Alguém prometeu erguer uma capela, mas não consentiram



HOMENS E MULHERES vêm de longe pagar promessas á santa portoalegrense. Em tôrno ao oratório, os sinais de pés descalços se confundem com os de cascos de cavalos e até de "pneus" de luxuosos carros. Em baixo, o modesto santuário, levantado onde, há mais de meio século, Maria foi degolada. Para ali afluem milhares de romeiros durante o ano, em busca de milagres



mandante de piquete. O ódio cegara os combatentes, e os atos de vandalismo se sucederam sem cessar. Houve gente que se tornou famosa pela perícia em degolar — degolavam prisioneiros em fila, aos montes! E acresce notar que ambos os partidos em luta haviam adotado por norma de ação o velho lema "ôlho por ôlho, dente por dente".

Assim, quando veio a paz e Bicudo resolveu engajar na Brigada Militar do Estado, sendo transferido para Pôrto Alegre, levou consigo para a capital as recordações daquelas façanhas desumanas, e, mais do que as recordações, um nome celebrado pelos episódios cruentos em que tomara parte. Em poucos dias de moradia no Parthenon, tornava-se uma das figuras mais populares do bairro. E a história de suas maldades e aventuras começou a atemorizar a gente pacata do arrabalde.

Pois quem poderia imaginar que seria a êsse indivíduo de fama horripilante — e de feições que correspondiam maravilhosamente à fama — que a Mariazinha iria entregar seu coração!

No dia em que pela primeira vez ela foi vista com Bicudo, não deram quase importância ao caso. (Eram tantos os rapazes que vinham em busca de seu amor). Mas quando o encontro se verificou pela segunda vez, os murmúrios começaram a se ouvir:

— Imaginem! U'a menina tão prendada namorando um brutamontes daqueles! Até parece mandinga!...

E a mandinga pegou fôrça. Embora as amigas de Mariazinha tentassem abrir-lhe os olhos, não houve quem a fizesse desistir do namôro. Mas a complicação maior se iniciou quando o pai descobriu aquêle romance. Então a tristeza tomou conta da casa da menina. Primeiro, foram os conselhos:

— Tu estás na idade da loucura, minha filha — dizia, com voz bondosa, o velho pai, lastimando que a moça fôsse órfã de mãe, pois ninguém como as mulheres sabe tão bem mover com o sentimentalismo das filhas. — Aos dezessete anos ninguém sabe o que faz. Mas deves ver que êle não é moço para ti. Não há ninguém que desconheça, aqui no bairro, a história que êle trouxe da revolução...

— Mas pai! — contrariava a jovem. — Se êle de fato gosta de mim, até pode se regenerar! Certamente nunca teve uma pessoa que lhe mostrasse o caminho do bem...

Era uma santa, a Mariazinha! Talvez o seu grande interêsse, naquele amor, fôsse a recuperação do rapaz! E fazendo ouvidos de mercador aos conselhos que de tôda a parte surgiam, ela prosseguia confiante em sua aventura amorosa.

— Isto não vai longe, dou certeza! — apostavam as vizinhas. — Não é possível que esta menina não veja a loucura que vai cometer... E' namorinho passageiro...

Mas o namorinho continuou, e um dia a moça apareceu com uma aliança brilhando no dedo. Desta vez, foi o irmão quem explodiu:

— Eu tenho te avisado muitas vêzes, Mariazinha, que êste namôro não pode dar bom resultado. Te fizeste de surda e agora me apareces noiva. Se alguma coisa acontecer, tenho a consciência tranquila; porisso, não me venhas com chôro se êsse homem te fizer algum mal!...

Mas de nada adiantaram as ameaças. Certo dia, numa última tentativa de salvar a filha daquele casamento que se apresentava com tôdas as características de uma infelicidade, o pai de Maria da Conceição prometeu expulsá-la de casa se ela não pusesse têrmo ao noivado.

Bicudo soube da história e enfureceu. — "Queriam expulsá-la de casa, hein? Ah! Mas não haveriam de ter êste gôstinho!..." Naquela mesma tarde, êle tirava a noiva da casa paterna, e com ela se consorciava.

E no outro dia, o pai e o irmão de Mariazinha foram encontrados mortos, numa poça de sangue.

Já na primeira semana de casamento, Maria ficou sabendo quem era seu espôso. Portador de uma mentalidade tipicamente psicopática, êle cumulava-a simultaneamente de carícias e de atrocidades. Havia momentos em que chorava a seus pés, amaldiçoando-se por ter um coração embrutecido pelas correrias guerreiras que o haviam roubado ao carinho dos pais desde menino. Mas, mal secavam-lhe as lágrimas, ei-lo novamente com os olhos esbraseados de ódio, acusando a espôsa de uma traição imaginária, tentando fazê-la confessar um possível namôro com um amigo, para

enfim transbordar todo seu rancor numa agressão bárbara à sua fiel companheira.

Bruno Bicudo sabia que possuia a mais bela mulher do Parthenon. Sabia que o corpo de sua jovem espôsa continuava a alimentar os sonhos de muitos apaixonados. Sabia que o amor de Maria era um tesouro que lhe havia de custar mui caro.

E, apesar de tudo, Maria da Conceição adorava cada vez mais aquêle homem que a fazia sofrer...

— Eu não dizia?! — era voz geral. — Aqui andava o dedo do diabo...

A BEIRA DAS AGUAS MORTAS

Aproximava-se o raiar de 1900, e o manto da paz já descera por completo por sôbre o Rio Grande. Os ódios remanescentes da luta fratricida haviam amainado, e de novo um toque de vida banhava o maltratado Rio Grande do Sul. O tempo apagara as tristes recordações da Revolução, e ao manto negro do luto sucedeu o brilho dos sorrisos e dos cânticos. Embora desfalcadas de muitos de seus membros — mortos no calor das refregas — as famílias entregavam-se agora aos prazeres que a vida provinciana podia doar. De novo abriam-se os salões, em bailes ruidosos. Novamente enchiam-se de música e risos as colinas dos arredores porto-alegrenses, onde aos domingos radiantes daquele fim de outono, iam os casais entregar-se à beleza dos passeios e pique-niques, procurando esquecer as desditas passadas.

Foi a uma dessas festas, realizada no morro das Águas Mortas — onde um pequeno lago refletia em suas águas paradas a poesia de uma figueira gigantesca — que Maria da Conceição veio ter com seu marido, a convite de famílias da vizinhança.

Sôbre o braseiro, ardia o churrasco. Um dos rapazes dedilhava uma guitarra, e vozes juvenis entoavam cantigas populares. Homens e mulheres confraternizavam em honra à primavera que chegava. Começaram a correr de bôca em bôca os copos das mais variadas bebidas, alertando o apetite dos convivas. Bicudo sentia, como nunca, desejo de afogar suas tristezas no sono amigo do álcool. Em breve a cabeça pesava-lhe, e êle se retirou do grupo, indo encostar-se ao tronco da figueira. O aroma do churrasco também se aproximou da centenária árvore, e Bicudo recordou as horas de pausa das arrancadas revolucionárias, quando a carne semi-crua chiava sôbre o fogo-de-chão, e também uma guitarra se ouvia trazendo um pouco de paz à soldadesca. Pingava sangue no brasileiro, e era cheiro de sangue que vinha agora no ar. Sangue e ódio nos acampamentos. Soldados ganhando promoções à medida que mais uma cabeça decepada rolava por terra. Sangue e ódio em todos os olhares. Cobiça em todos os olhos que fitam Maria da Conceição, vendo-a sorrir — ela que nunca sorria — vendo-a cantar, cantar para outros homens. Cobiça nas vozes que agradam Maria, revivendo amôres sufocados. Cobiça nos copos que alcançam a Maria, traição nos sorrisos que a cercam.

Os olhos de Bruno Bicudo cintilaram de um brilho estranho, e êle não pôde aprisionar o grito animalesco, o urro que lhe brotou da garganta:

— Maria!

A espôsa chega-lhe aos pés. Deita-se ao seu lado. Alisa-lhe a cabeça e indaga o que êle tem.

O marido beija-a com sofreguidão. Grita que ela é má, que não o trata bem, que o deixa abandonado ao tronco da figueira enquanto vai sorrir aos outros homens. Maria não sabe o que dizer. Limita-se a repousar ao ombro do espôso, esperando mais uma vez que êle acalme seus acessos de ciúme. Mas Bicudo não consegue conter o ataque nervoso. O perfume do churrasco pingando sangue torna a tomar-lhe o cérebro. Há cheiro de sangue nos cabelos de Maria. Há cheiro de sangue que vem das lutas de 93. Aos seus olhos desfilam os prisioneiros. À porteira da mangueira, adaga tingida de sangue a rebrilhar ao sol do pampa, o degolador espera a próxima vítima. Os corpos tombam para um lado, as cabeças para o outro. Cabeças com cabelos negros, homens indiáticos a morrer sem um gemido. Os cabelos de Maria são louros, e brilham como brilhavam as lanças no avanço das cavalarias ao encontro do inimigo. Há inimigos que querem roubar a beleza de Maria. E o cheiro de sangue se eleva dos braseiros. Bruno sente os dedos crispados apertando o cabo da adaga, velha companheira de mil entreveros. Os dedos da outra

(Cont. na pág. 44)



ESTE CAVALHEIRO foi expressamente de Canoas, R.G.S., a fim de agradecer a Mariazinha do Golpe, como muitos a chamam) o benefício de ter saído com vida de uma operação melindrosa. Em baixo: Esta menina foi descalça desde Sarandi, no município de Pôrto Alegre, levando um ramalhete de flores. Faz alguns anos o túmulo foi violado e suas cinzas vendidas aos devotos ricos...



LADRÃO INEXPERIENTE

Há uma obra das mais célebres, intitulada "Arte de Furtar". Segundo muitos críticos, saiu ela da pena e da imaginação fértil do Pe. Antônio Vieira; mas, em verdade, nunca se apurou isso e até hoje ainda não se sabe de quem é mesmo aquela "arte".

Que deve haver uma escola para os senhores gatunos, é coisa fora de dúvida. Êles têm sua técnica, sua habilidade, sua vocação para tomar conta do alheio sem licença do dono, e isso vão aprendendo com os riscos que a "profissão" oferece e graças ao que observam e aprendem nas próprias prisões.

A vida das delegacias e os autos no fôro criminal estão repletos de curiosidades em tôrno da arte de furtar, da audácia de roubar, de todos os preceitos da manigância...

Há ladrões de um cinismo espantoso; contam com a maior tranquilidade dêste mundo suas aventuras, a maneira como chegaram a penetrar em determinados aposentos, o que fizeram para desviar a guarda de cães e de vigilantes, de criados e de pessoas da casa visitada.

Uma tertúlia entre ladrões de imaginação fértil é uma cena que dá para escrever-se uma centena de livros policiais de muito sabor. E, o que é pior é que, quase sempre, lá nas prisões, onde pululam êsses delinquentes, há criminosos primários, muitos até menores de 21 anos.

Mas, como não pode deixar de suceder, muitas vêzes os meliantes recebem inesperadas recompensas dos seus furtos. Vejam o que sucedeu com um em Nova York. Roubou uma mala cheia de sapatos; porém se tratava de artigos de amostras, e, sapato de amostra só leva um pé... O ladrão saiu logrado. Se quiser vender o produto do furto terá que andar pelo mundo à procura de clientes que tenham apenas um pé, e o direito!



VERDADEIRO PEDAGOGO



Muita gente pensa que para ser professor basta saber alguma coisa, reunir alunos numa classe e repetir-lhes algo do que sabe.

Nada menos falso. Ser professor é coisa muito mais séria e mais profunda.

O bom mestre é aquêle que conhece psicologia, especialmente a aplicada à escola, à natureza dos estudantes, ao meio ambiente.

Há professôres que, embora portadores de sólida cultura, jamais conseguem prender a atenção dos estudantes. Não tem "queda" para a arte de ensinar cientificamente.

Vejam o que sucedeu entre um bom mestre e os seus discípulos numa escola dos arredores de Londres.

Em certa rua a municipalidade mandara reparar o leito de largo trecho, cujo revestimento de asfalto estava deteriorado e exigindo outra camada de asfalto.

Para que isso se faça é indispensável que um dêsses pesados rolos compressores passe para lá e para cá, até que fique bem lisa a superfície da rua e em nível o respectivo leito.

Mas, infelizmente, aquêle trabalho estava sendo feito bem diante de uma escola. Como não poderia deixar de ser, a atenção dos alunos se transferiu da aula de geografia para o serviço dos operários que dirigiam o rôlo compressor com o seu respectivo aparelho locomóvel a vapor. O professor que dava aula naquele momento, hábil mestre de geografia, vendo que os meninos estavam com a atenção no compressor, convidou-os para irem à rua e, ali, todos aproximados da máquina, explicou-lhes como funcionava o engenho. Satisfeita a curiosidade juvenil, voltaram à aula, já completamente desinteressados...

AO EMBALO DA REDE



A berceuse, do ponto de vista poético e musical é uma canção nativa e breve, muitas vêzes apenas um canto onomatopáico, uma melodia simples e rudimentar, destinada a adormecer as crianças embaladas ao colo das mães, nos berços, nas rêdes dos mais pobres.

A berceuse inspirou grandes compositores. Gluck, Auber, Meyerbeer, Dalayrac. Berceuses encantadoras saíram da imaginação de Chopin, Rubinstein, Schubert, Schumann, Gounod, Paladilhe...

Cantigas de ninar são espontâneas. No nordeste do Brasil elas são ouvidas desde as choças dos camponês aos palacetes dos afortunados. E quase sempre acompanhadas pelo **ram-rem** dos armadores das rêdes ao embalar suave e ritmado das amas.

"Dorme, menino
que eu tenho o que fazer,
vou lavar, vou engomar,
quando acabar vou coser."

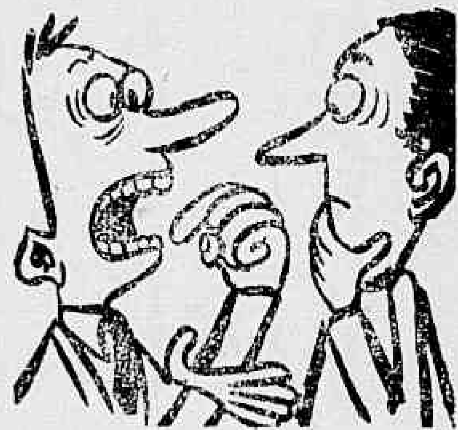
E uma outra para infundir medo:

"Tutu marambaia
Não venha mais cá
Que o pai do menino
Te manda matar."

Há numerosas berceuses, muitas delas produto do ecletismo afro-indiano, com suas músicas melancólicas, evocativas, lânguidas. Mas agora surge uma nova berceuse. A berceuse da era atômica: vem da Rússia e o seu autor é o compositor Yevgeni Doinatovski. A letra é um resumo da história da exploração soviética dos minérios para a fabricação da energia atômica. A berceuse russa, a cada estrofe contando ao menino a história dessa descoberta, termina assim: "Dorme, queridinho, dorme". Ou: "Dorme, que a noite está escura", e ainda: "Dorme, filhinho, que é tarde..."

Berceuse atômica... Boazinha!

PARA TOCAR PISTON



Certa vez um sertanejo vendeu um cavalo a um fazendeiro e êste, não tendo observado certo defeito no beiço superior do animal, em virtude de ter fechado negócio de noite, logo que pôde examinar o animal mais detidamente, notou que o cavalo tinha um dos lábios defeituosos, apresentando falha que o seccionava.

Indignado com o lôgro, o fazedeiro foi com cavalo e tudo à casa do vendedor para desfazer o negócio, pois fôra ludibriado. O sertanejo ouviu o estrilo do comprador, sem dizer uma palavra. Quando o fazendeiro, mais aliviado pelo desabafo, perguntou então: "Como é, o senhor não diz nada?", o vendedor, com a maior calma dêste mundo apenas replicou: "Ora, seu coronel! Eu pensava que o senhor queria cavalo para montar. Agora vejo que deseja animal de sela para assobiar...". E devolveu o dinheiro.

Esta anedota vem a propósito de um episódio passado há poucos dias em Londres.

Um senhor daquela cidade fêz um trabalho completo na bôca, colocando com certo dentista excelente dentadura.

O trabalho foi custeado pelo Serviço Nacional de Saúde da Inglaterra, que, como todos sabemos é hoje um serviço socializado, podendo qualquer inglês dispor de médico ou dentista, gratuitamente.

Dias depois de colocar as chapas, o beneficiado procurou o Conselho Executivo do Serviço e reclamou. Os dentes não prestavam. Exigia outra dentadura. Examinada a questão, todos elogiaram o serviço do odontólogo, mas os dentes, em verdade, não serviam ao paciente, porque êle vivia da música. A dentadura devia servir para mastigar; mas, especialmente para tocar piston...

O CASÓ DE UM PRINCIPE



Antes da primeira grande guerra havia duas famílias reais na Europa que atraíam as atenções do mundo inteiro: a dos Hohenzollerns e a dos Habsburgos respectivamente, da Alemanha e da Áustria-Hungria.

O Império do chamado Kaiser Guilherme II e o do seu vizinho do Danúbio, eram dois monólitos respeitados e reverenciados por todos os povos do mundo.

A guerra de 1914 a 1918, porém, provocou tal ebulição na panela político-militar da Europa que aquêles dois tronos seculares foram despedaçados definitivamente, surgindo dos seus escombros novas nações, novos regimes, novas concepções do mundo.

Dos Habsburgos e dos Hohenzollerns apenas restou um passado melancólico nas páginas de historiadores que descreveram as convulsões da primeira grande conflagração e todos os fenômenos que disso resultaram.

Que é feito dessa família real alemã? Muitos morreram, outros andam dispersos por êsse mundo ocupando cargos modestos para viver no ostracismo.

Agora, porém, surge um Hohenzollern, jovem alemão de 26 anos que diz ser o Príncipe Otto Wilhelm, pedindo um julgamento pela Suprema Côrte dos Estados Unidos, a fim de provar sua inocência num roubo em Washington. O jovem pretendente ao trono alemão ofereceu-se para esclarecer as inverdades contra êle, bem como o seu casamento em Nova York. Quer também destruir as acusações de que é o ator Rico David Tancous, autor de um roubo de quadros de Sumner Welles no valor de quatro mil dólares. Declarou o Hohenzollern que, após limpar-se, vai morar no México, numa casinha de subúrbio.

CURIOSO PENHOR



Esta é bem característica dos Estados Unidos da América do Norte.

Dizem os jornais que, de acôrdo com telegramas de Albany, na América do Norte, uma senhora empenhou o marido por 45 dólares, quantia de que tinha urgente necessidade para receber uma pensão do Estado.

O telegrama é lacônico e não entra em certos detalhes. Por exemplo, para saber-se quem foi a pessoa que aceitou o cidadão como garantia de tão pequena importância, ou sejam CrS 900,00...

Não acreditamos que essa senhora angustiada e sedenta por 45 dólares, tenha empenhado o espôso a uma outra mulher. Deve ter sido a um homem, um Banco, Caixa Econômica ou algum agiota.

Muita gente vai ficar indignada com a espôsa do hipotecado, mas se meditarmos um pouco verificamos que não há motivo para isso.

Há, entre nós, um caso mais ou menos parecido. Uma senhora estando muito aflita por dinheiro, foi procurar um amigo banqueiro para levantar também pequena importância: um conto de réis, naquela época.

Perguntando-lhe o argentário que garantias dava ela para a efetivação do negócio, respondeu que uma jóia.

O banqueiro, com brilho estranho nas pupilas e já antegozando excelente lucro, quis saber qual era essa jóia, ao que a mulher respondeu: "Meu marido".

O banqueiro espantou-se, mas a esperta senhora atalhou: "O senhor não vive dizendo que meu espôso é uma jóia?"

E' a primeira vez que certos maridos ficam "penhorados", mas nada "agradecidos"...

A DELINQUENCIA NO JAPÃO



Não se pode negar que, dentre as calamidades da última guerra, registra-se o aumento da criminalidade em muitos países, destacando-se dentre êstes o Japão.

Como todos sabemos êsse país possui assombrosa densidade demográfica, sendo, além disso, nação de território pobre, forçado a importar matéria prima, especialmente a de natureza mineral.

Com a última grande guerra o Japão se viu sufocado por todos os lados, com sua enorme população desamparada, aflita, faminta, passando depois a contar apenas com o auxílio dos Estados Unidos o vencedor ocupante de seus territórios.

Depois da catástrofe começada em Pearl Harbor e que pareceu ao Mikado uma vitória "de colher", os japonêses entraram também nas ebulições político-sociais, reconhecendo que o Imperador era um homem de carne e osso como qualquer operário e não uma divindade nascida das graças de deuses milenários.

Desaparecendo aquêle velho equilíbrio místico, os japonêses entraram nas agitações de rua, de clubes, de sindicatos, havendo milhares sem emprêgo, sem rumo, sem família, sem nada.

Daí até à seára do crime foi um passo, apenas. O fenômeno chegou a tal ponto que, nos começos dêste mês de dezembro, a polícia de Tóquio mobilizou nada menos que quatrocentos e cinquenta policiais e vasculhou sessenta logradouros da capital e de prefeituras vizinhas, perseguindo e prendendo delinquentes. E a colheita foi compensadora: cêrca de oitenta criminosos.

Essa quadrilha havia realizado duzentos roubos, vinte assaltos a mão armada no valor total de 300 milhões de yens...

GREGOS EM GREVE

Quase todos os dias publicam os telegramas notícias da Itália e da França anunciando greves de funcionários públicos.

Até pouco tempo a greve só era aceitável para o operariado particular. Nunca se ouvira falar em paredes de empregados do govêrno.

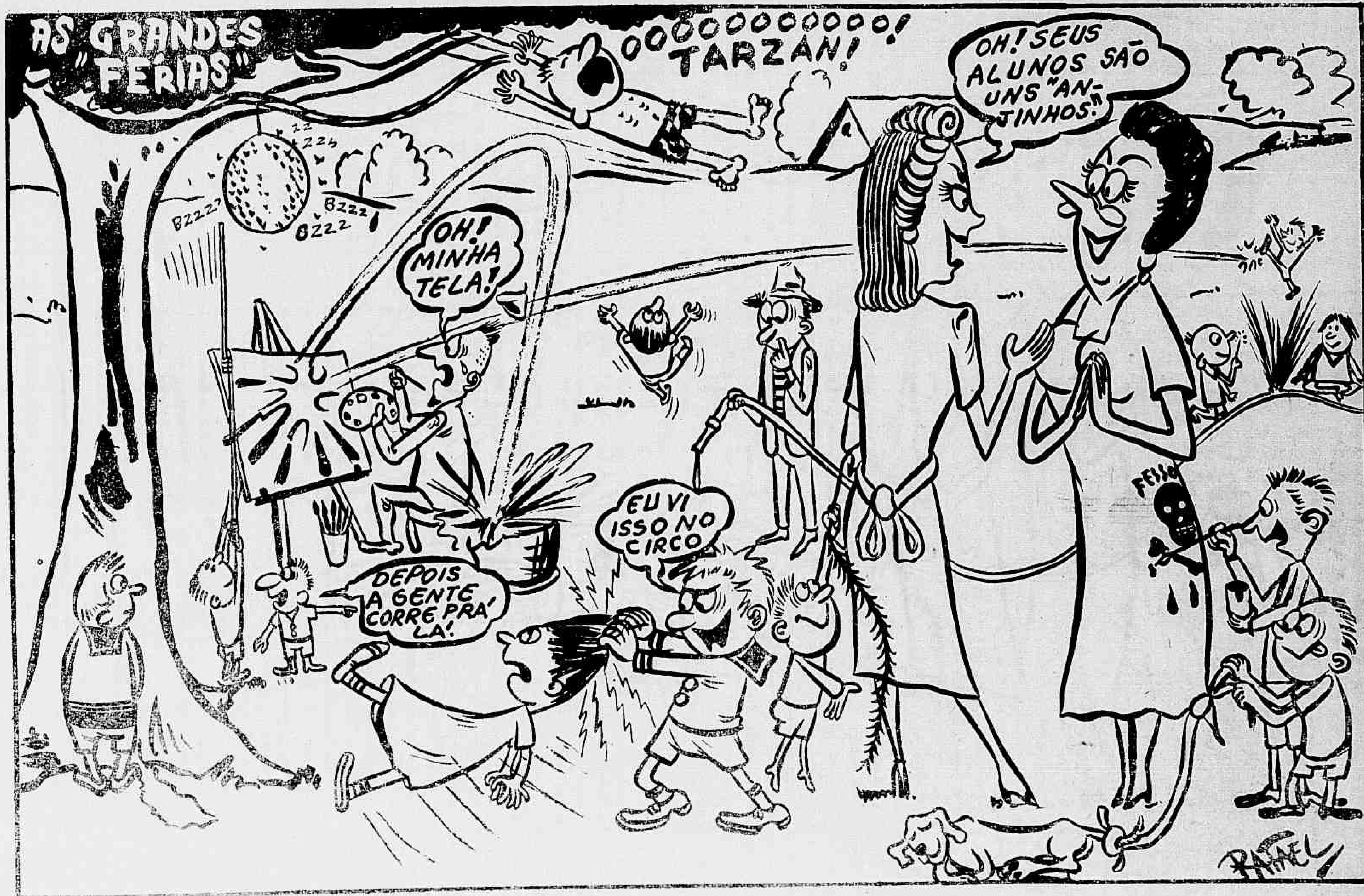
Mas, as greves dêsses servidores é coisa comum em vários países da Europa, já tendo havido uma de médicos e advogados aqui bem pertinho, em São Paulo, elementos êsses também funcionários públicos municipais ou estaduais.

Na Europa êsses movimentos se limitavam àqueles dois países latinos. Mas o exemplo parece ir-se alastrando a outras nações cujo govêrno não é republicano, regime em que tais reivindicações podem ser levadas a efeito com maior desembaraço pela prerrogativa de liberdades democráticas que oferece aos cidadãos.

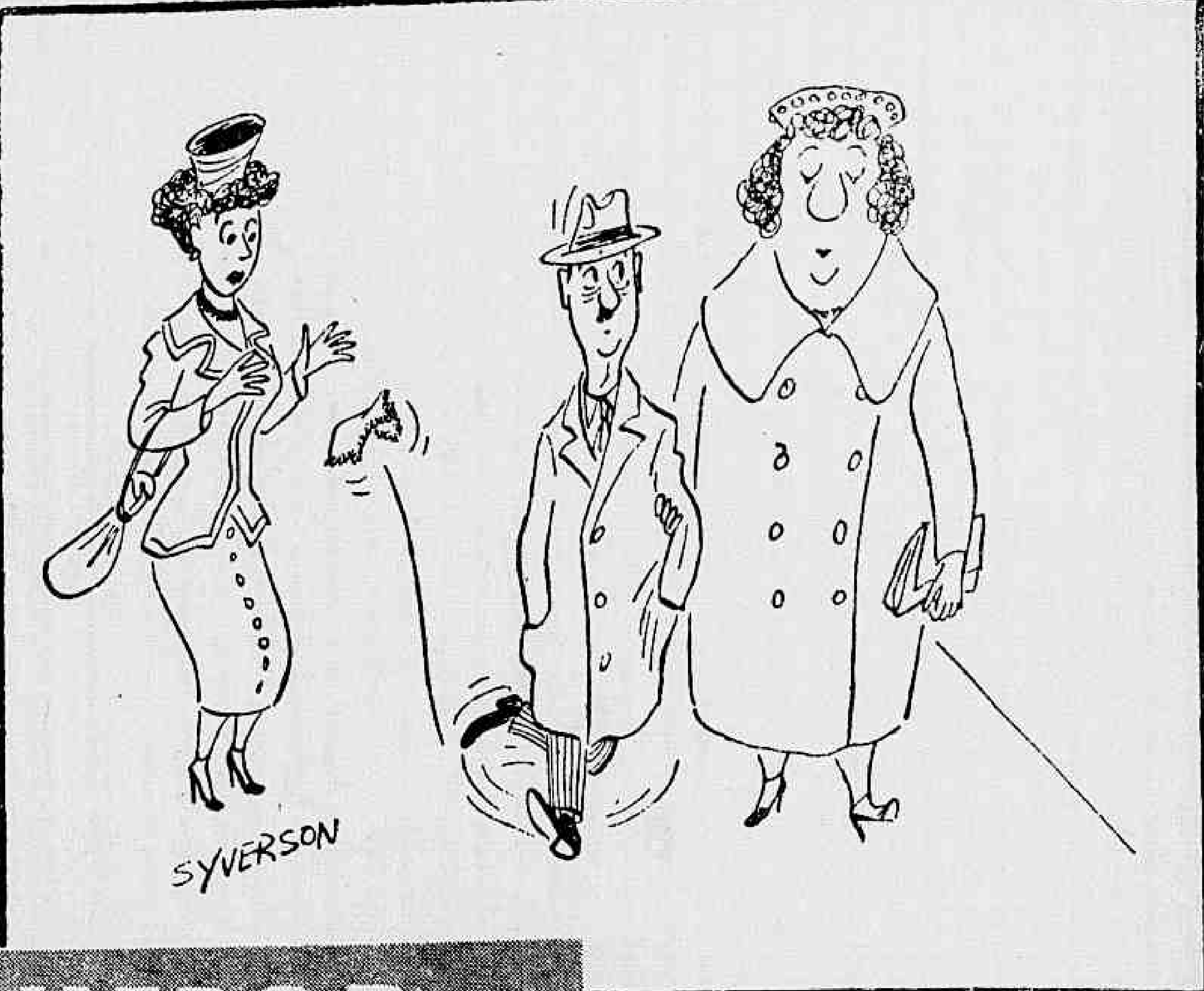
E também na Grécia acaba de irromper uma dessas greves de funcionários públicos.

Vejamos o que diz êste telegrama da Reuter, procedente de Atenas:

"A União de Serventuários Civis da Grécia anunciou hoje (5 de dezembro de 1949) que os seus associados entrarão em greve na próxima quinta-feira (oito do mesmo mês), ao mesmo tempo que a Confederação do Trabalho tenciona convocar uma greve geral em princípios da próxima semana, em apoio de reivindicações de 40 por cento de aumento de salários. O sr. Fanis Makris, secretário geral da Confederação partiu hoje para Londres, a fim de assistir aos trabalhos da conferência mundial de sindicatos livres. E foi pedir o apoio daquele conclave para a pretensão dos funcionários gregos...







BOM HUMOR



— Não, não se afobe, o Benedito adora os cachorros!



— E' facilimo reconhecer os casados. Êles levamtam logo os pés.





— Calma, seu moço, ainda não lhe perguntei nadaó...



Após cinco anos de ausência, Amália Rodrigues voltou ao Brasil. Trouxe de Portugal um pouco da melacolia que a música peninsular reflete. Entre os ritmos característicos portuguêses, o fado traduz genuinamente a maneira de sentir simples e apaixonada do povo luso. E ela é a fadista número um de Portugal, pela sinceridade da interpretação

O FADO E' A ALMA DE PORTUGAL!

Amália Rodrigues, a expressão máxima do fado ★ Canção popular, sentimento de um povo ★ No teatro e no cinema ★ Espírito simples, generoso e tímido ★ Sucessos no estrangeiro ★ Saudades, a tristeza do fado

O fado visita o Brasil! Não há nenhum absurdo nesta frase, pois, na realidade, o fado, representado pela sua maior intérprete, está visitando e emocionando o Brasil. Amália Rodrigues chegou ao Rio! Mas, quem é Amália Rodrigues? E' o ídolo do povo peninsular. Ela provoca discussões acaloradas a par dos políticos mais em evidência em Portugal. Lá, política e fado são os assuntos do dia. Sempre que se fale em música popular, e consequentemente em fado, surge o nome de Amália. Intérprete sincera, apaixonada e vibrante da música que representa o sentimento de todo um povo, sua popularidade é grande, seja entre os mais humildes, como entre os da "alta sociedade", que, apesar de considerar o fado música pouco "raffinée", todavia foram conquistados pela arte dessa grande fadista.

Quando procuramos Amália, fomos impressionados, ao contrário do que esperávamos, pela simplicidade e timidez com que nos atendeu.

— E' que em Portugal — explicou — não existe essa preocupação de pôr em evidência um personagem qualquer, focalizando-o através da imprensa ou do rádio. E' falta de hábito.

Cabelos e olhos pretos, estatura mediana, feições marcadas, porém, delicadas, tez morena, formam um conjunto tipicamente latino. Latino da Ibéria, pois o que mais atrai são os traços da raça moura, que tantas influências deixou na pátria de Camões. Olhar triste, perdido ao longe, refletido por grandes e redondos olhos negros.

À nossa pergunta sôbre suas atividades em Portugal, respondeu-nos que costuma trabalhar em teatro, tomando parte em revistas ou como protagonista de operetas.

— Atua no rádio?

— Raríssimas vêzes o tenho feito.

— Quais são os teatros e os ambientes em que costuma cantar?

— Em todos os teatros e em qualquer ambiente. Desde o Teatro Nacional até os bares, dos cassinos aos restaurantes típicos nos arredores de Lisboa. Os ambientes que frequento são os mais heterogêneos possíveis. Canto para os fidalgos e os ricos, como para a gente pobre e humilde. Aonde estiver um apreciador do fado, aí estarei para cantar.

— Qual é a música mais em voga em Portugal?

— O fado. Existem outras, marchas, viras, fandangos, êstes só para dançar. A mais divulgada, a música nacional, é o fado.

— O que é que representa o fado para os portuguêses?

— A música é a expressão mais sublime do sentimento de um povo. Nós sentimos necessidade de externar de alguma maneira o que nos vai pela alma. Seja alegria ou tristeza, principalmente esta, tudo é motivo para que se exteriorize através do som das guitarras e das nossas vozes, o que nos faz vibrar o coração, êsse nosso coração tão sensível! Felicidade, contenta-



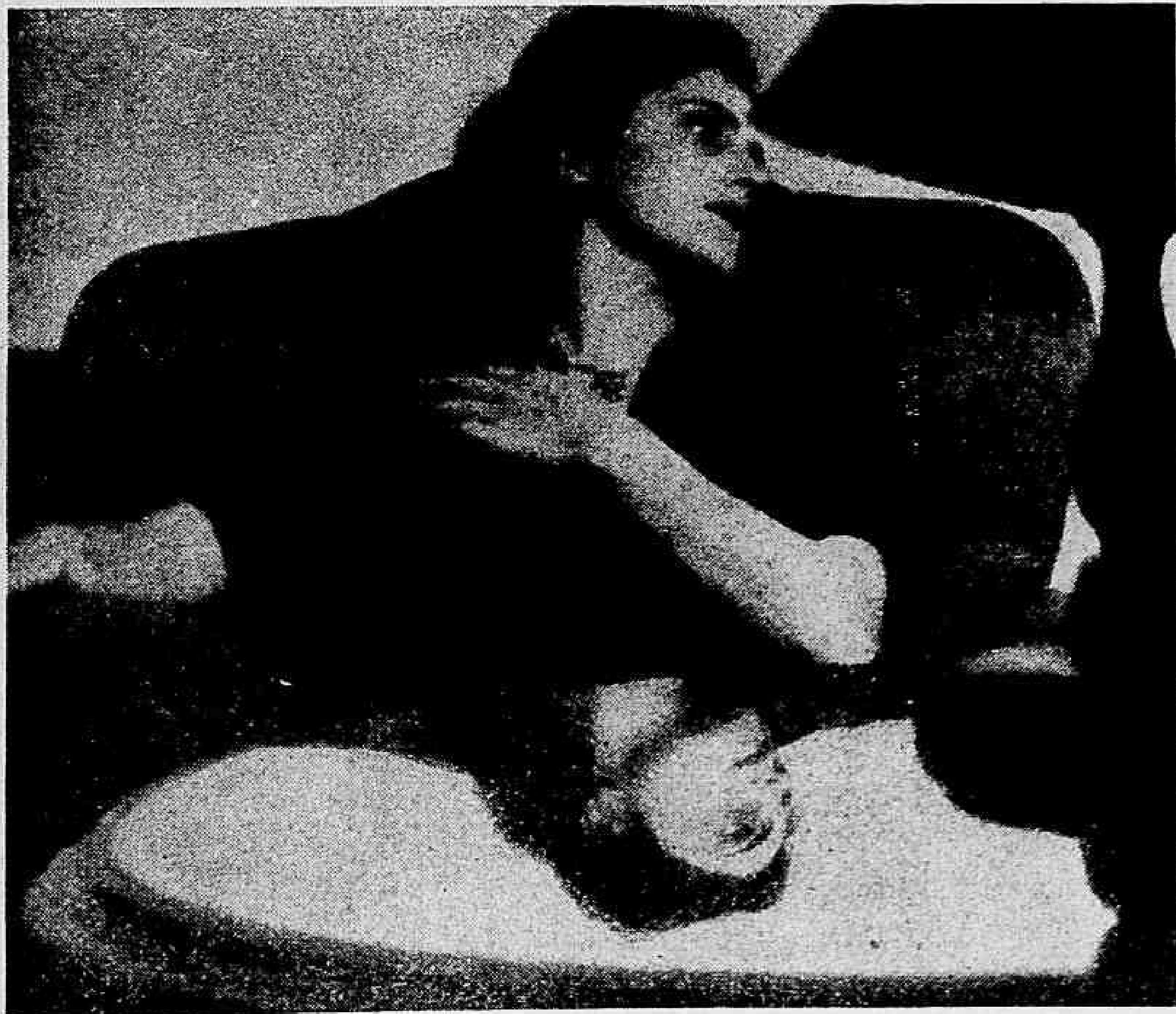
Amália impressiona-se com a natureza e admira o povo brasileiro, mas não esquece a Lisboa. Nunca demora muito tempo num lugar, porque a saudade não o permite



A generosidade é um dos predicados de Amália. Assim como recebe presentes, do tipo da esplêndida jóia que ostenta na gravura, não se faz de rogada para ser a doadora. Auxílios financeiros os distribui a mancheias, especialmente entre artistas novatos ou de pouco mérito, que encontrariam, portanto, dificuldades em ganhar o suficiente para viver

mento, mágoas, sacrifícios, dores, êsses são os motivos do nosso canto. Não quero discutir a origem do fado, pois para isso falta-me competência, mas dizem alguns que o fado nasceu quando Portugal esteve no ápice de sua glória. Seus bravos navegadores saíam, oceanos afora, para descobrir mundos novos. Uma vez nas terras distantes, sem esperanças para um breve retôrno, o sentimento que mais os atormentava, que os dominava mesmo, era a saudade. Tão peculiar à nossa raça, a saudade nos abate, nos entristece, nos faz chorar. Qual o melhor meio para arrefecer um pouco essa vibração que nos enche o peito, se não pegar numa guitarra, arrancar dela os sons monótonos e melancólicos que os mouros nos ensinaram, para acompanhar o grito angustioso que nos sobe da alma? Assim faziam os navegadores, pois já então as guitarras eram partes integrantes das tripulações das caravelas. Eu mesma possuo uma guitarra cuja data de fabricação remonta ao ano de 1623. Portanto, nada de extraordinário se a lenda correspondesse à realidade. Seja como fôr, o fado reproduz e descreve a nossa passagem pela história da humanidade. E' às vêzes agradecimento às dádivas de Deus, outras é revolta contra o destino; lembra as passadas glórias de Portugal desbravador e narra a felicidade de um povo trabalhador; resume as tristezas de u'a mulher apaixonada e a paixão de um rapaz desprezado. Enfim, o fado sempre conta uma história.

Ao ouvir essas palavras, ficamos melhor compreendendo o fado e seu importante significado para o povo português, e mentalmente reproduzimos o que nos haviam relatado sôbre a influência que Amália exerce em quantos a ouvem, lá em Lisboa. Nascida no bairro de Alcântara da capital lusa, com uma infância difícil e pobre, Amália tem o fado impregnado no sangue. Seus patrícios adoram-na, pois sabem que só ela consegue exprimir o que os faz sofrer. Imitam-na as mulheres nos gorgeios, os homens, não chegando a isso, assobiam seus fados. Em qualquer lugar em que apareça é recebida festivamente. Pessoas de tôdas as classes sociais prestam-lhe tributo, querem pelo menos aproximá-la, para tocar mesmo de leve no seu vestido. Entre as muitas casas em que ela canta, podemos citar o Café Luso, A Adega do Machado, a Adega do Mesquita, o Cassino do Estoril, o restaurante do Negraça, o Nina, o Tocai. Alguns dêsses lugares são de típica feição portuguêsa, rústicos, frequentados por pessoas de poucos recursos. Amália visita-os em companhia de amigos, e ocupa u'a mesa qualquer, no meio do barulho e da confusão reinante em volta. Reconhecida, chovem os pedidos para que cante. Afinal acede, e então alguém em voz alta pede atenção e anuncia o número que ela irá cantar. Apagam-se tôdas as luzes, ficando acesas apenas as velas nas mesas. Amália ergue-se, recosta-se à parede, levanta a cabeça e começa a cantar. Nesta altura o ambiente já modificou completamente. Silêncio absoluto. Ai de quem cochichar ou simplesmente tossir. Ninguém encara a cantora. Apoiam os braços nas mesas, reclinam as cabeças descansando-as nas mãos e escutam em recolhimento religioso. Dir-se-ia que todos estão rezando e que a solista é Amália, intérprete perfeita das preces que cada um desejaria elevar a Deus, mas que não o faz por não saber se exprimir. Alguns choram, tal é a comoção. Os muitos estrangeiros que frequentam êsses lugares, em busca de côr local, apesar de estranhar o ritmo e a melodia, por desconhecê-los, também ficam visivelmente impressionados.



Recordar é viver e sofrer. E o fado é a recordação nostálgica de tudo o que passou, mesmo dos tristes momentos da existência, olhados através da nuvem do esquecimento



A guitarra é o símobo do fado apesar de sua origem árabe. Introduzida na península pelos mouros é hoje tipicamente portuguêsa. Amália possue uma guitarra em miniatura



ESTA E' A PERSONIFICAÇÃO DO FADO: MUSICA UM POUCO UNIFORME E DOLENTE DA GUITARRA, NATURALIDADE DAS ATITUDES ESPONTÂNEAS, QUENTURA DO SANGUE LATINO, LAMENTO ARABE E UM POUCO DE SENSUALIDADE



A MAIORIA DOS VESTIDOS DE AMÁLIA RODRIGUES SÃO PRETOS, O QUE REALÇA AINDA MAIS SEUS CABELOS E OLHOS PRETOS E A TEZ LEVEMENTE AMORENADA. NO PRIMEIRO PLANO VÊ-SE A FRANJA DO CHALE PORTUGUÊS



Quando Amália canta, a concentração, em volta, é total. Seus patrícios choram e os estrangeiros se emocionam pelo poder lastimoso dos fados como o "Ai, Mouraria"

Perguntamos, em seguida, quais os fados mais em voga atualmente.

— Há muitos: "Amanhã", "Confesso", "O fado de cada um", "Malhoa", e, acima de todos "Ai, Mouraria". Os dois últimos falam de dois bairros de Lisboa. O Mouraria chama-se assim porque é antiquíssimo, vindo da época das invasões mouriscas.

"Ai, Mouraria" constitui mesmo a coqueluche do momento em Portugal, sendo por todos cantado e apreciado.

— E sôbre cinema, o que nos diz? Quais os filmes que já realizou? Tem outros programados? Filmará fora de Portugal?

— Em Portugal fiz "Capas Negras", "O Fado", que eu considero o ponto alto da minha carreira cinematográfica, e "Vendaval Maravilhoso". Na Espanha fiz alguns documentários sôbre a música portuguêsa. Pretendo fazer ainda "Ai, Mouraria", "Eram duzentos irmãos" e uma nova edição de "A Severa", com Antônio Vilar. Na França farei talvez "A Nazaret".

— De que gosta mais, de teatro ou de cinema?

— Como trabalho, prefiro o cinema, pois livra-me da platéia que, por ser eu muito tímida, sempre me atemoriza. Como espetáculo, prefiro o teatro, pela presença dos artistas e por viver junto com êles e ao

(Cont. na pág. 52)

O fado raras vezes é alegre. Quase sempre reflete uma queixa, contra o destino, contra o amor inconstante dos homens... é a nostalgia do passado... a saudade inconformada



Nicodemus AGITA A MASSA CINZENTA DE SUA CAIXA PENSANTE RETIRANDO DE LÁ ALGUMAS IDÉAS QUE VIERAM À TONA COMO

BOLHAS DE SABÃO...

MANEQUIM FEITO DE ENCOMENDA...





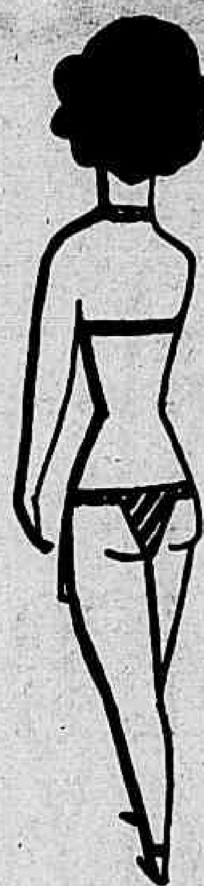


HOMEM QUE PERDEU A CABEÇA POR OUTRA MULHER...



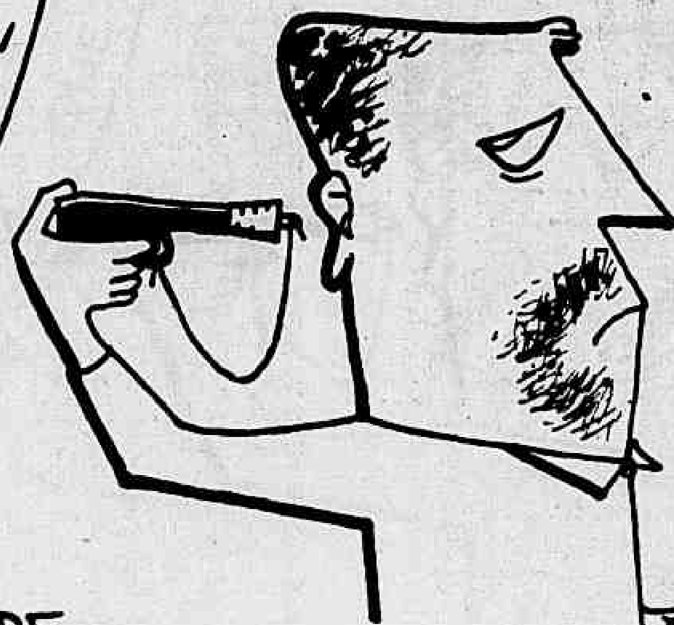
ROUPA DE RECEM-CASADOS...





TRAJE DE BANHO PARA AS PESSOAS DE DUAS CARAS QUE SÃO A FAVOR DA CAMPANHA DA DECENCIA MAS QUE PELAS COSTAS A ABOMINAM...





MIOPE COM MANIA DE SUICIDIO...



DELORA BUENO é seu nome exato, mas já os norte-americanos a cognominaram de "Chiquita Tropical". Ela parece ter encontrado a sua cobiçada oportunidade na televisão, e vamos reconhecer que não lhe faltam predicados fotogênicos. Ela é bonita!

UMA BRASILEIRA "ESTRELA" DE TELEVISÃO

DELORA BUENO EM DESTAQUE NA CADEIA DE TELEVISÃO "DUMONT TELEVISION NETWORK" DE 49 ★ E ATÉ JA' GANHOU UM APELIDO: "CHIQUITA TROPICAL"

Por JAMES BARTON JR.

NOVA YORK, dezembro (Via aérea) — Uma jovem cantora de músicas populares brasileiras, também nascida nesse país, vem recebendo justas homenagens como "estrêla" de 1949, na cadeia de televisão "Dumond Television Network". Chama-se na realidade Delora Bueno, mas já foi apelidada, com muito espírito, a "Chiquita Tropical", talvez parodiando a heroína de uma famosa marcha carnavalesca do Rio.

Ela vem de atuar com muito brilho no festival que anualmente o diretor-presidente da United Fruit C8, sr. T. Jefferson Coolidge, oferece à sociedade de Boston.

Nessa tradicional festa — um deslumbramento de música, luzes e côres — à qual comparece o que há de mais seleto na sociedade bostoniense, Delora Bueno cantou vestida de modo pitoresco em riquíssima fantasia característica de cetins multicores, imitando flores e frutos dos trópicos. Foi quando lhe deram o nome de Chiquita Tropical.

Grande número de altas personalidade spresentes, demonstraram vivo entusiasmo pelas bonitas canções que Delora apresentou com graça e maestria. O que teria sido apenas um recital, repetiu-se ao correr da noite, demonstrando como são apreciadas e aplaudidas nos Estados Unidos as melodias brasileiras quando interpretadas com brilho e sinceridade.

Delora Bueno representou nessa festa, a graça e a pujança dos trópicos, e, indiretamente, a riqueza da sua pátria que também exporta milhões de cachos do precioso fruto — banana — que Delora costumava colher em seu quintal. De resto, ela aprecia tôda a espécie de frutas tropicais. Está ficando uma figura muito popular nos Estados Unidos, recomendando "a humilde banana como uma das frutas mais vitaminosas e saudáveis para tôdas as idades" e aconselha que não se deve colocá-la em refrigeradores.

— Os norte-americanos precisam aprende ra saborear o mais apetitoso e nutritivo fruto tropical — disse Chiquita Tropical aos repórteres. E suas palavras foram divulgadas por centenas de jornais, em todo o território norte-americano, embora alguns o fizessem com o clássico "sense of humor" da terra.:

★

— Os frutos europeus são deliciosos, não digo o cntrário — acrescentou — mas temos no Brasil outros que os substituem com extraordinária vantagem, principalmente no poder nutritivo. Nenhum deles suplanta a banana. Com ela se alimentam muitos homens do campo, cujo labor exaustivo lhes impede algumas vezes de tirar o tempo para uma refeição tranquila. E nem por isso ficam mal alimentados.

★

A televisão está, assim, utilizando de maneira inédita, um tipo de beleza sulamericano. E' o Brasil que melhor proveito vai tirar dessa oportunidade. Delora Bueno está sendo vista por milhões de homens e mulheres da terra de Mr. Truman, através da televisão, que faz realçar de modo extraordinário seus encantos peculiares de mulher brasileira. Muitas norte-americanas a invejam nessa oportunidade. Ela declara que não pensa em fazer cinema por enquanto, mesmo porque a televisão dá resultados compensadores em nada inferiores aos de Hollywood.

— Entretanto, é certo que se me oferecerem uma oportunidade das boas de verdade, não irei perdê-la. Vim para esta terra longe de imaginar que na televisão estivesse oculta a "chance" pela qual tôda mulher ambiciona. E orgulho-me de ter sido a escolhida para êsse festival. Mando para o Brasil e para todos os meus patrícios, os meus cumprimentos — e saudades.



EMBORA muito estilizada, ela conserva o "it" e a vivacidade da mulher brasileira. Uma fantasia de cetim, um chapéu de flores e frutos tropicais, e aí está Chiquita...



CHIQUITA TROPICAL OU CHIQUITA BA-CANA? A CANTORA BRASILEIRA DI-LORA BUENO ESTÁ INDECISA NO APE-LIDO QUE LHE SERVIRÁ DE CARTAZ QUANDO REALMENTE FÔR UMA IN-VEJÁVEL "ESTRÊLA" DA TELEVISÃO

UM SANTO DE BARRO

Conto de EUGENIO MORATO

PARA meu Tio Cândido, a cuja casa o destino me levara ainda menino, como pupilo, eu era agora, aos vinte e um anos, um rapaz virtuso. Um tímido — isso sim. Era o que certamente pensava êle de mim. Um tímido de vinte e uma primaveras, que mais pareciam outonos, porque vividas na sombra da orfandade.

E Tio Cândido ainda se apegava à teima de não me julgar um espírito emancipado. Tinha para mim que êle me adotara para ser seu eterno pupilo. Não me outorgava poderes para outra coisa.

Eu era como que o para-choque de suas emoções, o receptor de sua loquacidade. Meu silêncio servia de escudo à explosão de seus ressentimentos.

Seus sermões, ao almôço e ao jantar, eram especialmente dirigidos às filhas. Meu silêncio neutralizava um pouco o efeito dessas advertências.

Tio Cândido especializava-se como censor austero. Queria sempre doutrinar. Com seu modo judicioso de agir, via em si um êmulo de Catão. Com efeito, parecia catequista experiente e possuía a argúcia mental de um enxadrista.

Todos os dias citava conceitos morais de seu "amigo" Renan. E, se bem que sempre lesse as lições piedosas de Racine (a quem chamava "meu irmão"), Tio Cândido afirmava que jamais perdoaria a si mesmo qualquer falta. Porque não admitia deslizes morais. Não tolerava chicanices. Tudo tinha de ser muito claro, muito exato.

Um símbolo de santo, o Tio Cândido.

Eu o ouvia, admirado, sempre em silêncio. Nunca discordava dele. E, se havia em casa um personagem fechado em si mesmo, um espectador à margem da vida, — êsse personagem era eu.

Os demais opinavam, discutiam, vibravam.

★

Tomávamos o café da noite.

Dona Amélia (minha segunda mãe), minhas primas e eu comentavam a ausência de Eunice, a mais jovem. Ainda não havia voltado do "footing" da tarde.

— Nesta casa, — falou Tio Cândido em tom enérgico, — não permito desobediências. Não tolerarei abusos!

— Mas, ora! — interveio Dona Amélia — Eunice não desobedeceu a ninguém. Se arranjou algum namorado, que mal há nisso, Cândido? Todos nós já passamos por essa fase.

— Você não conhece o mundo, Amélia. Vivemos dias terríveis! Na mulher morrem as virtudes. No homem, o senso da moralidade.

— E' que os tempos são outros, senhor Cândido — aparteou o genro, um positivista.

— Outros, nada! Outros somos nós. Mas, segundo São Mateus, quando aparecer no céu o sinal do Filho do Homem, o sol e a lua apagarão sua luz, as estrêlas cairão, e os povos da terra lamentarão seus pecados...

— Tudo isso é muito bíblico, senhor Cândido — criticou o genro, gracejando. Palavra que gostaria de assistir a essa chuva de estrêlas de São Mateus!

Tio Cândido não respondeu. Voltou-se para mim, com a altivez de um teólogo:

— Ora, vejam: meu genro, um adepto do paganismo! Daria um magnífico discípulo de Juliano, o apóstata, que atirou contra o céu o seu próprio sangue, depois de derrotado.

— Bonita oração! — exclamei.

— Histórias... — criticou o genro, picando fumo, com a palha entre os dedos.

Tio Cândido, altaneiro, mudou de assunto e ordenou-me:

— Ricardo, dê uma volta pelo bairro e me traga Eunice. São nove horas, e essa mocinha na rua!

— Que cativeiro! — suspirou Dona Amélia. — As meninas não têm direito a nada. Nunca foram a um cinema, senão para assistir ao dramo do Calvário, ou a história do Bom Pastor...

★

Era sempre assim a vida em casa do Tio Cândido. Dia a dia, as mesmas coisas. Não havia um episódio, um derivativo para romper a cortina do tédio.

Tio Cândido continuava pregando, doutrinando "excathedra" sôbre assuntos de moral. Aquela cantilena diária acabaria por me tornar maníaco.

Minha vida — um remanso de água parada... Dir-se-ia que a alegria morava longe daquele solar. Mas o pior era trabalhar ao lado do Tio Cândido, no seu cartório de tabelião, porque o cenário de todo dia era invariável: cartório, sala de jantar, quarto de dormir. Raramente, um contôrno de céu estranho, uma rua diferente, um trecho de campo. E Tio Cândido achava que eu não queria outra vida!

As filhas dele — coitadinhas! — eram como flores de maracujá. Só serviam para adornar o silêncio e a solidão. Tinham beleza e perfume, mas ninguem poderia colhê-laas, ou sentir-lhes o aroma. Ah! isso nunca! Pobres meninas. Não tinham permissão sequer para sonhar.

Mas, como em tudo há sempre um imprevisto, eis que me surge uma surpresa, certa manhã. Tio Cândido me acordou dizendo:



— Ricardo, preciso de você para uma viagem.

— Que aconteceu, Tio Cândido?

— Acabamos de receber êste telegrama: "Tia Amélia, papai está mal. Roselis".

— Seu cunhado do Laranjal?

— Sim. Prepare sua mala e siga em meu lugar. De São Paulo, um automóvel o levará à fazendo do Laranjal.

Pulei da cama. Vesti-me, sorridente. Dentro em pouco, corria a alcançar um avião, com a ânsia de um náufrago que se agarra a um galho boiante...

Ao anoitecer, entrava eu na fazenda do Laranjal.

Ainda não conhecia Roselis, a sobrinha de Dona Amélia. Vê-la, foi simples, mas conhecê-la, foi sentir logo um frêmito afetivo. Belo talhe de mulher. Um modêlo de gracilidade, perdido num deserto.

Alguns dias na fazenda foram o bastante para esculpir em meu pensamento o perfil daquela camponesa. Neófito em amor, enamorei-me logo.

Roselis e eu já palestrávamos tôdas as noites. E afinal, completamos o nosso capítulo idílico com duas palavras apenas — "amo você".

★

Ao voltar para a casa de Tio Cândido, sentia-me renovado. Era outro Ricardo em espírito. Tinha começado a descobrir essa deliciosa miragem a que se chama amor.

Ao café da noite, Tio Cândido notou-me diferente e disse:

— Você está tristonho, Ricardo.

— Sou assim mesmo, Tio.

— Êle veio enamorado de Roselis, papai... — revelaram as primas.

— Ah! bem que eu percebi logo. Mas desista dessa pretensão, Ricardo. Roselis não fará nenhum homem feliz. E' menina sem juizo... Nasceu para ser livre. Nem o pai consegue dominá-la.

— Gosto dela mesmo assim, Tio Cândido! — retruquei decidido.

— Sim, senhor! Uma ovelha má desorientou o pastor! Não admito que um moço de minha criação vá se perder com tal mocinha, — entendeu?!

Resolvi romper meu silêncio de respeito, escolhendo palavras:

— Tio Cândido, o senhor pode ser um moralista sincero, mas adaptado unicamente às próprias deduções, só sabe preceituar dentro dêsse egocentrismo...

Não terminei. Fugiu-me a voz. Estalou a borrasca.

Tio Cândido levantou-se. Engrilou-se todo, como um peru. Fixou-me o olhar e, aboquilhando felemente os lábios, à vista de todos, ordenou como um César:

— Retire-se, "seu" peralvilho!... Suma-se daqui!...

Subi para o quarto. Para mim, aquêle incidente era o mesmo que nada. Já não me sentia envenenado pelo silêncio. O segrêdo demasiado age, às vezes, como um veneno. E aquelas lições de moral do Tio Cândido, dadas em excesso, me haviam intoxicado a alma.

Agora, nada de preconceitos, nada de clausura. Minha memória diluía-se tôda na saudade de Roselis.

Aquêle beijo dela (o primeiro de minha vida), fixava-se, a cada momento, em meu cérebro. E aquêles olhos líricos piscavam constantemente em tudo o que via em tôrno de mim.

Ainda me lembro de que uns pingos de chuva doirada lhe borrifavam os cabelos, quando ela me fôra encontrar à porteira do pátio da fazenda.

Agora, já eu podia compreender o sentido daquela frase de Lamartine, quando dizia que uma paisagem é um homem ou uma mulher. Para mim, só existia agora uma paisagem — a do Laranjal, e ela era Roselis.

E, com tais pensamentos, passei a noite na inquietude de um jovem que ama pela primeira vez.

★

No dia seguinte, não almocei em casa. De um restaurante fui diretamente para o cartório.

Tio Cândido nunca aparecia na sala de trabalho antes das duas horas da tarde. Deixava tudo por minha conta.

Valendo-me de sua ausência, e tonto de saudades, senti-me inspirado e comecei a burilar frases para escrever a Roselis a minha primeira carta de amor!

> "Querida Roselis. Não posso esquecer minha ida ao Laranjal; foi como que me descobrir a mim mesmo, porque eu não sabia onde estava. Você descobriu minha alma, Roselis, para povoá-la com o esplendor de sua juventude. Descobriu-a desde aquêle nosso passeio de bote na lagoa da várzea, aquela tarde. — lembra-se? Foi quando você me deu aquêle beijo, que ainda sinto e que só a estrêla da tarde viu..."

Subitamente, tilinta o telefone. Vou atender, e escuto:

— E' do cartório do senhor Cândido?

— Sim, mas êle não está. Algum recado?

— Aqui fala um amigo dele. Quero informar que o senhor Cândido acaba de sofrer uma sincope...

— O Tio Cândido?! Coitado! Onde está êle?

— Estava em visita a alguém, aqui no hotel Esplanada, quarto 20 6.º andar, quando adoeceu...

— Pois irei imediatamente. Obrigado.

Tocado de comoção, deixei minha carta de amor por terminar. Saí e tomei um carro. Pedi que corresse, que voasse para o hotel Esplanada.

Na primeira praça, houve uma interrupção: passava um cortejo fúnebre. Mais adiante, outra interrupção:

(Cont. na pág. 52)

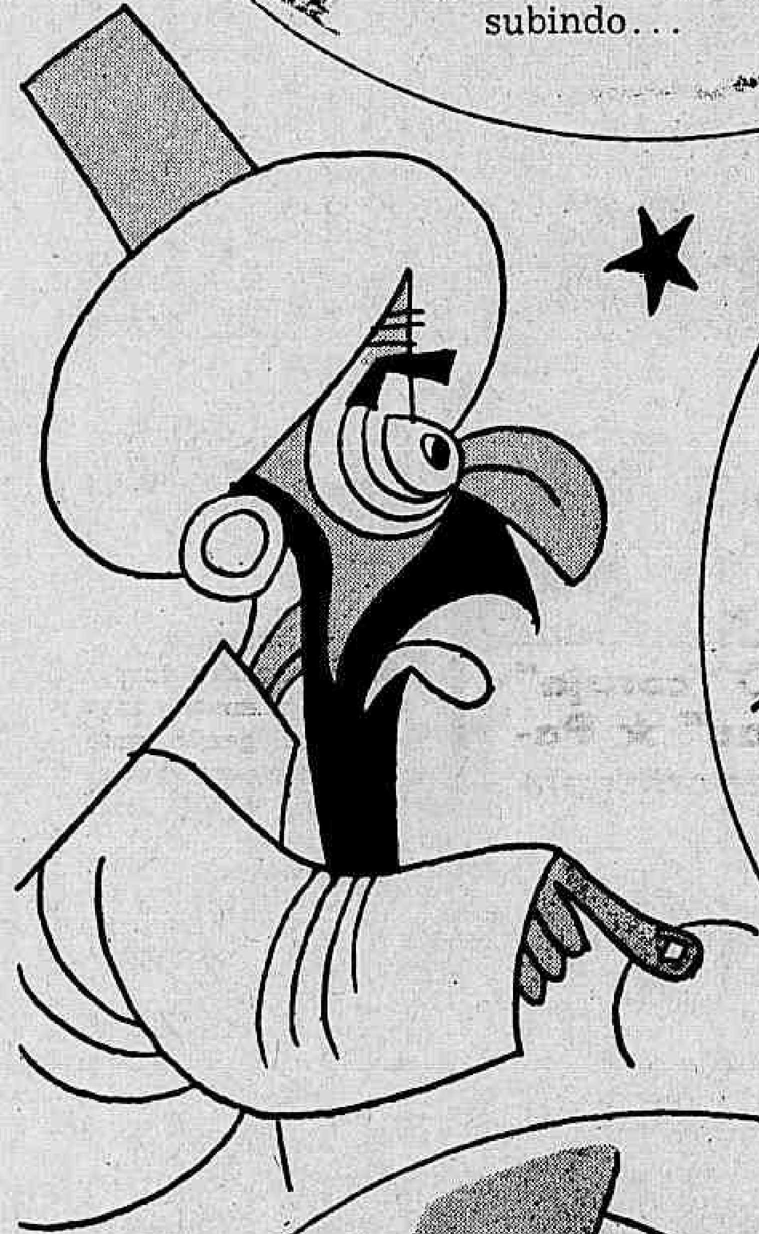
PROFECIAS PARA 1950



Os gêneros continuarão subindo...



Movimentos revolucionários na América Latina...



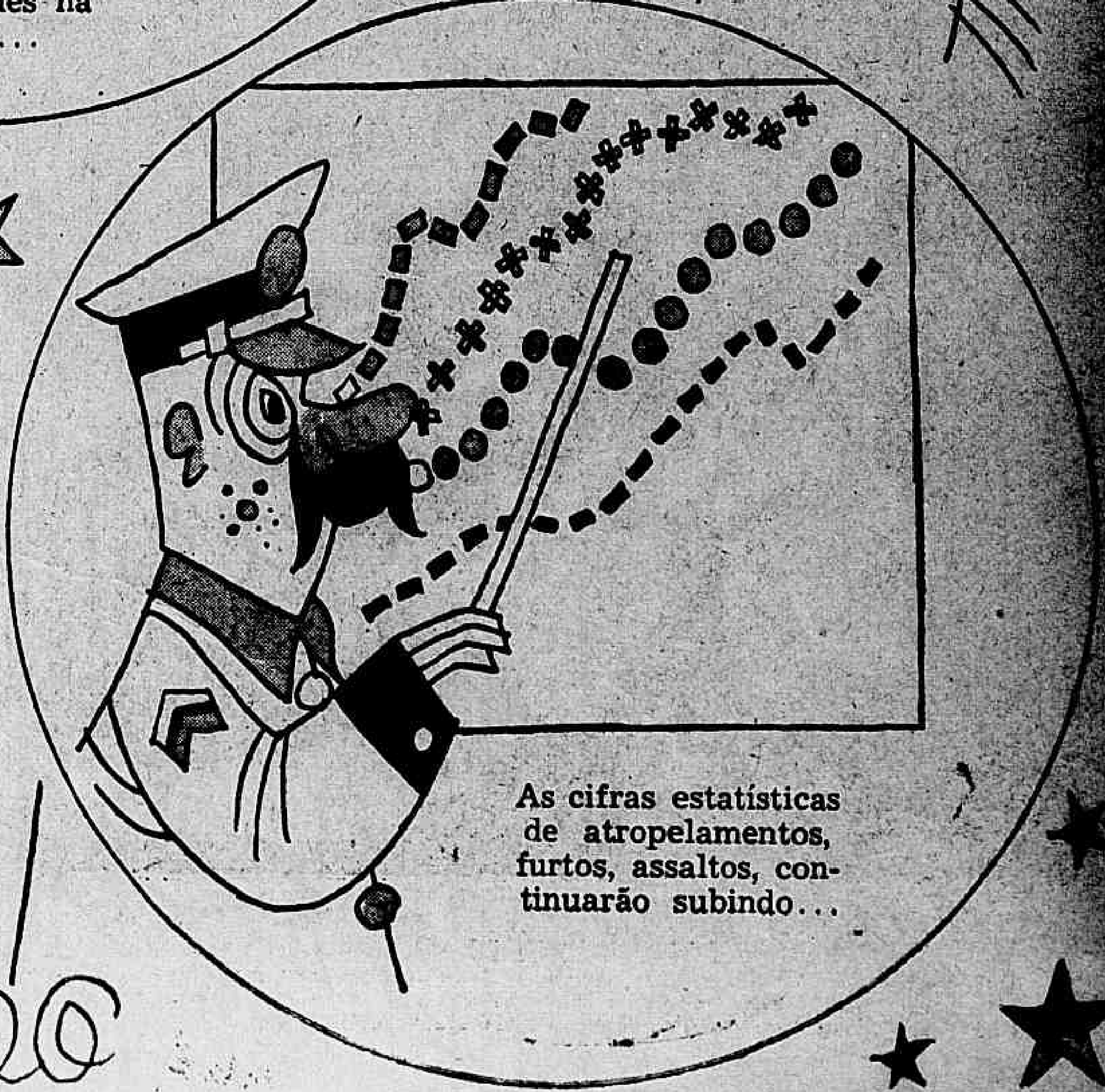


Atrocidades na China...





O Brasil elegerá um novo presidente



As cifras estatísticas de atropelamentos, furtos, assaltos, continuarão subindo...

RÁDIO-AMADOR - UM CRIADO ÁS ORDENS!



PASSA-TEMPO ÚTIL

Com o seu modesto equipamento — modesto mas preenchendo muito bem as finalidades — o sr. Cody Azambuja, retido em casa por longos meses devido a uma enfermidade, tem um companheiro fiel. Distrái-se e vai se instruindo, pois no rádio há sempre novidades. Êle fica em contacto com o mundo sem sair de sua residência. E vive melhor

A LABRE e os serviços inestimáveis de seus associados ★ Capacidade técnica ★ Código e jíria ★ O "coruja" Bons e maus elementos ★ Clube do "Pica-Pau" ★ Patrulha do ar a serviço da comunidade ★ A reportagem da REVISTA DA SEMANA pelo ar

Reportagem de SABINO CANALINI

— "Alô, alô, colegas da 20 metros, aqui PY... PY..., fazendo um chamado geral. PY... sintonizando em 20 metros e pedindo um QSO..."

Quem sabe quantas vezes os leitores não terão escutado mensagens semelhantes em seus receptores, nas ondas curtas e mesmo interferindo nas audições de nossas emissoras comerciais. Por causa dos dados misteriosos contidos nessas mensagens, em que se fala de tantos metros, enunciam-se prefixos complicados, códigos e jíria inexplicáveis para a maioria, a opinião pública a respeito dos radioamadores não é nada edificante. Os mais benevolentes chamam a "isso" de brincadeira, de mania. Outros vão mais longe, taxando-os de malucos, ricaços desocupados que procuram se distrair com êsse passatempo pueril, prejudicando os interêsses do resto sensato da humanidade.

Pois foi no meio dêsses "malucos" e da estranha linguagem deles que nós vivemos algum tempo para verificar pessoalmente e compreender o que vem a ser um radioamador.

Confessamos que nos primeiros instantes tivemos a impressão de estar visitando outro planeta, talvez Marte, onde dizem que há gente mais evoluída que a terrestre. Nosso contacto inicial foi na sede da LABRE, a entidade máxima dos radioamadores. Vimo-nos, de súbito, cercados por microfones, extensões, altofalantes, transmissores, válvulas, bobinas, antenas, receptores e mais não sei quantos aparelhos desconhecidos, manejados com segurança por pessoas que se exprimiam numa linguagem característica. No espaço exíguo da sala havia também várias mesas ocupadas por máquinas de escrever, calcular, fichários, arquivos, es-



NOVAS TÉCNICAS

Entre os radioamadores há os que vivem pesquisando, experimentando novas técnicas. Exemplo é o eng. José Garnier Simões, cuja esposa, d. Jeny Pimentel Simões, contribuiu para salvar o tte. Roberto Fonseca, numa aterrissagem forçada na linha de Santana

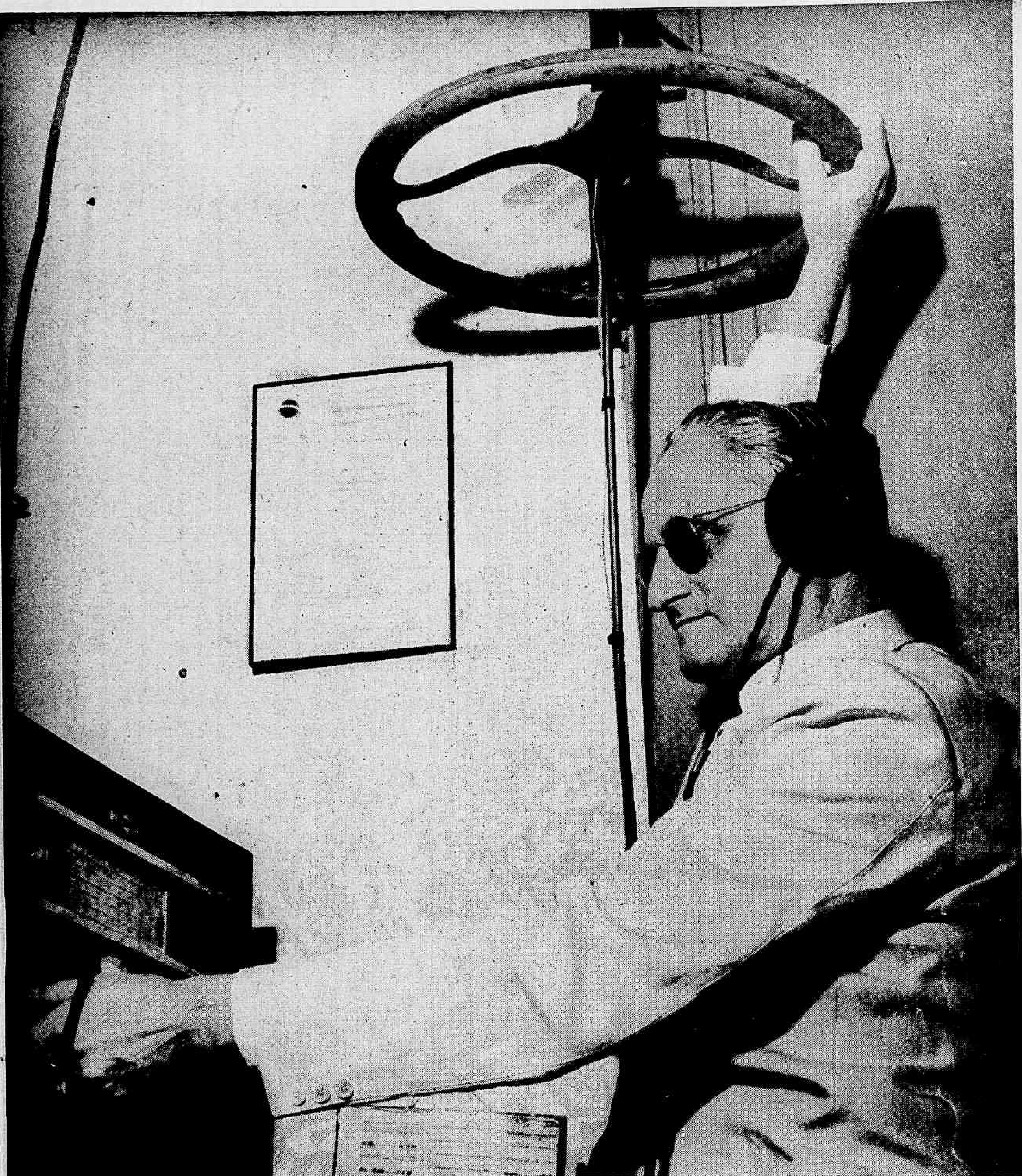


O VICE-PRESIDENTE

Na LABRE, todos os membros da diretoria trabalham para uma melhor situação dos radioamadores. Reforma dos estatutos, fiscalização mais severa dos transgressores, nova sede, curso de telegrafia, etc. Êste é o vice-presidente, sr. Paulo Manzo, na sua PY 1 AA



BARBOSA JUNIOR levou para o rádio-amadorismo a sadia "Onda da Amizade". Como telegrafista, opera também em CW, tendo cooperado várias vêzes em casos de urgência em benfício do próximo



UM VETERANO

João Emiliano do Lago, apesar de cego, é radioamador desde a primeira hora. Tem 24 anos de prática radiotécnica, é professor dessa matéria no Instituto Benjamin Constant e o segundo em antiguidade entre todos os prefixados na LABRE

tantes, pilhas de livros, gavetas cheias de enrolamentos, fios de tôdas as espécies, alicates, ferros de soldar, filamentos, cristais — enfim, o que êles chamam de sucata. Os funcionários em vai-e-vem constante davam ao ambiente um ar de colmeia. Foi nessa colmeia que, fidalgamente recebidos por todos os obreiros, apesar de pertencer a uma espécie de abelha diferente, obtivemos as informações e observações contidas nesta reportagem.

A LABRE

A Liga de Amadores Brasileiros de Rádio Emissão — LABRE — foi organizada em 2 de fevereiro de 1934, instituída em Órgão Oficial Coordenador do Radioamadorismo Nacional a 4 de março de 1939; é uma sociedade civil de caráter científico, experimental e educacional, sem fins comerciais. E' um serviço de instrução individual, de intercomunicação e estudo técnico efetuado por amadores, isto é, por pessoas devidamente autorizadas, que se interessam pela técnica da radioeletricidade, a título unicamente pessoal e sem interêsse pecuniário. O quadro dos sócios, ouvintes e prefixados, os que possuem estação emissora-receptora licenciada, é distribuído por todo o território nacional da seguinte maneira:

Estados	Região	Sócios	Prefixados
Distrito Federal	1	1.005	746
Estado do Rio	1	232	180
Espírito Santo	1	64	51
		1.301	977
São Paulo	2	1.168	1.055
Goiás	2	136	98
		1.305	1.153
Rio G. do Rul	3	804	632
Minas Gerais	4	924	760
Paraná	5	152	112
Santa Catarina	5	113	88
		265	200
Bahia	6	157	111
Sergipe	6	43	40
		200	151
Pernambuco	7	156	123
Alagoas	7	40	20
Paraíba	7	31	23
R. G. do Norte	7	73	33
Ceará	7	65	54
		365	253
Pará	8	56	39
Amazonas	8	29	11
Maranhão	8	19	13
Piauí	8	14	11
		118	74
Mato Grosso	9	49	36
Total Geral		5.331	4.236

Pelo exposto vê-se que existem no Brasil 5.331 sócios da LABRE, dos quais 4.236 são prefixados, e, portanto, com estações emissoras-receptoras. Os Estados foram divididos segundo as regiões militares. Isto porque, pelo decreto de 20 de junho de 1943, foram os labrianos considerados como Núcleo de Reservas dos Serviços de Comunicações do Exército e da Aeronáutica. O conjunto de estações de radioamadores toma o nome de Rede Nacional de Radioamadores — RNR — é fiscalizado pelos Ministérios Militares, que controlam, sob o ponto de vista militar, a RNR, organizando-a para poder ser aproveitada como cooperação civil quando o Govêrno julgar necessário. A RNR poderá prestar serviços na escuta oficial, na defesa passiva, na instrução



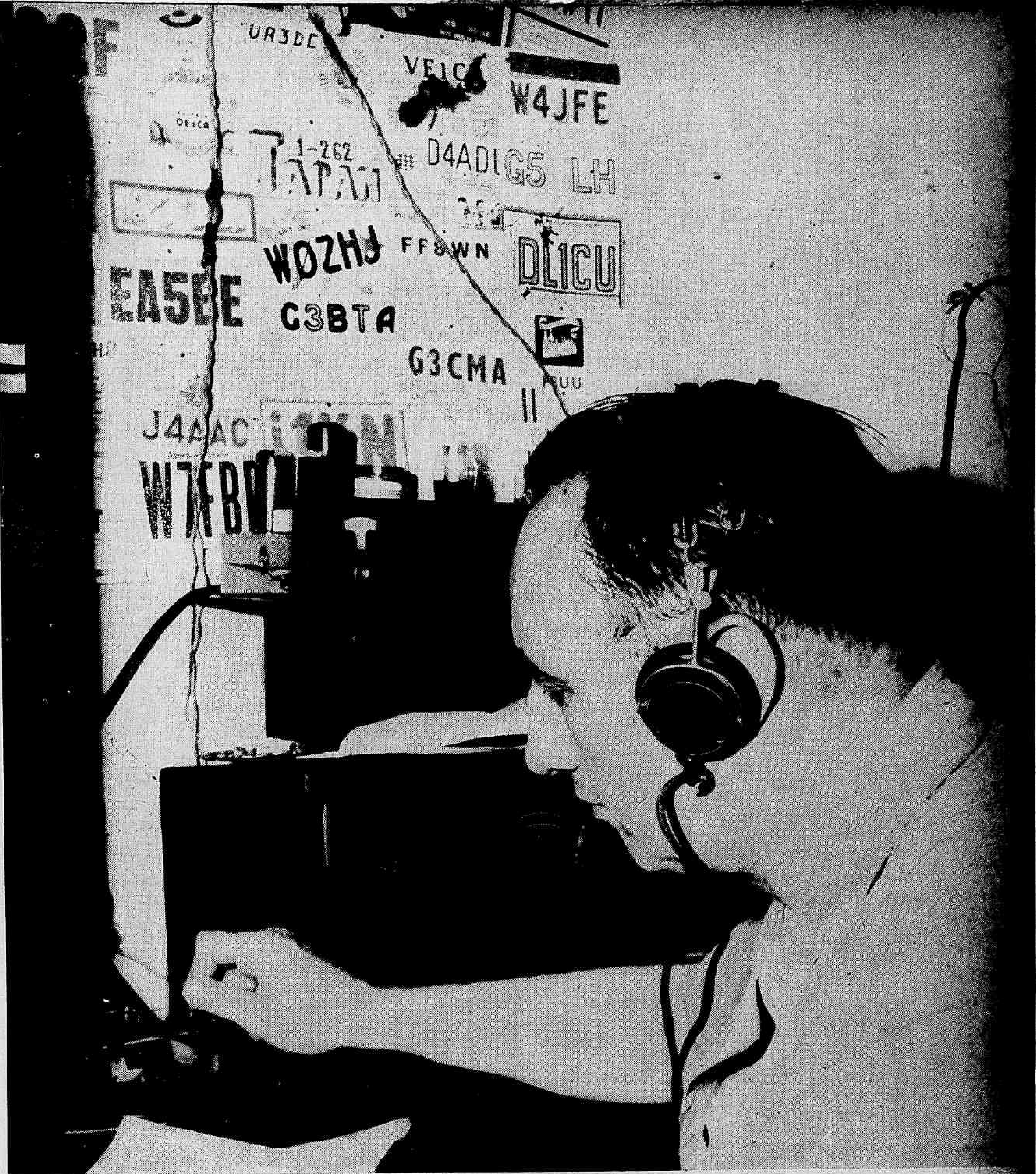
O "CORUJA"

Colado ao rádio horas a fio, noite a dentro, ouvido atento a qualquer conversa e a todo chamado geral, assim fica o "coruja", elemento tão útil e prestativo. Na foto, o sr. Célio Dinardo de Sousa, considerado o "coruja-mor" entre os radioamadores do Rio

de centros preparatórios de radiotelegrafistas e radiotécnicos no serviço de vigilância do ar, no coletamento de informações nas fronteiras e no litoral, nas informações meteorológicas, na proteção ao vôo dos aviões e ainda como técnicos nas oficinas e fábricas de interêsse para a defesa nacional. Existe um fichário com a situação militar dos radioamadores, suas aptidões, dados sôbre o equipamento radioelétrico das estações e possibilidades quanto ao emprêgo. Durante a última conflagração muitos dos aparelhos foram requisitados, outros foram postos na escuta oficial e aproveitados seus operadores.

Os sócios da LABRE, para serem prefixados — o que equivale a dizer conseguir a licença para possuir e operar um rádio emissor cujo prefixo será de sua exclusiva propriedade — devem prestar um exame de acôrdo com os programas estabelecidos pelo Departamento dos Correios e Telégrafos. O sócio escolhe a classe que desejar, pois, para permitir o desenvolvimento técnico dos radioamadores, existem as seguintes classes: classe juvenil, para os maiores de 16 e menores de 18 anos; classe C; classe B e classe A. Para passar de uma classe a outra também é preciso prestar exame. Os exames constam de duas provas: uma escrita, teoria sôbre questões técnicas e a outra de manipulação e recepção. A teórica versa sôbre conhecimentos de receptores, circuitos, antenas e dos sinais e códigos em uso. A prática é constituida pela recepção e transmissão em fonia, isto é, por meio de palavras, e em telegrafia pelos sinais Morse.

Tendo o radioamadorismo como principal finalidade o aperfeiçoamento técnico de seus associados, proibe terminantemente os labrianos de tratar de assunto político, religioso ou comercial; aceitar remuneração pelos serviços eventualmente prestados; usar comunicações em "duplex", ou seja, manter ligados ao mesmo receptor e transmissor para conversar como o fariam pelo telefone; transmitir música, discursos ou qualquer outro assunto que sirva de diversão para o público; divulgar, publicar ou aproveitar comunicações interceptadas; e por fim, abusar dos "chamados de família". A quem transgredir essas proibições são aplicadas penalidades como advertência, a suspensão por tempo determinado e a eliminação do quadro social, o que acarretará a cassação da licença e até a apreensão da estação. Para êsse fim, há na LABRE e no DCT serviços especiais de escuta para localizar e identificar os transgressores. Pelas convenções internacionais os radioamadores só podem usar determinadas frequências, cujas faixas mais usadas são as de 80, 40, 20 e 10 metros respectivamente, de acôrdo com a classe a



PICA-PAU

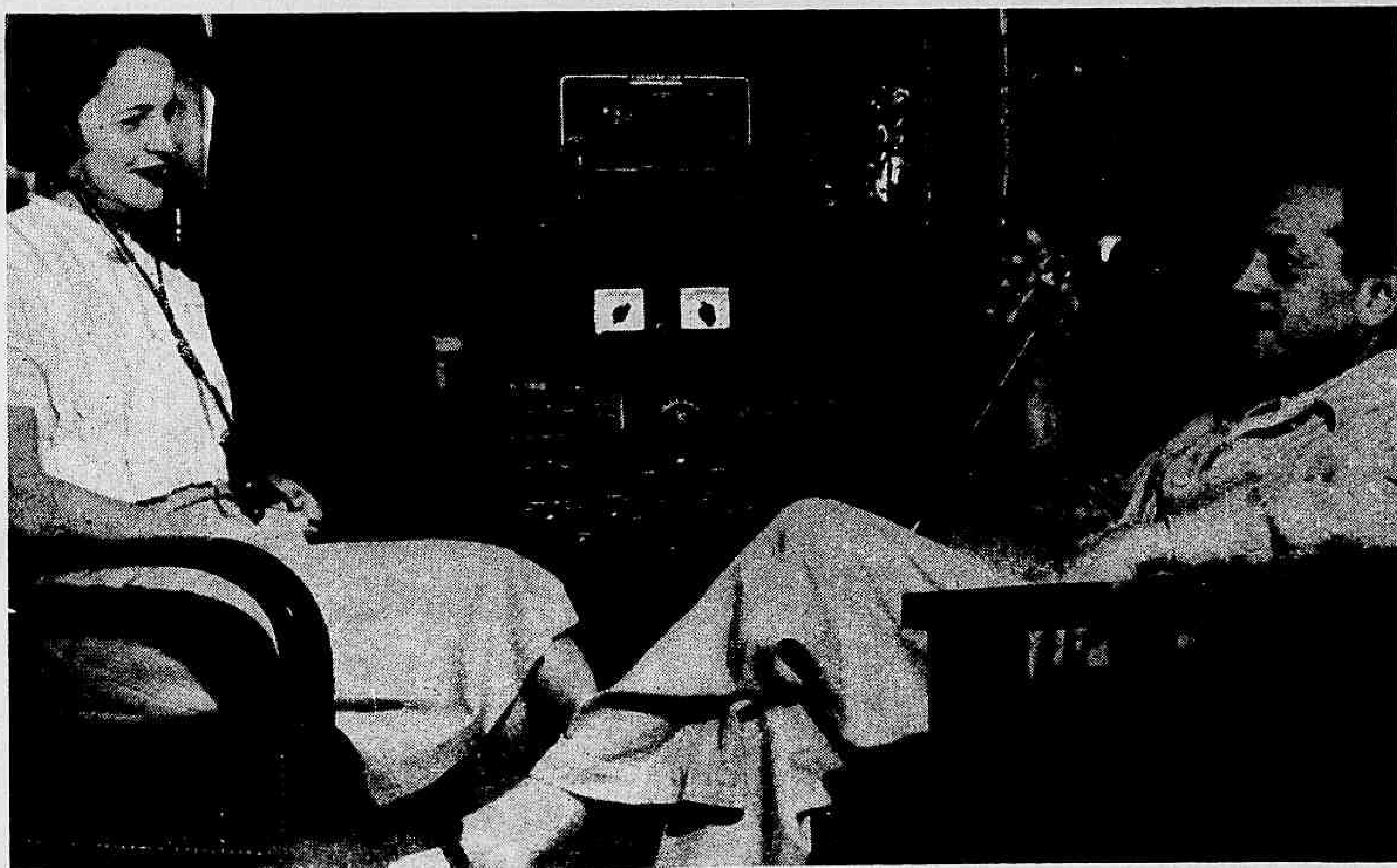
Detalhe do manipulador, o aparelho que, por ter uma vaga semelhança com o Pica-Pau, deu o nome ao Clube. Na parede, "cards" provenientes da Áustria, França, Itália, Suiça e Japão,

que pertencem. A potência máxima permitida no transmissor é de um quilowatt.

A atual diretoria da LABRE foi empossada em 28 deabril do corrente ano. O presidente da entidade é o Tte. Cel. Jorge Bayma de Paula Guimarães.

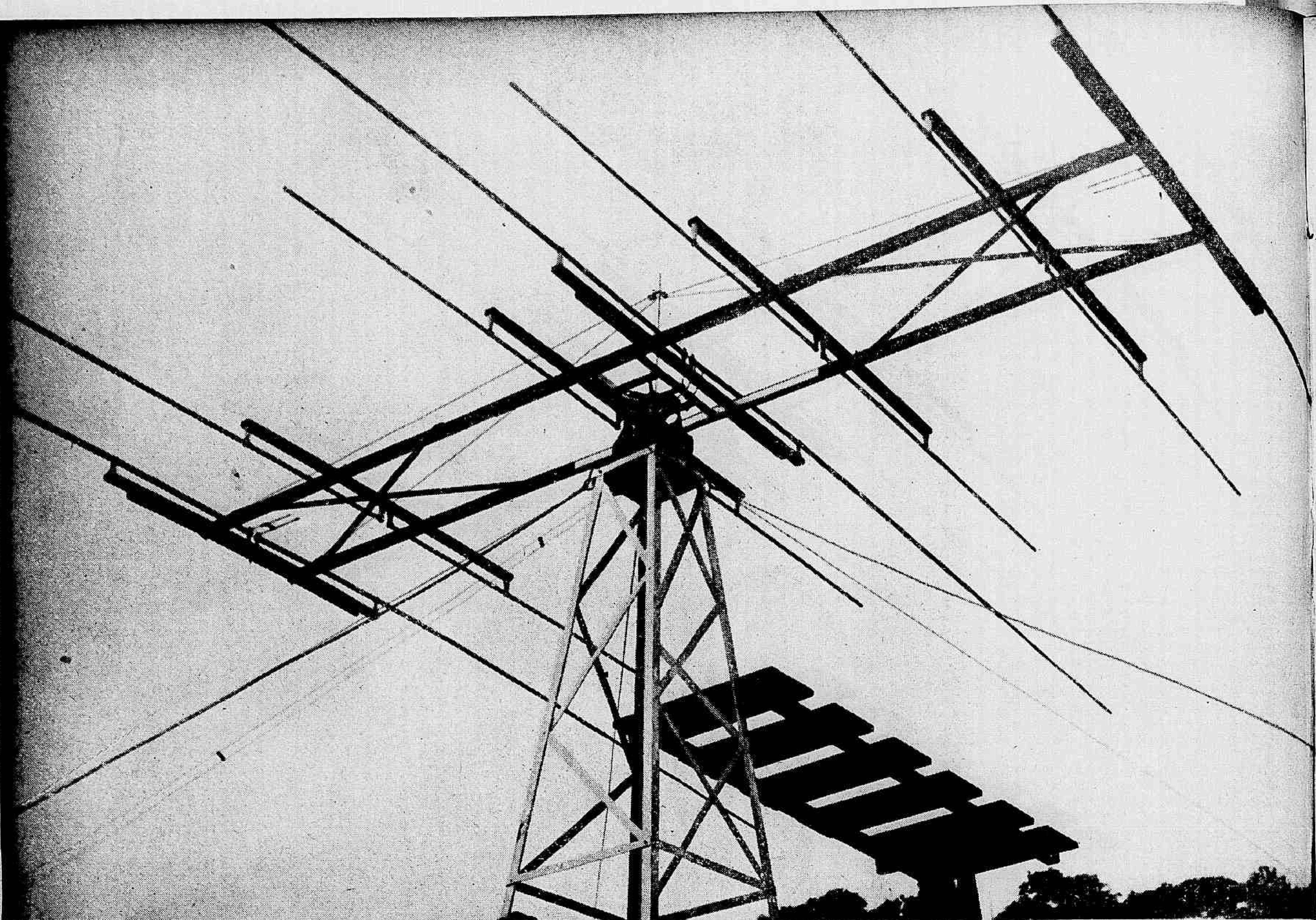
CÓDIGO DE GÍRIA

Uma das caracteristicas que mais chamam a atenção de quem escuta os comunicados dos radioamadores é o fraseado pitoresco por êles empregado. Sem as explicações necessárias é impossível compreender o que dizem. E' muito usado o código Q da telegrafia. Consiste em grupos de três letras, sendo a primeira a letra Q. Das expressões que mais ouvimos, extraímos as seguintes, com seus relativos significados: QSO é o comunicado entre os radioamadores. QSL é a prova dêsse comunicado e consiste em um cartão com o prefixo da estação, o nome do operador, as condições e data em que foi realizado o comunicado. Alguns fazem coleções dêstes "cards" que recebem do mundo inteiro, dos colegas estrangeiros, e que servem de prova para o alcance do próprio transmissor e de recibo para o comunicado. QRA é o nome do operador e QTH o seu endereço. QRT quer dizer que a estação está temporariamente sem funcionar. QTC é a mensagem. QRX serve



COM O "CRISTAL"

Possuindo um equipamento custosíssimo, o sr. Armando Calmon, um dos diretores da Rádio Nacional, esquece os assuntos de "broadcasting"... ouvindo rádio. A seu lado, o "cristal" — a esposa do rádio-amador — têrmo da jíria que explicaremos adiante



ANTENA DIRECIONAL

Esta é uma antena direcional que pode ser manobrada diretamente do interior da casa por intermédio de um motor elétrico. A onda portadora do som por ela transmitida, pelo fato de ser orientada numa única direção, tem o alcance dobrado, ao contrário da antena comum, que espalha o som em tôdas as direções. Possuí-la, é uma aspiração do amador

para fazer o colega esperar ou então para pedir a um terceiro para não interferir nas frequências que os dois radioamadores estão usando nos comunicados. QDX significa a longa distância. E. por fim, QRV é a despedida e significa: "aqui estou às ordens".

Uma jíria peculiar e interessante anima os comunicados tornando-os menos áridos, pelo menos ao ouvido do leigo. Assim, quando um mimoseia outro tratando-o de "macanudo", quer apenas elogiá-lo e dizer-lhe que é um bom radioamador. Êste têrmo é oriundo da Argentina. "Munheca dura" pelo contrário, é o principiante, o foca, o desajeitado, especialmente em telegrafia, onde todo o trabalho depende da agilidade do pulso.

"Chaveiro" é o telegrafista, por lidar sempre com a chave de transmissão. "Torpedo" é a mensagem que um terceiro transmite por intermédio de um radioamador e destinada a uma quarta pessoa, enfim, quase sempre um "espêto". "Cristal" é a esposa do radioamador. Cristal vem a ser a peça que controla a frequência da estação, e, como na vida real quem controla as atividades do radioamador é a esposa, por analogia, ela é o "cristal". Nós queremos ver nisso também um preito à delicadeza da mulher. Em contraposição, quando a mulher é radioamadora, o marido passa a ser o "carvão". Todos os radioamadores com quem falamos, confessaram-nos o mesmo sintoma de "inoculação do virus". Disseram que, influenciados por parentes ou amigos, começaram a se interessar pelas atividades dos labrianos, tornando-se eficientes e utilíssimos "corujas". Todo sujeito que fica rodando o dial das ondas curtas até encontrar um chamado urgente para determinada pessoa, ou a necessidade de efetuar uma ligação com qualquer parte do país, ou o pedido de transmitir um recado a outro radioamador e que através do telefone, quando é possível, realiza os desejos do operador que está pedindo insistentemente auxílio, êsse é o "coruja". E' o primeiro passo para o radioamadorismo. A pessoa começa a se interessar pelo lado filantrópico e útil das atividades dos "malucos". Aprende a dar o real valor a uma ação desinteressada e continua em prol dos semelhantes nas horas de necessidade. Passa noites a fio na escuta, paciente, persistente, em vigílias que muitas vezes custam sacrifícios. Talvez pelo fato dessa laboriosa escuta se processar na calada da noite, é que surgiu o têrmo "coruja", por analogia com a ave noturna. Confirmando nossa hipótese anterior, ainda uma vez foi prestada homenagem às "mulheres-corujas", cuja denominação foi generosamente substituída por "aves do paraíso".

BONS E MAUS

Assim como em quase tôdas as atividades em que o homem pode manifestar livremente as suas tendências, também en-





PROFESSOR E ALUNO

No Clube do Pica-Pau o professor ensina que a telegrafia é uma necessidade **e uma obrigação de todo** radioamador. Na foto acima, vemos o professor Hum**berto Campos Barros e o** secretário Luís Onofre. Os alunos escutam de suas casas

"QTC"

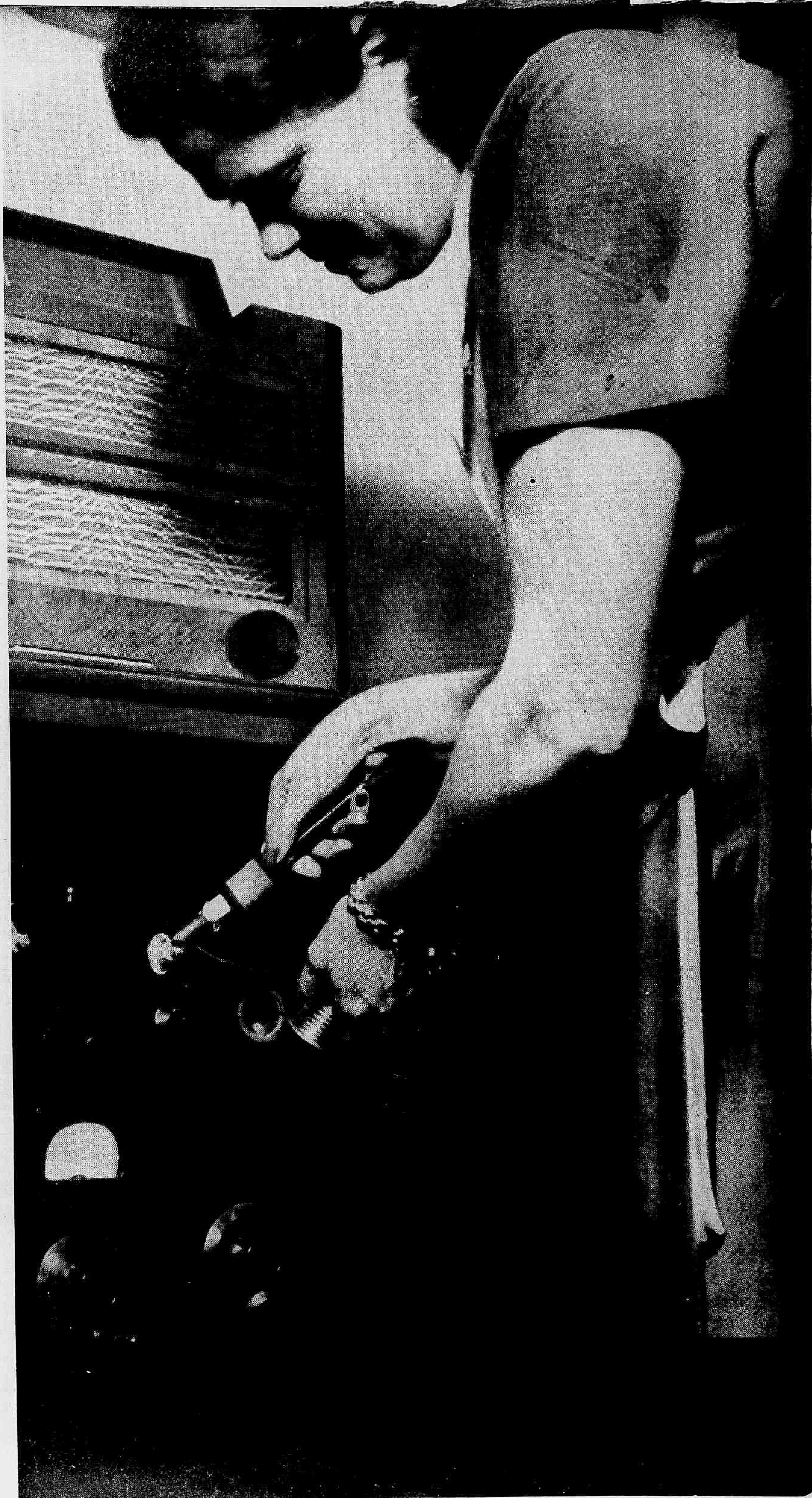
Na sede da LABRE, tôda quinta-feira há transmissão do QTC, o noticiário completo do movimento semanal. Vêem-se o presidente, Tenente-Coronel Jorge Bayma, o sr. Paulo Manzo, vice-presidente, o comte. Humberto Fittipaldi, e o comte. Hélio Salema

tre os radioamadores encontram-se elementos perniciosos à classe e que contribuem grandemente para o descrédito de tão útil especialização. Existem proibições e é contra estas que se insurgem. Na maioria dos casos não são técnicos, compram as estações já prontas, pedem a um colega para montá-las e falam a mais não poder. São os "papagaios". O "duplex" é vedado? Pois êles o usam, é muito mais cômodo, substitui perfeitamente o telefone, apesar de perturbar as frequências dos colegas que estejam nas proximidades da faixa. Há um sistema de transmissão chamado "Break-in" que tem os mesmos efeitos do "duplex", já que o "câmbio", isto é, a operação de ligar e desligar sucessivamente o receptor e o transmissor para falar e ouvir o colega com o qual está em comunicação, é efetuado rapidamente, comandado pelo operador no próprio microfone. Exige porém, condições especiais de construção de aparelhos e basta isso para que os aficionados do "duplex" o desprezem. Os "chamados de família" não devem constituir abuso, no entanto lá estão as "conversas fiadas e bate-papos" sem objetivo algum, a não ser o de transmitir notícias inoportunas sôbre a saúde do gato e do cachorro, sôbre receitas culinárias e modas, e mais uma interminável série de recados "à la Mariquinha e Maricota". Não se pode tratar de comércio, mas sempre aparecem encomendas e notícias comerciais. Alguns chegaram a usar códigos especiais para suas negociatas, a fim de não serem chamados às ordens. Há quem receba bom dinheiro por algumas transmissões "a pedido". Há também quem saia da frequência que lhe foi atribuida, interferindo nas dos colegas e nas estações do "broadcasting" comercial. Contra todos êstes casos a LABRE e o DCT estão vigilantes, reprimindo e punindo. Às vezes a interferência é causada involuntariamente, apesar de ser obrigatório o uso de dispositivos supressores dos ruídos provocados pelos contactos dos manipuladores, da indução, das chaves, da irradiação, etc.. Quando isto acontece, os radioamadores ficariam satisfeitos se pudessem contar com a colaboração do público. Bastaria que êste comunicasse tôda e qualquer interferência causada polo amador, que prontamente verificará a fonte do distúrbio e a eliminará. Em último caso, basta uma comunicação à própria LABRE que pesquisará o fenômeno.

— Até agora tratamos das exceções, pois o máu elemento entre os radioamadores é exceção. Não tínhamos encontrado ainda classe mais unida, amizades existentes há anos entre pontos longínquos como o norte com o sul do país, a maior parte das vezes sem mesmo se conhecerem pessoalmente, pois só tiveram oportunidade de falarem pelo éter. Não há distinção de classes. Entre os sócios há gente de dinheiro e gente pobre, operários e doutores, homens e mulheres, nomes de ressonância nacional e de humildes e úteis obreiros da comunidade brasileira. Entre os mais conhecidos citaremos o presidente Dutra, o ministro da Justiça, sr. Adroaldo Mesquita da Costa, o deputado Jalis Siqueira, o governador de Pernambuco, Sr. Barbosa Lima Sobrinho, o governador do Pará, Sr. Moura Carvalho, o ministro da Guerra, General Canrobert Pereira da Costa, o General Brasiliano Freire, o General Jaime de Almeida, o General Carlos Vilaça, o Comandante Eduardo Bezerril Fontenelle, o advogado Afonso Augusto Moreira Pena, o médico Valdomiro Macieira, a Sra. Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti e tantos e tantos outros.

Os bons radioamadores são os que fazem da atividade uma cadeira de estudos e pesquisas, para evolução dos próprios conhecimentos e da técnica eletrônica. Se hoje o rádio comercial é uma realidade, deve-se a êles. Ficam em pesquisas contínuas com seus aparelhos às vezes toscamente construídos, e tôda nova descoberta é logo divulgada aos colegas, para que a possam aplicar também, e no fim é aproveitada pelas fábricas de aparelhos comerciais. Fazem isso desinteressadamente, por amor à arte, por isso são chamados de malucos. São verdadeiros técnicos, com os quais a nação pode contar em caso de emergência, pois além da teoria,

(Cont. na pág. 49)



EVA RADIOAMADORA

A sta. Lourdes Trindade faz pequenas soldas sempre que se apresenta a ocasião, mostrando assim que também as mulheres podem ser radioamadoras. E diverte-se sem maiores preocupações



AS URNAS DE 1950

Uma palavra — Democracia; um principio — o voto; o juiz supremo — as urnas. De aço como esta, de madeira ou de lona como dezenas de milhares de outras, elas recolherão na sua impassibilidade, a opinião do povo gisando os novos destinos do Brasil

SEU VOTO VALERÁ MAIS EM 1950



ELAS, AS ELEITORAS
Eva aumentou de muito o rol dos eleitores. Antigamente só as viuvas e senhoras separadas do marido que tivessem, poderiam votar... por intermédio de um filho ou parente qualquer. Assim foi, mas no tempo de D. Pedro I; hoje elas não só se preocupam com os problemas políticos como, ora essa! — que boa oportunidade para serem vistas...

Como os tempos mudaram. No Brasil velho de ontem as eleições mais pareciam reuniões de família; hoje, nove milhões de eleitores decidirão dos destinos do país ★ Campos Sales, autor do mais audacioso plano de fraude eleitoral ★ A Justiça Eleitoral, uma reação contra os aventureiros políticos ★ Vão acabar os deputados de 400 votos ★ Aviso amigo: eleitor, cuidado, pois você poderá ser multado ou ir para a cadeia !



Texto de CARLOS DUARTE ★ Fotos de ARNALDO VIEIRA

QUAIS serão os heróis de 1950? Dolorosa interrogação... O Brasil inteiro está se convulsionando em tôrno da batalha da sucessão presidencial, mas, por enquanto, todos os prognósticos são incertos. Não há dúvida, porém, de que teremos a 3 de outubro do ano entrante, o mais sensacional pleito de nossa história política. E com razão o assunto ocupa a liderança da ordem do dia; os acordos e conchavos já estão sendo cochichados de sul a norte, as comadres se zangam, a imprensa solta manchetes, o povo, na expectativa, faz humorismo e, enquanto os candidatos conhecidos e ocultos não retiram a máscara, o país vai marchando, em passo acelerado, embalado na luta da sucessão. Uma pergunta se faz: estamos preparados para



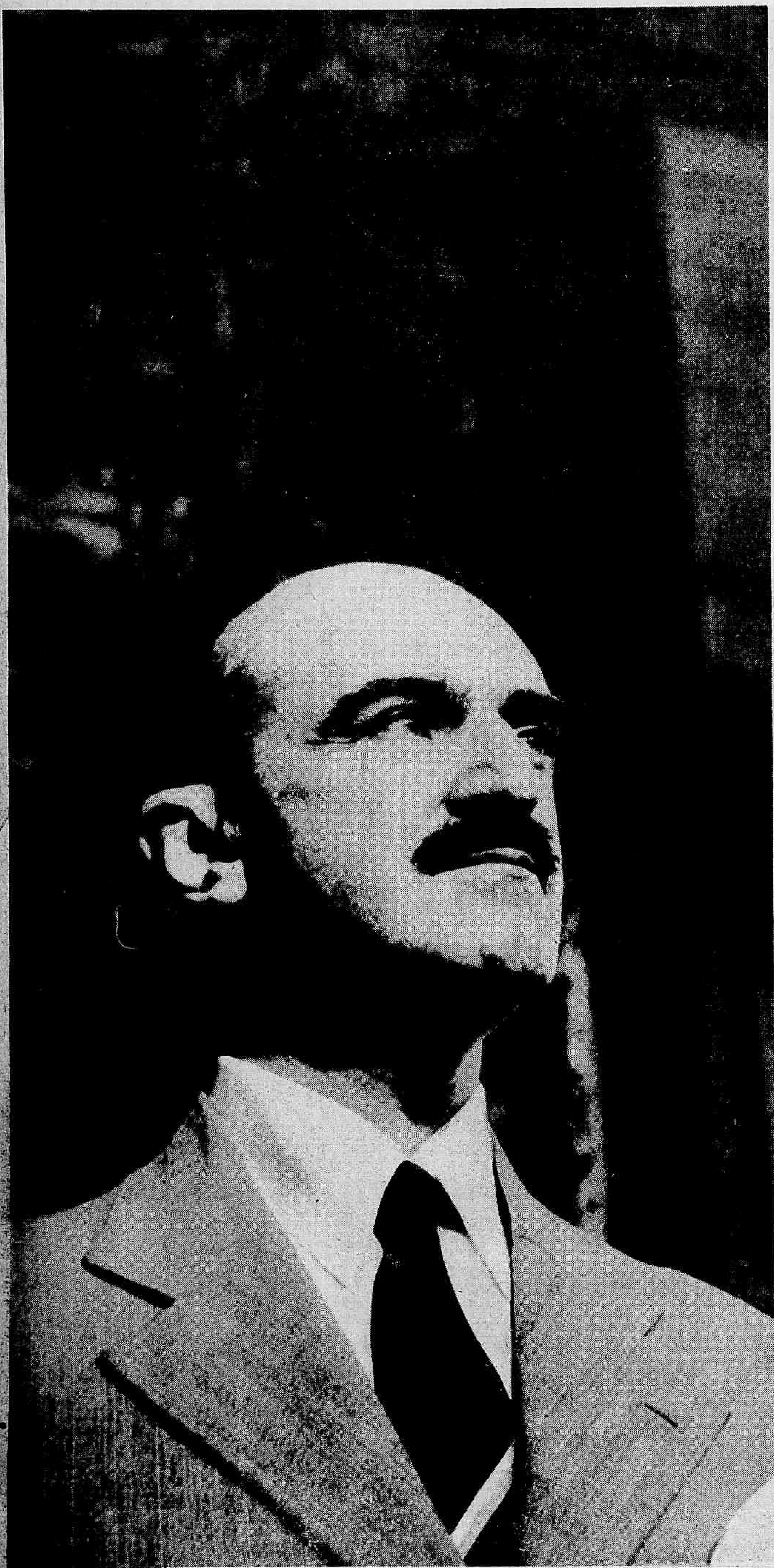
PROJETOS... PROCESSOS...
Os partidos e a máquina eleitoral dão muito trabalho. Por êsse motivo a mesa do dr. Agripino, secretário geral do T.S.E., está sempre cheia. Mil coisas para despachar...



PROCESSO ARQUIVADO
A cassação de registro do P. C. foi uma tarefa árdua para os defensores do regime. Ao repórter foi mostrado o histórico processo, como se vê na gravura... águas passadas...



GARANTIA DO VOTO
Por mais estranho que pareça, as urnas de lona são mais difíceis de serem violadas que as de aço ou madeira. Futuramente deverão ser padronizadas tôdas as urnas



MINISTRO LAFAYETTE DE ANDRADA

Presidente do T. S. E. e membro também do Supremo Tribunal Federal. S. excia. encara as próximas eleições com **serenidade.** Afirmou ao repórter que a Justiça Eleitoral garantirá a mais completa lisura no pleito do ano vindouro

a grande parada eleitoral? E' o que vamos ver. A democracia brasileira, com seus buracos e remendos, repousa nos direitos outorgados pela Constituição de 1946 e esta, para concretizar a nossa evolução política e policiar o processo eleitoral, adotou um novo poder — a Justiça Eleitoral. A ela caberá nos momentos de transe que dentro em breve estaremos vivendo, a maior parcela da responsabilidade da tarefa e a responsabilidade de realização de eleições livres e honestas, contra as injunções que sempre surgem. Cêrca de nove milhões de eleitores irão desta vez às urnas, selar os novos destinos do país. Não há clima para golpes de quem quer que seja — afiançam os chefes militares e os líderes civis. Só devemos temer, portanto, as próprias precariedades de nossa formação política; o povo, mais experimentado agora que nas eleições anteriores, por certo não repetirá os mesmos erros do passado. À sombra do Congresso inoperante que elegemos em 1945, talvez surjam os homens dinâmicos de que o Brasil precisa.

A Lei Eleitoral está sendo reformada. Em 1950 teremos inovações interessantes. Um olhar para o passado, antes, porém, pode dar-nos uma visão do quadro político que herdamos.

As primeiras eleições propriamente de interêsse nacional realizadas em nosso país tiveram lugar em 1821, sob D. João VI, o rei mole como sabão, para escolha dos representantes brasileiros às Côrtes de Lisboa. Logo depois veio a independência e com D. Pedro I tivemos as eleições para a primeira Constituinte brasileira, em 1823; cada paróquia dava um número de eleitores correspondente à sua importância, eleitores êsses que eram escolhidos pelas pessoas d edinheiro, casadas e de mais de 20 anos e por votação dos quais eram apontados os eleitores das comarcas e através dêstes, os deputados de cada província à Câmara e Senado, no Rio. A Igreja manobrava à vontade. Basta dizer que um sacerdote obrigatoriamente fazia parte das mesas eleitorais, ao lado do presidente da Câmara Municipal e de três ou quatro secretários apontados pelo presidente. Os assalariados, exceto os guarda-livros e os primeiros caixeiros, os soldados, os administradores de fábricas e fazendas, os padres, os criados da casa real, os estrangeiros e os criminosos não podiam votar. Em 1831, dois projetos foram apresentados, estabelecendo que as mesas eleitorais ficassem nas igrejas e que antes da votação fôsse ouvida a missa do Espírito Santo, assim como cantado o solene "Te Deum" no final... Algumas particularidades do processo eleitoral de então: os estrangeiros naturalizados brasileiros (portugueses sobretudo) podiam votar, desde que fôssem homens de recursos; admitia-se o voto por procuração, em caso de doença; e, fato curioso, o direito de voto era concedido às senhoras viúvas ou separadas do marido, que podiam votar por intermédio de um filho, genro ou outro parente qualquer. Uma condição era geral: só podia ser eleitor quem tivesse a renda anual líquida de cem mil réis, no mínimo, e da mesma forma só podiam se candidatar aos cargos eletivos — juiz de paz, membros da Câmara Municipal, da Câmara e do Senado quem tivesse rendimento superior a 200, 400 e 800 mil réis, respectivamente.

Ésse sistema persistiu por muito tempo, com ligeiras alterações, ora para melhor, ora para pior, até meados do reinado de D. Pedro II. As eleições não passavam de farsas, em que não havia limites para os excessos eleitorais, em que geralmente a oposição perdia, por ser a parte mais fraca. Nas eleições paroquiais então, as mesas que as presidiam maquinavam os candidatos que bem entendessem. Com D. Pedro II, a partir de 1880, o sistema eleitoral sofreu uma reforma radical, sendo pôsto fim ao processo de eleições por votação indireta, inclusive para governador das Províncias. Não obstante, porém, terem sido atribuídas aos magistrados a presidência das juntas apuradoras, a multa aos transgressores do código eleitoral e a decisão sôbre a validade ou não dos diplomas dos candidatos, outras bandalheiras surgiram: a votação por meio de escrutínios que iam selecionando os candidatos e, posteriormente, o sistema de rodízio, que obstruía a representação das minorias nas eleições de deputados provinciais e vereadores. Com a proclamação da República, em 1889, e a instituição da votação direta e secreta, apoiada pela corrente republicana idealista e regeneradora, pensou-se que seria pôsto um fim às fraudes eleitorais no país. Mas...

★

Um dos fatos mais escandalosos que por muito tempo se perpetuou em nosso país, quando ainda vestíamos as fraldas do regime republicano, foi a falada "política dos governadores". Todo mundo ouve essa expressão quando se toca na política nacional e ainda agora, quando se cogitou da "fórmula mineira" como solução para o problema da sucessão presidencial, ela esteve em voga. Poucos são, no entanto, os que remontam às suas origens. Campos Sales, presidente no quadriênio 1908-1912, achava que a oposição incomodava demasiadamente a sua administração. Para o bem do país... achou de dar um jeito no caso, cortando o mal pela raiz: promoveu uma reforma do regimento da Câmara, mediante a qual a presidência do órgão legislativo, no período eleitoral, cabia ao presidente da legislatura anterior, desde que conseguisse renovar o seu mandato, ao invés de entregá-la ao deputado mais velho, conforme era de praxe; e ao presidente assim escolhido cabia nomear uma comissão de cinco membros, dentre os seus pares, para julgar das dúvidas levantadas no processo eleitoral sôbre o diploma dos candidatos à Câmara e Senado. Dessa forma, o govêrno passou a controlar, senão de todo, pelo menos

uma boa parcela das cadeiras que a oposição normalmente ocuparia: bastava que a "comissão dos cinco" "descobrisse" que a assinatura de um eleitor não estava correta para que fossem anulados todos os votos dessa mesma urna. Coincidia sempre que as urnas nessas condições eram sempre aquelas onde um candidato da oposição tinha esmagadora maioria... Como as eleições estavam em grande parte sujeitas aos caprichos dos caciques políticos regionais ou nacionais, tais como Borges de Medeiros, Pinheiro Machado e outros, os governadores se tornavam verdadeiros donatários dos respectivos Estados. E' célebre a "aritmética Pereira Lobo", um dos membros da "comissão dos cinco" durante a gestão Bernardes, que se tornou famoso pelo modo como conseguiu diplomar senador o sr. Mendes Tavares, candidato do govêrno, anulando quase que sistematicamente a votação das urnas em que Irineu Machado, candidato da oposição, vencia. Anos e anos a fio, o país passava por essa vergonha e mais outras que também se tornaram usuais, como o assalto à mão armada às urnas da zona de eleitorado da oposição, as atas falsas, os alistamentos feitos na residência dos chefes políticos. Triste passado político, êsse; e essas bandalheiras é que davam motivo aos constantes motins, revoluções frustradas por que passava o Brasil republicano de anos atrás. Campos Sales poderia ter patenteado o seu processo... Foi assim que Rui Barbosa perdeu para o marechal Hermes, após a brilhante "campanha civilista", quando concorreu à presidência, levantando a bandeira da regeneração dos nossos costumes políticos. Êsse estado de degradação foi um dos motivos apresentados para justificar a revolução de 30.

★

O Brasil é, dentre as grandes nações, uma das únicas, se não fôr a única, onde as eleições são realizadas pelo Poder Judiciário. Nos Estados Unidos, como na Inglaterra, França, etc., o processo eleitoral é de competência do Poder Executivo, que para isso mantém uma repartição competente, sendo a sua fiscalização facilitada a quaisquer dos partidos que a ela concorram. Mas isso não nos diminue, pois, o mais belo e honesto pleito até hoje realizado em nosso país foi justamente o de 1945, se não quisermos falar no posterior, de 1947, realizado pela Justiça Eleitoral. Onde está a origem desta? Já no princípio da República se cogitou da sua criação, como único meio para pôr um paradeiro à comédia eleitoral de então, e em 1903 o deputado mineiro Francisco Bernardino apresentou um projeto nesse sentido. Foi, porém, derrotado, pois a criação da Justiça Eleitoral implicava na reforma da Constituição de 1891. A revolução de 30, no entanto, em 1932, pelo código eleitoral de Assis Brasil, que impunha sem tergiversação o voto secreto, a maior conquista da democracia, cogitou da sua criação. Mas somente dois anos após, pela Constituição de 1934, foi a Justiça Eleitoral estabelecida no Brasil, sendo o ministro Hermenegildo de Barros, presidente do Supremo Tribunal Federal, o primeiro presidente da nossa mais alta côrte de Justiça Eleitoral, ao lado das figuras eminentes de Laudo de Camargo, Eduardo Espíndola, Ribeiro Casado, Carvalho Mourão, Ovídio Romeiro, João Cabral, Cândido de Oliveira Filho, Afonso Pena Júnior, José Linhares e Prudente de Morais Filho — ministros, dos jurisconsultos Armando Prado e José Mac Dowell da Costa — procuradores, e ainda o dr. Agripino Vedo, como secretário geral. Não fôsse o golpe de 37, que lançou o país na ditadura, e o Tribunal Superior Eleitoral, coadjuvado pelos Tribunais Regionais Eleitorais, teria realizado o pleito em que concorriam José Américo e Armando de Sales Oliveira. Para isso, mais de cinco milhões de eleitores já haviam sido registrados em todo o país. Restaurada em 45, ainda com Getúlio Vargas no poder, como golpe de 29 de outubro, coube à Justiça Eleitoral, de plena posse de suas prerrogativas, realizar os pleitos que deram ao Brasil os dirigentes, o Congresso e Legislativos estaduais que ora temos. Mais de sete milhões de brasileiros foram alistados para essas eleições, às quais compareceram cêrca de seis milhões — as mais concorridas eleições até hoje realizadas no Brasil.

★

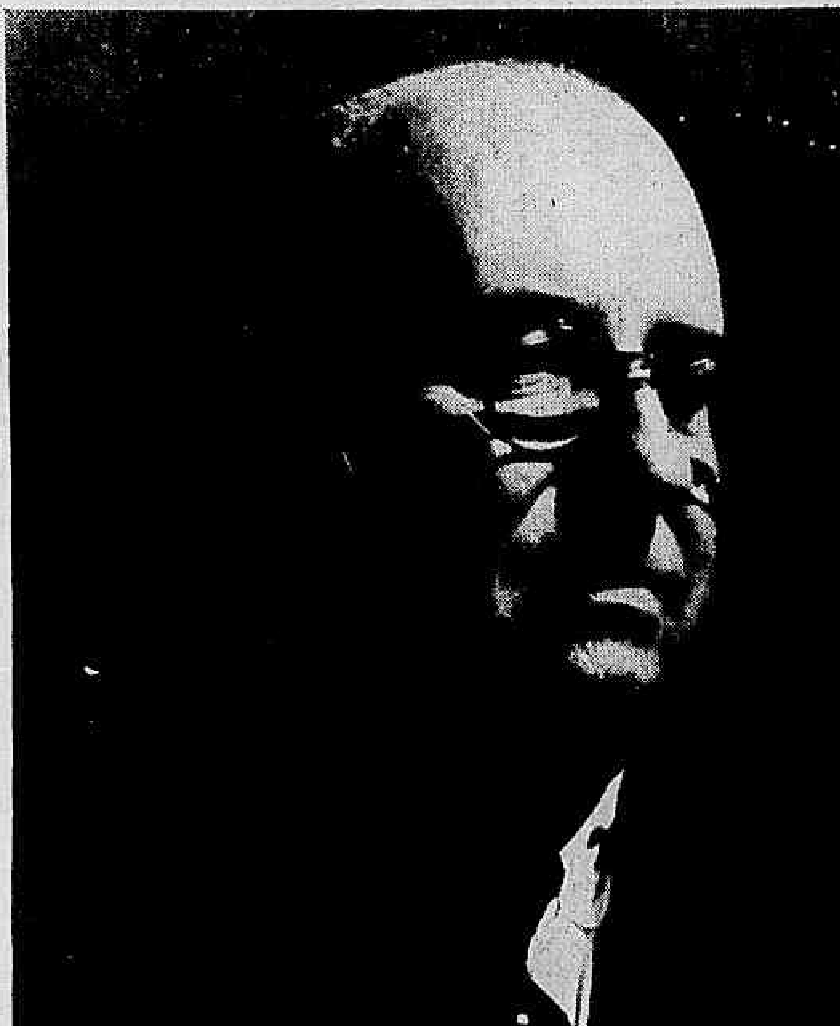
Na sua ainda curta fase de ressurgimento, a Justiça Eleitoral tem trabalhado muito: registros de partidos, eleições de 1945 e 1947, e agora, preparando o pleito de 1950. De entremeio, os movimentados casos, contendas que têm decidido da sorte de governadores, deputados, senadores e prefeitos. São sobejamente conhecidos os casos do govêrno de Pernambuco, em que por decisão do Superior Tribunal Eleitoral, após mais de um ano de contenda, o sr. Barbosa Lima Sobrinho pôde tomar posse do cargo, eleito pelo PSD, contra o sr. Neto Campelo, da UDN; o do govêrno do Rio Grande do Norte, em que venceu o sr. José Varela, do PSD, contra o sr. Floriano Cavalcante, da coligação UDN-PSP; o do senador Filinto Muller, que eleito em 1945 pelo PSD matogrossense, perdeu o mandato na Justiça Eleitoral para o seu contendor, senador João Vilas Boas, da UDN, tendo, porém, recuperado o mandato na eleição de 1947, sob protestos, mais uma vez, do senador João Vilas Boas..; o do senador Euclides Vieira, eleito pela coligação PCB-PSP, em São Paulo, que depois de perder o mandato por irregularidade no registro como candidato, conseguiu recuperá-lo; e, entre muitos e muitos outros casos de política nacional e regional, o do registro do PPP — Partido Popular Progressista, que, após demorados debates e sindicâncias, foi recusado, em vista de ter sido considerado como um mero prolongamento do PCB. A cassação do registro dêste, foi, porém, o feito que mais agitou a Justiça Eleitoral, desde



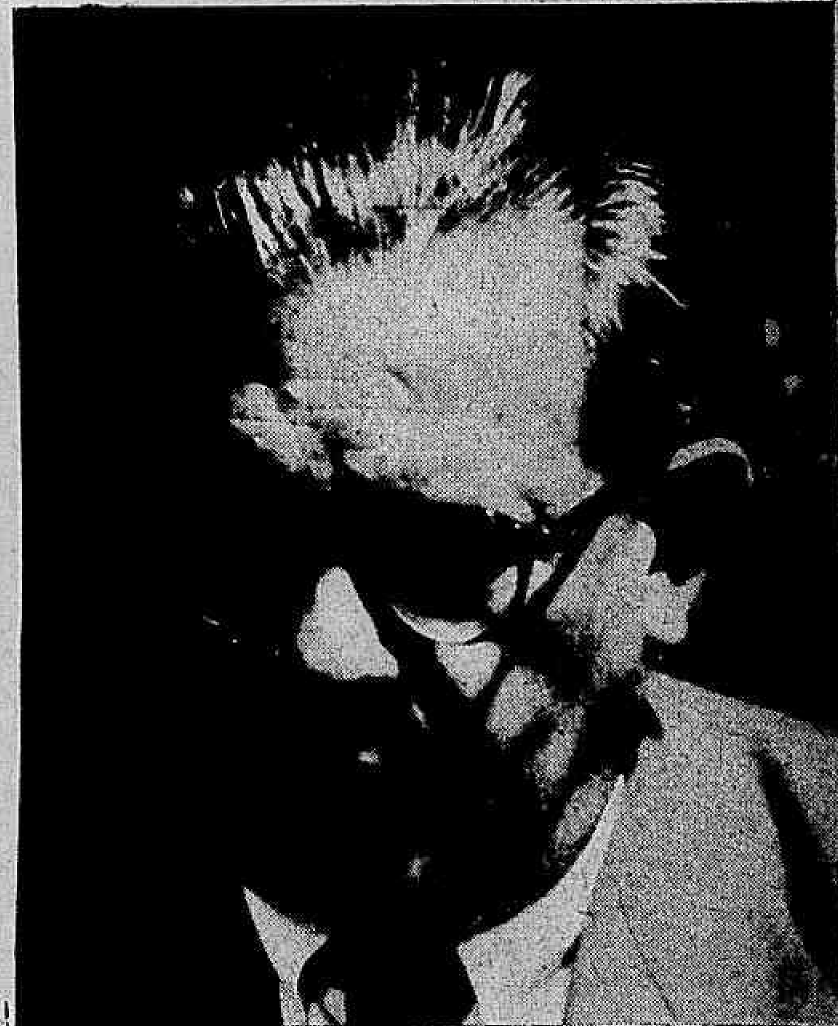
O VICE-PRESIDENTE
Ministro Álvaro M. Ribeiro da Costa, membro titular do Sup. Tribunal Federal e do Superior Tribunal Eleitoral



MINISTRO SA' FILHO
Professor Francisco Sá Filho, além de ministro do S. T. E. é procurador geral do Ministério da Fazenda



MINISTRO SABOIA LIMA
Desembargador do Tribunal de Justiça do Distrito Federal é, também, titular do Tribunal Superior Eleitoral



MINISTRO ROCHA LAGOA
Como representante do Trib. Sup. de Recursos, o ministro Francisco de Paula Rocha Lagoa é outro titular do T.S.E.



MINISTRO M. GUIMARÃES
Titular do Trib. Superior Eleitoral, o ministro Alfredo Machado Guimarães é também procurador da República



MINISTRO CUNHA MELO
Djalma Tavares da Cunha Melo, ministro do T.S.E. e do Trib. Fed. de Recursos, é o mais jovem dos titulares



TENTATIVA E... FRACASSO

Ninguém saberá qual foi o seu voto, leitor, sem que você mesmo o diga. A urna é inviolável. Estas lindas eleitoras, por exemplo, pretendiam ver como é uma urna por dentro, mas desistiram... para não dar um máu exemplo...



QUE BOA VISITA!

A bela funcionária, e portanto também eleitora, envolta pelas urnas sorriu. Vamos ter uma eleição de paz



ALÉM DO VOTO — UM VESTIDO

As mulheres são incontentáveis. Já ganharam o direito de voto igualzinho ao dos homens. Estas jovens eleitoras, porém, indagaram se não podiam levar as urnas de lona pa:a casa, pois dariam para fazer ótimas blusas ou saias!

que ela foi criada no Brasil. Foi um acontecimento rumoroso e que até hoje está dando muito o que falar.

★

Temos sangue latino, vibrante, emotivo, portanto. Talvez por isso, a política brasileira fervilha. o Jeca, o caboclo, o citadino, o burocrata, se esquentam, saindo da mansidão, perigosos como as brazas escondidas na cinza. E a Justiça Eleitoral tem que lutar para defender sua inteireza moral contra as arremetidas mais audazes. Quanto mais seus juizes resistirem às injunções políticas, mais lucrará a evolução democrática nacional. Até meados dêste ano já foram alistados pelos Tribunais Regionais Eleitorais de todo o país o total de 8.610.982 eleitores, gente que confia e tudo espera dos seus juizes. Nunca tivemos eleições tão grandes como serão as de 1950. Nos pleitos de 1945 e 47 foram utilizadas 27.621 urnas. Para as próximas igual número de urnas só dará se fôr conforme se cogita, reduzido à metade, o tamanho das sobrecartas utilizadas anteriormente. Caso contrário, muita gente poderá fazer fortuna fabricando urnas de aço, madeira ou lona, pois Estados como o Rio Grande do Norte, que em 1945 se valeu de 471 delas, em 1950, conforme resposta enviada pelo seu Tribunal Regional Eleitoral ao quesito do T.S.E., precisará de mil; Mato Grosso, de 304 necessitará 500; o Amazonas, de 134, passará a 200; Rio Grande do Sul, de 3.152, pedirá 5.000; Minas, de 4.622 — 5.750, e São Paulo, de 4.650 terá necessidade de 6.850. O eleitorado dia a dia cresce mais, sobretudo no coeficiente feminino, que mais que nas eleições passadas, terá decisiva participação no dia do voto, em 1950. O voto das mulheres, só obrigatório para aquelas que exercem função pública, e facultado às demais, foi uma inovação da Constituição de 34, ratificada

(Cont. na pág. 52)



INVIOLABILIDADE

A fiscalização da Justiça Eleitoral garantirá um pleito honesto e livre. Além disso, todos os partidos fiscalizarão



PARA O GRANDE DIA...

Ela não podia com a urna. Outra funcionária da Justiça Eleitoral foi ajudá-la: a união faz a fôrça



OLHAR NOS ARQUIVOS

Tudo, na Justiça Eleitoral, é conservado, sejam meros papéis de rotina administrativa ou pendências partidárias



AQUI MORREM OS GRITOS...

As batalhas eleitorais de 45 e 47 muitas dores de cabeça deram à justiça eleitoral. Eram os gritos, os protestos, os recursos, a luta pelo poder, enfim. Tudo depois, serenamente, foi morrer nestes arquivos. E assim será também em 1950



JOÃO MINHOCA
PRESTA BONS SERVIÇOS

O melhor meio de se falar à infância: Pela linguagem das fábulas ★ "Mamolengos", "Cassimicocos" e Fantoches divertem as crianças do após-guerra ★ A cura do espírito pelo "guignol"

Texto de MARIO MARINI ★ Fotos NEWS PRESS

É a fábula, a literatura de maravilhas, a melhor linguagem para falar às crianças. Os adultos têm inúmeras formas de se divertir: vão a teatros, a cinemas, cassinos, a bailes, a coquetéis, etc., E as crianças?

Foi por isso que, em muitas cidades da devastada Europa se organizaram teatros de fantoches dedicados ao pequeno mundo infanto-juvenil, levando-se aos palcos historietas baseados em episódios maravilhosos, contos de fadas e bruxas em que os argumentos terminam sempre com a vitória do Bem sôbre o Mal.

Os estudiosos da psiquiatria observaram que, depois de guerras como a última, as crianças estavam, e muitas ainda estão, tomadas de pânico. Ao menor ruído de um avião comercial ou de turismo, as pobrezinhas se afligem e procuram refúgio como se já esperassem o estouro das bombas na destruição de suas casas e cidades.

Para amenizar êsse estado de nervosismo da alma das crianças, só mesmo se instituindo muitos métodos de diversões ao ar livre ou em recintos fechados, mas com bastante ventilação e cheio de gente que inspire confiança.

E nada melhor do que o "guignol" com todos êsses elencos de calungas dirigidos pelos cordéis invisíveis aos olhos deslumbrados da infância.

Na bela e encantadora Veneza funcionam excelentes teatrinhos de bonecos, tipo João Minhoca e "Cassimicocos". São dedicados ao mundo infantil, embora os adultos sejam também atraídos. Em cima, um cartaz anunciando a função, e em baixo, cena de episódio fabuloso, quando as bruxas atiçam o cão feroz contra Arlequim e o Príncipe





EM CIMA — Depois de muitas aventuras, os "artistas" vão descansar. Dispensam a cela clássica. E apenas desejam que os deixem em paz, a um canto. Em baixo, a mais endiabrada personagem do "guignol" veneziano: Brighella, que faz rir as crianças e constitue a grande atração para o Teatro Stabile. Brighella é tão famoso quanto o Pato Donald

Embora muita coisa se tenha feito em favor das crianças vítimas da última conflagração, ainda não se conseguiu realizar o que é indispensável para dar aos pobrezinhos herdeiros do mundo europeu desfigurado pela ruína e pela destruição. Os esforços têm sido ingentes, tanto em relação à iniciativa privada como em relação aos poderes públicos.

Dentre vários modos de divertir a infância estão os teatrinhos de bonecos. Escolhem-se temas apropriados à alma infantil e os "artistas" desempenham seus papéis entre alegrias, anseios e explosões de aplauso ou de protesto da meninada, conforme as cenas se vão desenrolando.

Os motivos dramáticos, cômicos ou trágicos são sempre na direção da virtude dominando o vício, os heróis e heroínas vencendo o crime com prêmios aos bons e castigo aos maus.

A meninada aplaude os vingadores e fica satisfeita porque a feiticeira, a bruxa má, recebeu o devido castigo.

No Brasil, especialmente no nordeste, pelo Natal, havia muito dêsses teatrinhos modestos e bem apreciados pela meninada. Lá se chamam "cassimicocos", "mamolengos" e são dirigidos por pessoas de grande habilidade, muitas vezes emprestando aos "artistas" papéis diversos, cada figura com sua voz e seu caráter, embora movimentados por um só intérprete por detrás do pano.

O "guignol" é muito comum em certas praças do Rio e funciona com platéia ao ar livre. As crianças lhe acham uma graça infinita e batem palmas entusiásticas a cada fim de cena com o ladrão sendo levado pelo soldado que o prendeu.

E', pois, digna de todos os elogios essa campanha que particulares e governos fazem em países da Europa no sentido de que se ofereçam às crianças do após guerra momentos de sadio divertimento, horas de prazer, páginas de maravilhas dos contos de fadas, literatura animada pelos bonequinhos de madeira ou de pano, em cujos temas há belas lições de moral construtiva e que vão servir de exemplo àquelas almas em formação.

O mundo de hoje representa para aquela gente pequenina uma sociedade de ódios e vinganças, de misérias e crimes.

Ela não compreende por que motivo suas casas foram destruídas, seus pomares devastados, seus animais mortos, seus pais assassinados.

Olham as crianças a devastação ambiente e não sabem explicar o motivo da destruição. Se os que sobreviveram à catástrofe não cuidarem de dar a êsses pequeninos seres meios para que esqueçam as crueldades dos dias de 1939 a 1945, são milhões de pessoas que crescerão mantendo no mais profundo do peito aquêle ódio surdo das vinganças adiadas, o rancor dos vencidos, a hostilidade dos que perderam tudo sem saber por que. Dêem, pois, a essas crianças um pouco de divertimento, uma distração sadia, fabulosa, mas construtiva, com exemplos de punição para os maus e prêmios para os virtuosos.

E' possível que, através dos bonequinhos que falam, dançam e vivem, as crianças se esqueçam das desgraças do seu mundo.





Reconciliação

A primavera chegara cedo, naquele ano. Havia, no ar, uma bêleza nova e maior encanto no céu azul, sem nuvens, depois dos meses de inverno. Quando, num domingo, o sol raiara, luminoso e quente, Mauro pegara seu calção de banho e dirigira-se para Copacabana. Era cedo ainda, porém a praia já estava muito cheia e fôra preciso procurar um pouco, antes que achasse um lugar com menos gente, para se deitar e tomar banho de sol.

Ficara muito tempo recebendo o sol gostoso nas costas, e depois se sentara, a pensar se iria ou não nadar. Nesse instante ela passara, esbelta e graciosa, parecendo banhada de ouro. Sua pele era moreno-claro, com um tom dourado; seus cabelos, que lhe caiam quase lisos até os ombros, eram castanhos, com reflexos avermelhados, e encrespavam ligeiramente nas pontas. O rosto mimoso e lindo, as sobrancelhas finas e arqueadas; ela era encantadora, parecendo uma Deusa, no seu maiô de setim branco de duas peças. Mauro quase perdera a respiração, olhando-a, e ela passara, altiva e indiferente. Quando pensava nessa manhã, Mauro dizia a si mesmo que havia sido um amor à primeira vista, pois que, seguidamente, lembrara-se daquela moça.

Uma semana mais tarde um amigo convidara-o para ir a uma festa a rigor, e os dois tinham ido muito elegantes, de smoking, dispostos a se divertirem.

Enquanto seu amigo dançava com a namorada, Mauro postara-se num canto do salão, escolhendo um par para dançar. Elegeu uma graciosa moreninha e dançando, conversava com a companheira, quando tornou a ver a moça que passara por êle na praia. Se lá êle a achara linda, agora considerava-a arrebatadora, no rico vestido de renda branca, os cabelos prêsos em cachos no alto da cabeça e entremeados de rosinhas brancas. Desejou que a valsa que dançava terminasse logo, para conseguir ser apresentado à desconhecida, e meia hora mais tarde parecia-lhe um sonho ter em seus braços aquela boneca assetinada e rica. Sim, não havia dúvida ter sido um amor à primeira vista, pelo menos da parte dêle.

Da parte dela, de início, fôra somente uma grande simpatia. Gostara dêle, do seu porte, de suas maneiras gentis, de sua conversa agradável. Além dêle, porém, havia diversos outros rapazes, talvez mais bonitos que Mauro, a quem ela dedicava um interêsse igual.

Elena era linda, jovem e rica. Sua vida era fútil e sem finalidade. Mas que prazer imenso havia em sair para as compras, em ir ao cabeleireiro, à manicure e às exposições de modas! À tarde fazer sempre o lanche nas confeitarias chiques, com mais duas ou três amigas, tôdas bonitas, ricas e desocupadas como ela, procurando uma diversão para fazer o tempo passar, sentindo-se o alvo predileto dos olhares masculinos!

Foram suas amigas que notaram a presença de Mauro, sempre na sua proximidade. Encontravam-no na praia, no cinema, na Avenida e êle sempre conseguia parar para conversar uns momentos com as moças.

Insensivelmente, principiou um flirt entre êles, e pouco a pouco suas relações tornàram-se mais intimas, até que começaram a se tornar inseperáveis. Onde estava Elena, sempre chique e linda, ao seu lado estava Mauro, visivelmente apaixonado, querendo-a só para êle, zangando-se quando ela era o objeto das admirações masculinas.

Foi durante o Carnaval que êle se declarara. Elena se fantasiara de dançarina húngara, e a corôa de flores, nos seus cabelos soltos, dava-lhe um ar de rainha. Haviam brincado muito, no salão superlotado, cheio de dançarinos malucos, de confetis e serpentinas e sentados na sua mesa, o braço dêle enlaçando-lhe os ombros, haviam se rido das loucuras dos outros e se admiravam do papel ridículo que faziam os foliões, pulando como loucos, a voz rouca de tanto gritar...

Elena convidara-o para sair e dar uma volta e depois de andarem muito tempo, haviam se sentado num banco desocupado de uma praça. Ao seu redor haviam casais abraçados, beijando-se, indiferentes a quem passasse, e fôra ali que êle lhe confessara seu amor. Contara-lhe como a amava e o seu sonho de fazê-la sua espôsa. Pela primeira vez beijara-a e estremecera de felicidade por tê-la aconchegada a si, entre seus braços, emocionada e meiga.

Ficaram noivos, e novamente em setembro, quando fazia um ano que a tinha encontrado, seu casamento se realizara.

Agora que pensava nisto, Mauro lembrava-se de sua tristeza, quando começara a procurar um apartamento, e depois a mobiliá-lo. Tristeza por não poder dar o luxo que ela tinha na casa de seu pai, por ser o seu apartamento pequenino. Contudo, preparara-o da melhor maneira possível, pusera seu coracão por inteiro na arrumação do que seria o ninho de Elena. Queria que ela se sentisse orgulhosa e ficara comovido quando ela o beijara carinhosamente, elogiando-lhe o seu bem gôsto. Lembrava-se ainda de sua resposta:

— Sinto-me feliz, vendo-a satisfeita, meu amor...

De fato, sua maior felicidade consistia em vê-la risonha, contente, deixando-se amar e amando-o também.

Uns dias antes do casamento, êle se zangara com uma tia, a quem dedicava um grande afeto, porque ela lhe dissera, enquanto conversavam:

— Mauro, meu filho, às vêzes tenho medo dêste casamento.

(Cont. na pág. 50)

CONTO DE **AURORA R. C. ARAUJO** ★ ILUSTRAÇÃO DE **OSWALDO DA CUNHA**

SE VOCÊ VAI À PRAIA...

PARECE uma idéia magnífica ir à praia, deitar-se preguiçosamente sôbre a areia e deixar que o sol queime a nossa pele. No entanto, isto às vêzes oferece algum perigo, principalmente para as que ainda não estão muito habituadas com o sol. Quando se começa a sentir na pele a sensação de ardor, em dez casos contra um é demasiado tarde para evitar um caso real de queimadura de sol. Obter um tom tostado e atraente sem queimar-se, é quase que um trabalho científico. Frequentemente, vai-se à praia querendo aproveitar todos os minutos, com receio de que o sol desapareça ou de que se acabem as férias; daí o perigo. Além de permanência exagerada existem outros fatores a serem observados, e êsses se referem também aos produtos empregados para escurecer mais ràpidamente a pele, à proteção dos olhos, dos cabelos, etc. E, existem ainda algumas regras a seguir: Por exemplo, não se exiba, mostrando-se presunçosa e confiante nas suas ""qualidades'' físicas. Lembre-se que a natureza raramente dota alguém com tôda a perfeição. Os comentários jocosos que você faz sôbre as outras pessoas, podem, às vêzes, serem adaptados a você mesma... Procure, outrossim, dissimular qualquer imperfeição... Use trajes de praia simples, porém bons. Não deverão se deformar ao primeiro contacto com a água... Se você é muito magra e com ombros ponteagudos, evite os ""shorts'' muito curtos e cubra com golas e babados, as suas clavículas... Se ao contrário você é um pouco forte, escolha roupas de banho de uma só peça, de preferência de lastex. Não esconda os ombros... Quando chegar à praia, não esqueça que o seu "make-up'' deverá estar terminado. Muitas criaturas se esquecem disso e levam com elas um verdadeiro equipamento de beleza. Leve simplesmente, com você, o óleo protetor e, no máximo, o "baton''.... Nada de atitudes exageradas, pouco graciosas... Evite as brincadeiras de "agarrar'', com os rapazes e evite também os gritos, a não ser que queira dar a impressão de que está num circo... Leve roupas fáceis de tirar... Seu penteado deverá ser simples, a fim de que possa ser refeito após o banho. E, acima de tudo, nada de coisas extraordinárias; nada de lenços espetaculares jóias, etc. Não se "atire'' sôbre a areia; estire-se graciosamente, mantendo uma posição simples e agradável. Nunca enrole a toalha no pescoço... Leve sempre uma bôlsa, a fim de guardar os necessários apetrechos, como pente, toalha, óleo, etc. e também para evitar que tenha que pedir tais coisas emprestadas... E, finalmente, não julgue que pelo fato de estar ao ar livre, mais ou menos despida, tudo lhe é permitido. Muito pelo contrário, suas atitudes deverão revelar a sua boa educação e serão exatamente as mesmas que você assume quando está rigorosamente vestida... — O. B.



MARION MARSHALL
(Universal - International)









O lenço cresce cada vez mais de importância. Ora é visto, saindo arrojadamente de um bolso, ora simplesmente pendurado à cintura ou cobrindo os ombros, ora é visto em trajes de cerimônia, ora em trajes esportivos. Laure Belin, por exemplo, apresenta um lenço de mousseline para acompanhar um vestido estampado para a praia. Schiaparelli emprega um lenço de linho bordado a ouro que tanto cobre os ombros como cái, negligentemente da cintura. E. Jacques Fath, enriquece o seu modêlo de algodão com "pois", com um belíssimo lenço de "plumetis" branco com renda ao redor.



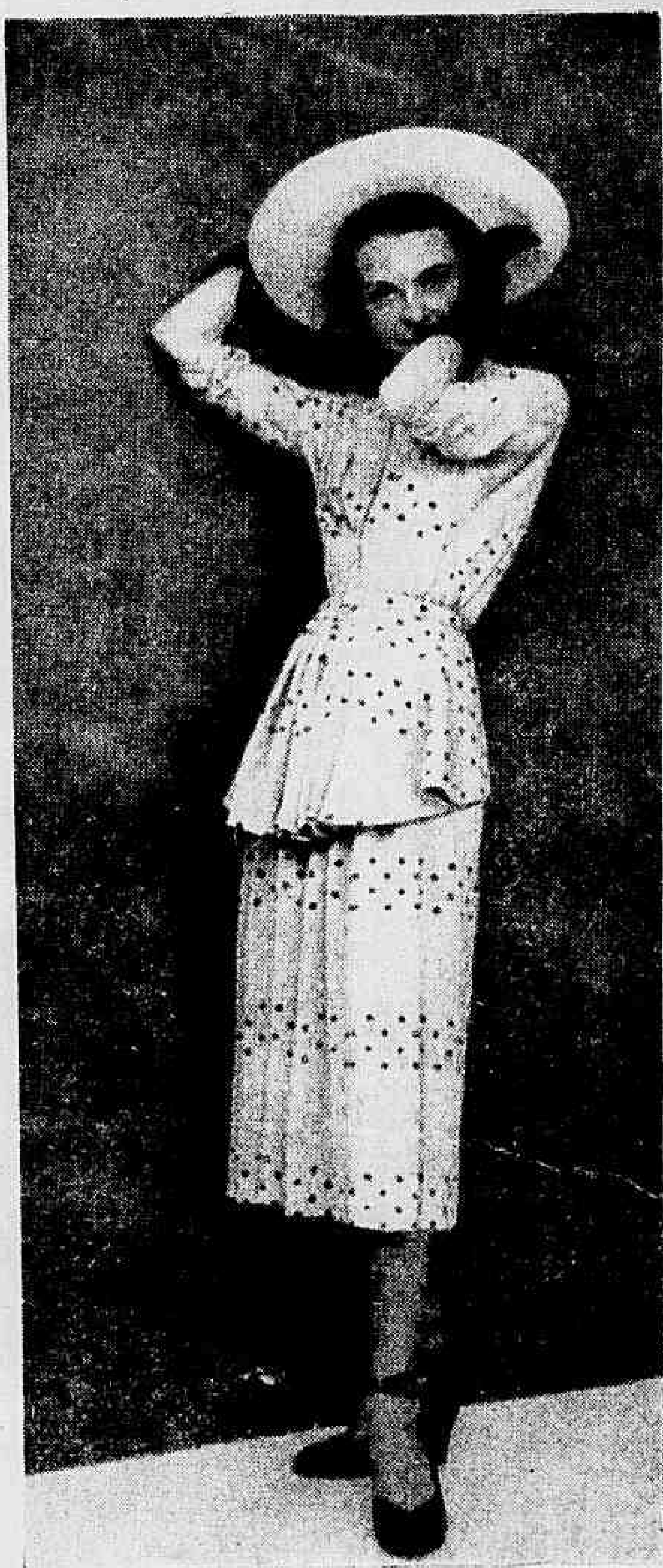
Detalhe





PARA O VERÃO







Em cima, à esquerda: — Modêlo em "shantung" com "pois" branco. Criação de Pierre Balmain. O bolero é simulado de um lado e do outro cái em "écharpe" sôbre a saia. À direita: — Em linho azul, abotoado do lado, gola e mangas com bordado inglês. Em baixo:, da esquerda para a direita: — Em surah estampado, com sobressaia e grande gola. Modêlo de Worth. — De Dina Ricci, em seda estampada. Basque na frente, pregueada, acompanhando o movimento da saia. — De Carven, modêlo em piqué rosa, com aplicação de "guipure".

BLUSAS ELEGANTES

PARA complemento do seu variado guarda - roupa, algumas blusas serão sempre bem recebidas. Aqui nesta página, submetemos à apreciação das nossas leitoras, o que de mais moderno e variado existe em matéria de blusas. São modelos elegantes e que servirão para tôdas as horas do dia, completando sempre bem a sua "toilette".





EM MOUSSELINE de seda branca, com incrustações em cetim e fino trabalho de nervuras, temos esta maravilhosa blusa de Janine. Notar o original feitio dos punhos bastante longos.



EM "SURAH" verde-cinza, temos êste outro modêlo, bastante elegante; grandes pregas verticais e gravata em traspasse, dão a esta blusa o cunho da originalidade.

EM FINA CAMBRAIA BRANCA, deve ser executado êste lindíssimo modêlo enriquecido por delicado e original trabalho de nervuras e baínha aberta.



EM CETIM BRILHANTE, com incrustações em crépe da China, vemos aqui um modêlo elegante e simples. Pregas largas retidas na base, gola pequena.



EM SEDA ROSA, vemos êste alegre e sugestivo modêlo, gola e punhos guarnecidos em "feston" branco. Grande laço, também com feston completa o decote justo.



PARA O SEU GUARDA-ROUPA DE FÉRIAS

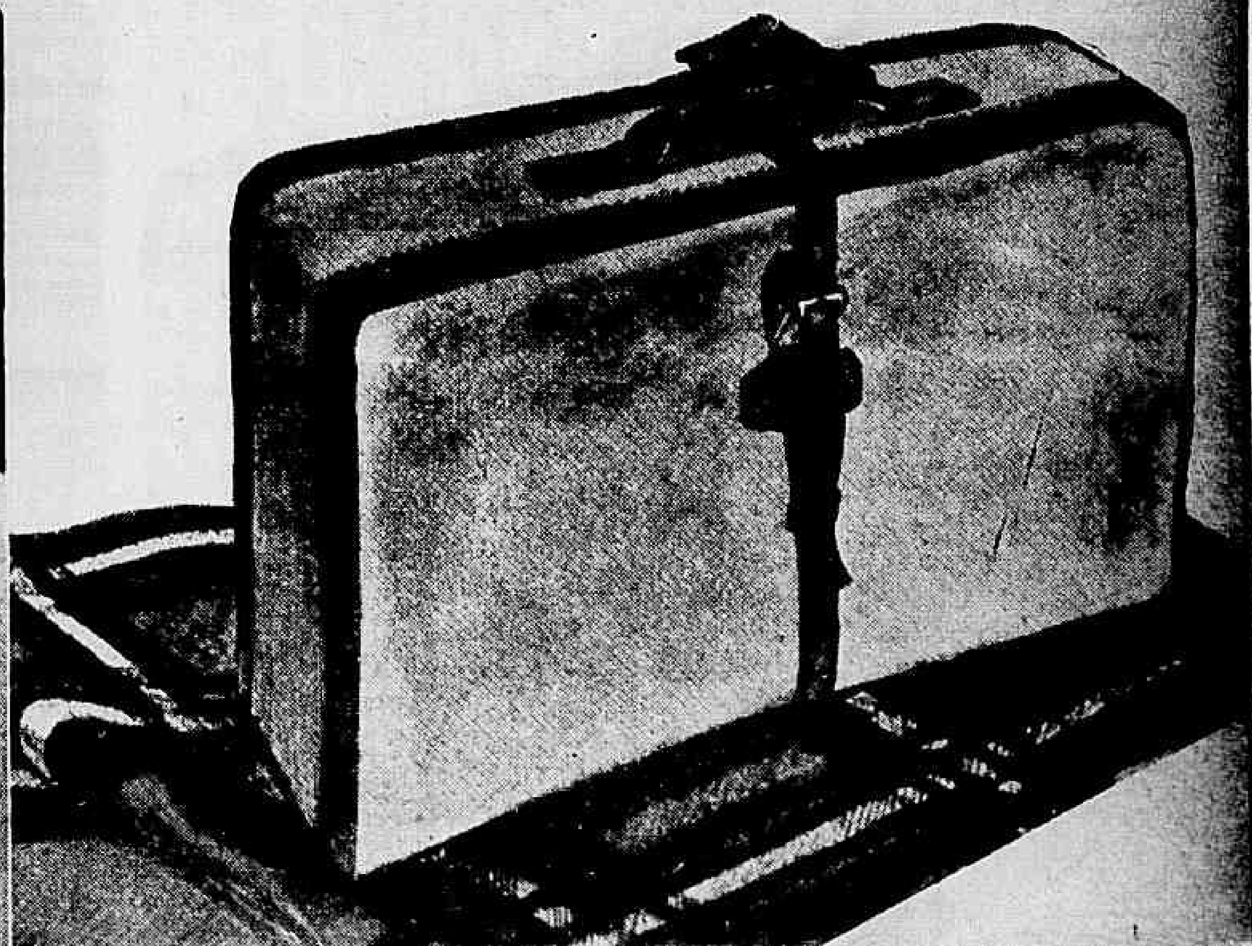




NEM a mais e nem a menos, mas exatamente o indispensável deve formar um guarda-roupa de férias. Muitas vezes, ficamos sem saber o que levar e daí ou enchermos as malas com vestidos que não chegamos a usar ou então deixamos de levar muita coisa que só depois verificamos que nos poderiam ter sido úteis. Existem algumas peças absolutamente necessárias e existem outras ainda muito práticas que servem para formar diversas "toilettes" como é o caso das saias, blusas e casacos curtos. Nesta página, oferecemos às nossas leitoras algumas sugestões úteis e elegantes. Umas luvas esportivas em "crochet", uma "sweater" de lã fina, um original "maillot", estampado, um vestidinho simples em fustão ou um casaco amplo e cômodo, são algumas das peças que você deve incluir sempre no seu guarda-roupa de férias.







PERFUMES

EXÓTICA



NARCISO NEGRO
Delicado perfume, em elegante estojo forrado com finíssimo cetim, constituindo valioso presente
CR$ 45,00



Lindo estojo com 3 vidros de finos e exóticos perfumes diferentes
CR$ 55,00

Pelo Reembolso Postal, sem qualquer outra despesa. Pedidos à
PERFUMARIA EXÓTICA
RUA CAMPOS DA PAZ, 165
Fone: 48-8137
Enviamos catálogos a quem solicitar

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL - HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 38 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO..........

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

Publicidade para a

Revista da Semana

em São Paulo

Tratar com

Jarbas de Freitas Galvão

Rua Brigadeiro Tobias, 613

2.º andar - Sala 217

Fone: 6-6718

MÚSICA

DYLA PAGANI ROTHIER — A MÚSICA E AS PALAVRAS

De ROBERTO LYRA FILHO



Dyla Pagani Rothier

REALIZOU-SE na Escola Nacional de Música um recital do soprano Dyla Rothier. A cantora já cumpriu muitas das promessas que a crítica assinalou, depois de seus primeiros concêrtos. Possuidora de uma voz extensa e de belo timbre, vai impondo aos dotes naturais a disciplina do estudo constante e do constante aperfeiçoamento.

Uma prova do bom gôsto e da segura orientação da jovem artista é o programa, que teve início com o pungente "Vem, Doce Morte", de Bach. Incluía, ainda, a apaixonada Adelaide, de Beethoven, encerrando-se a primeira parte com três obras de Schumann.

CANÇÕES DE FAURÉ

A seguir, um grupo de canções francesas. Êste constituiu o ponto alto do programa, tendo a intérprete logrado traduzir o encanto da "Invitation au Voyage", a delicadeza de "L'Ile Heureuse".

Fino e sutil, Fauré, que também figurava no programa, requer, além de maleabilidade e boa dicção, uma sensibilidade que permita alcançar as sugestões esquivas de sua discreta linguagem musical. E Dyla Pagani Rothier possui tôdas essas qualidades.

Finalmente, ouvimos, ainda, Rimsky Korsakow, Rachmaninoff, Nepomuceno, Celeste Jaguaribe e Cimara.

Não somente em virtude de sua voz de rara beleza, como pela arte com que se conduziu na interpretação das peças escolhidas, Dyla Pagani Rothier pôde incluir êste concêrto na lista das vitórias que vem obtendo em sua triunfante carreira.

A MÚSICA E AS PALAVRAS

E. T. Hoffmann, cujos contos inspiraram os libretistas da famosa ópera de Offenbach, disse, certa vez, que os compositores são mais felizes do que os literatos, porque a linguagem musical pode exprimir sentimentos e até cenas que o escritor não descreveria sem provocar reação da censura...

Instalando a personalidade do artista, sua vida e seus amores, no primeiro plano, o romantismo se deteve em episódios amorosos, transpostos para a obra pelo lirismo exaltado. O despertar alvoroçado das paixões, as alegrias e as tristezas da afeição correspondida ou da devoção desprezada — tudo o que comovia a alma do compositor, considerada em seus aspectos mais íntimos, passou à pauta e soou nos concêrtos. E, somente em virtude do processo mágico da música, que dilui em harmonia o que poderia haver de chocante na apresentação de corações desnudados, a mensagem audaciosamente livre que êles transmitiram não perturbou os ouvidos castos com o tom violento da descarga das emoções. Estas estavam ali transformadas, pela maravilhosa alquimia da arte, em bela e comovedora música...

WAGNER, STRAUSS E DEBUSSY

Escrevendo os versos e a partitura de Tristão e Isolda, Wagner comunicou, na sugestão da música apaixonada, o que, com palavras, não ousaria formular porque não formularia sem escândalo... Quando a palavra se detém, a música avança...

No Cavalheiro da Rosa, Richard Strauss discípulo de Wagner, cuja obra revela um parentesco com a do seu genial antecessor, exprime no idioma vago mas insinuante da música a paixão violenta dos personagens e nem sequer faz corar as donzelas... Tinha razão Hoffmann.

Aliás, mesmo quando o verso já é suficientemente... livre, a música, que porventura venha envolvê-lo sublinha e torna mais intensas as sugestões da palavra... As canções de Bilitis são bastante explícitas... mas, recobertas pela música de Debussy, ainda se tornam mais sedutoras e o compositor vai além do poeta...

De resto, engastadas em partituras tão conhecidas, como, por exemplo a "Tosca", há expressões que a música comenta de maneira inconfundível. Nem todos saberão que, na ária "E lucevan le stelle..." o libretista fêz com que Mário Cavaradossi evocasse seus amores com a impetuosa Tosca em têrmos... muito francos, mas não é preciso compreender as palavras para sentir a sugestão apaixonada da melodia que entôa o condenado à morte. Se Puccini houvesse escrito palavras na pauta em vez de desenhar notas...

A propósito, o leitor sabe que, a certa altura da ária "No, pagliaccie non son", da "Pagliacci", como se já não bastasse a violência da música, Leoncavallo faz com que Cânió se dirija à esposa em têrmos... "existencialistas"?



Maria Augusta Menezes de Oliva

MARIA Augusta Menezes de Oliva, que há pouco seguiu para os Estados Unidos em missão de intercâmbio cultural, acaba de se fazer ouvir no Carnegie Hall, de Nova York, tendo ali obtido ruidoso sucesso.

Os críticos dos principais jornais americanos, sempre tão rigorosos nas suas apreciações, referem-se, todavia, à nossa jovem e talentosa patrícia com particular entusiasmo e decidido louvor.

"The New York Times" chega a dizer: — "Maria Augusta Menezes de Oliva é um nome que provavelmente será ouvido de novo, pois esta jovem está seguindo o caminho para se tornar uma pianista de primeira categoria". Para o crítico musical do "New York Herald Tribune" a pianista brasileira "possue um estoque abundante das qualidades imprescindíveis a um verdadeiro concertista: — fôrça, sonoridade e uma maneira de execução, que a torna, natural e diretamente, inconfundível". Mas é o "New York Sun" que declara tem a concertista brasileira, interpretando a Sonato em Dó, de Mozart e a Tocata e Fuga de Bach, "demonstrado muita clareza de contornos, compreensão de detalhes e um completo senso de estilo".



MARIA DEGOLADA

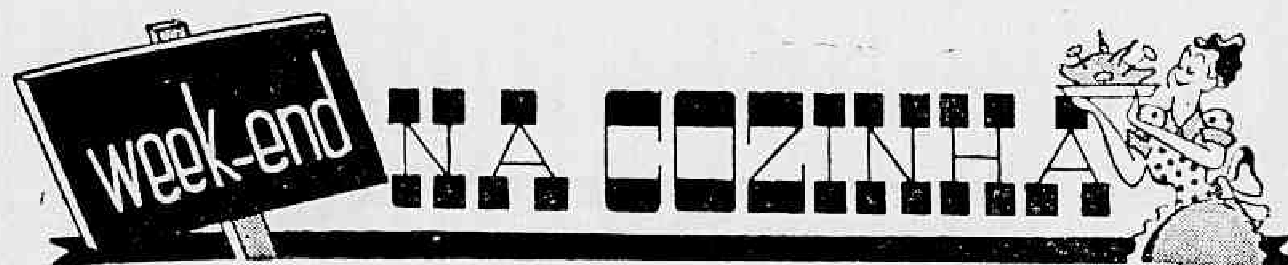
(Cont. da pág. 11)

mão estão acariciando o pescoço de Maria da Conceição. As recordações atropelam-se e enovelam-se no cérebro do revolucionário. Êle nem sabe bem o que faz quando vê o aço da adaga confundir-se com os cabelos da espôsa. Afasta-os com calma, gozando aquêle contacto quente. O pescoço de Maria também é quente. E como é fria a lâmina da adaga!

Bruno Bicudo só voltou a si quando o sangue jorrou sôbre o seu rosto. O corpo de Maria continuava ao seu lado, pequenino, pequenino como ela sabia fazê-lo quando buscava proteção sob os seus braços. Mas, a dois passos de distância, a cabeça... a cabeça mais linda do bairro do Parthenon... decepada de um só golpe... e brilhavam seus cabelos louros como brilhavam as lanças de 93...



E assim — porque morreu por amor — Maria da Conceição veio postar-se ao lado de Santa Josefa, São Sepé, o Negrinho do Pastoreio — e tantos outros santos locais do Rio Grande do Sul. Hoje, ninguém mais sabe como se descobriu que ela era milagrosa. Mas o passado não interessa; basta saber-se que nenhum mal perdura quando alguém, invocando seu nome, leva um ramalhete de flores ou acende um pedaço de vela à sombra da velha figueira que teve sua seiva banhada pelo sangue de Maria Degolada...



FRANGO A MILANESA

Tome dois frangos limpos e corte as coxas, as pernas e as ante-asas e os peitos pelo meio. Lave em água fresca e leve a tostar numa frigideira, com duas colheres de gordura e meia colher de cebola. Junte os miúdos, um pouco de água quente, cheiro e tomates, e deixe a cozinhar em fogo fraco até os pedaços ficarem macios. Retire do môlho, passe cada pedaço em farinha, depois em ovos batidos, em pó de pão, calque bem e guarde. Pouco antes de servir leve a fritar em banha quente até ficar com a crosta dura, mas sem ficar escurecida. Esmigalhe os ficados no môlho, côe, reduza e sirva na molheira.

★

TOURNEDOS PRUSSIANOS

Faça doze bifes simples. Torre doze rodelas de pão de fôrma e passe manteiga. Arrume o pão em dois pratos, sôbre êle coloque os bifes, deite em cima rodelas de presunto, depois rodelas de



tomates fritos e termine com uma ameixa recheada de paté de foie-gras. Regue com o próprio môlho.

★

SALADA DE BATATAS E BETERRABA

Tome meio quilo de batatas regulares e cozinhe com casca; descasque, corte logo em tirinhas e regue com quatro colheres de leite quente com sal, tempere logo com môlho de azeite, vinagre e duas gemas peneiradas e as claras picadas. Tome duas bererrabas cozidas com casca, descasque, corte em tirinhas e deite de môlho com uma colher de vinagre e uma de açúcar e sal. Escorra, deite no meio da saladeira e as batatas ao redor. Em cima faça a margarida abaixo:



MARGARIDA PARA SALADA

Tome dois ovos cozidos e parta em quatro sôbre o comprimento. Retire as gemas e passe pela peneira. Com os pedaços das claras, com a parte convexa para cima, forme uma margarida de oito pétalas e faça o centro com as gemas. E' muito interessante, linda como guarnição.

★

CLUB SANDWICHE

Parta pão de fôrma em fatias de meio centímetro sôbre o comprido, passe manteiga só de um lado e corte em quadrados. Deite em cima de cada um uma fôlha de alface, uma fatia de toucinho inglês, frito, uma de frango assado e rodelas de tomate cru. Deite môlho de maionese e cubra com outro quadrado de pão.

★

BÔLO LIGEIRO

Tome 250 gramas de farinha de trigo, 250 gramas de açúcar, uma xícara de leite, uma colher de manteiga, uma de fermento e dois ovos. Bata bem como qualquer bôlo e leve a assar em fôrma untada

★

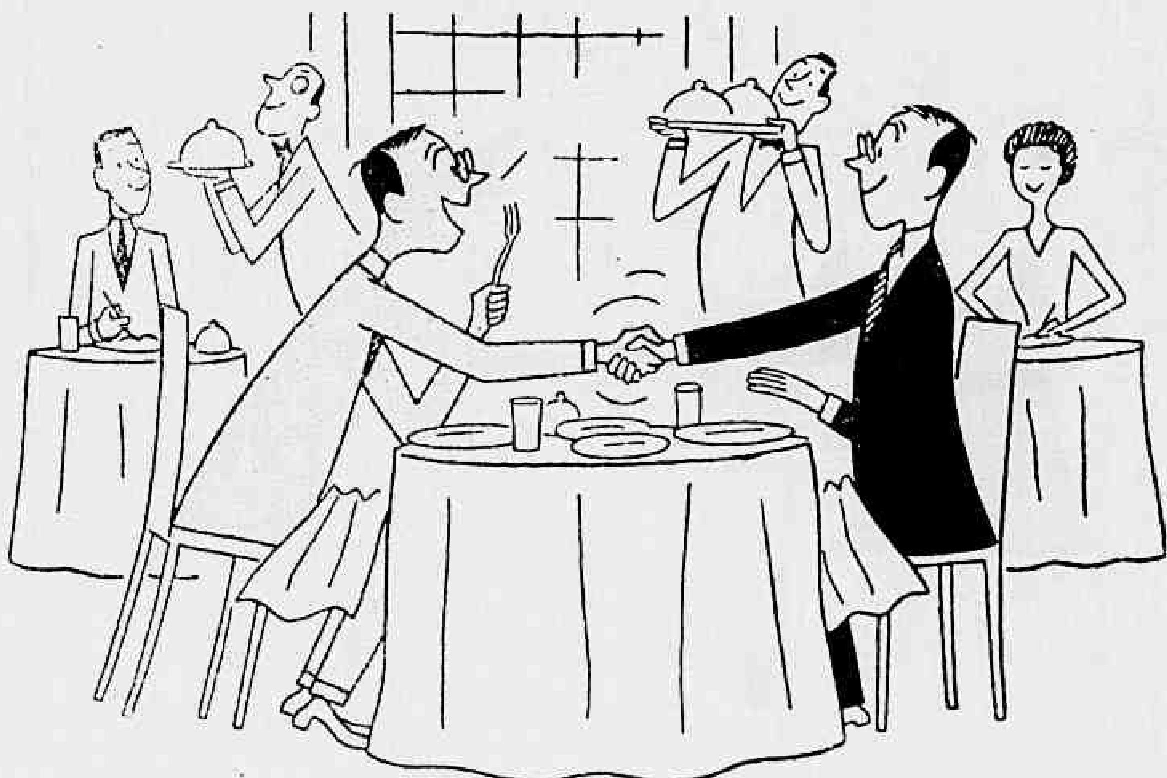
COCADAS DE CHOCOLATE

Faça uma calda em ponto com uma colher de chocolate em pó e quatro ovos. Junte uma colher de farinha de pasta, com 350 gramas de açúcar. Bata uma colher cheia de manteiga, um côco pequeno ralado e a calda. Misture e leve a assar no forno em forminhas untadas.

★

SAO PAULO CUP

Uma garrafa de champagne, três de soda, dois cálices de curaçáo, três laranjas, um abacaxi, algumas uvas, tudo picado, algumas fatias de pepino e gôtas de Angostura. Leve a gelar e sirva durante tôda a refeição.



Compre a melhor gordura...



GORDURA de CÔCO CARIOCA



...e terá uma linda lata para mantimentos

COMPANHIA CARIOCA INDUSTRIAL
Rua 1.° de Março N.° 6 - 10.° andar - Telefone 23-2010

O Primeiro Neto

(Cont. da pág. 52)

Aos treze meses era quase nulo o seu desenvolvimento físico.

Uma tarde, forte gripe atacou a criancinha. Tendo se ausentado para Petrópolis o médico que lhe assistia, foi chamado o Dr. Plácido, um velho amigo da família.

Examinou e medicou convenientemente o menino enfêrmo; findo o exame chamei-o ao meu gabinete.

— Plácido, como velho amigo nosso, quero que sejas sincero e me digas com tôda a franqueza o que pensas do meu neto.

— Ouviu-me sem dizer palavra; meditou longo tempo, e por fim, encorajado por minhas palavras, retrucou:

— Acho um caso perdido... não que esteja à morte, não, por êsse lado não há motivos de apreensões nem sustos. De saúde êle não está tão mal assim, uma simples gripe... logo ficará restabelecido. Mas falo do caso teratológico que êle apresenta, penso que em nada mudará fisicamente... creio mesmo que teu neto nunca andará. Talvez me engane; aconselhava-te convocares uma junta médica, depois dar-te-ia uma resposta certa e definida.

Cinco médicos de renome foram chamados. Plácido acompanhou-os no exame do menino; exame longo, interminável, cruciante. Nada foi abandonado à pesquisa. Inúmeros exames de laboratório foram requisitados.

No fim, a sentença de morte às nossas ilusões fagueiras: o menino nunca andaria. Eternamente arrastaria uma vida que seria um perene vegetar. Pensei enlouquecer com o laudo médico.

Comecei então a viver um drama pavoroso... uma tragédia inenarrável. Em poucos dias meus cabelos alvejaram; sofria... sofria imensamente.

Pavorosas eram as minhas noites. Acordava alta madrugada, tendo sôbre o peito um monstro, em tudo semelhante ao meu neto, que procurava beijar-me com aquela bôca de túnel, bôca de ventosa. E, em meu cérebro acorriam pensamentos indizíveis que eu procurava afastar, com energia: — "Para que viver êsse menino?... O que será sua vida?... Enquanto vocês viverem êle terá tudo: amor, carinhos, cuidados; quando vocês lhe faltarem, que acontecerá ao pobre infeliz? Será um trapo lançado à sargeta infecta da rua. Quem dele cuidará, se tu mesmo tens horror do teu neto? Não seria melhor que êle perecesse?"

Num salto, erguia-me do leito. Repelia, com vigor, as idéias que nublavam minha mente; e saía para a varanda, onde o frio cortante da madrugada trazia um pouco de refrigério aos nervos excitados.

Emagrecia a olhos vistos. Mas também, quem poderia suportar a vida que eu levava? Durante o dia procurava absorver-me no trabalho; trabalhava intensamente procurando nele um derivativo aos meus sofrimentos.

À noite sobrevinha a longa e interminável vigília... era dominado por invencível insônia... e os demônios negros vinham povoar meu cérebro que, pouco a pouco relaxava a defesa, não procurando deles se livrar — dos máus pensamentos — "Tua filha é uma mártir! Como finge viver feliz... e como sofre! Quão pungente será o seu sofrimento ao ver o filho atingir a idade escolar, atado a um carro de paralítico! Como sofrerá seu pobre coração vendo o filho eternamente a ela preso, quase sem vida, sem ação nem movimento... crescendo, ficando moço, na idade em que amam os jovens... e êle sem poder viver, sem poder amar!... Quem amará um monstro que o próprio avô repele?

Era de enlouquecer. Vestia-me, às pressas, saía para a rua, e perambulava pela cidade deserta, falando sozinho, como louco; atraindo a atenção dos rondantes, que scrriam, julgando-me um ébrio ou desequilibrado.

Aquela situação precisava ter um têrmino. A continuar dessa maneira eu acabaria doido, louco furioso.

Comecei, então, a sentir profunda compaixão por minha filha e por aquele pequenino ser, que culpa alguma tinha de ter vindo ao mundo em tão deploráveis condições físicas. Quão dolorosa seria a "rua de amarguras", daquelas duas vidas se o menino continuasse a viver!

E em meu cérebro começou a crescer, a avolumar-se, aquela idéia fixa: êste menino não deve viver. O espírito do mal ciciava, em meu ouvido, mil e uma razões que reforçavam essa resolução determinante: êste menino precisa morrer! A voz da consciência elevava-se, dentro em mim, e bradava, apelava-me à razão, ao estrito cumprimento do dever. E aquela luta interna deixava-me exausto, esgotado, vencido.

Naquele dia, dia do crime, o trabalho insano esfalfara-me, esgotara as últimas reservas de energia. Chegara em casa, como se costuma dizer: mais morto que vivo. Pensava alcançar, num sono reparador, o descanso ao corpo exausto de tantas noites mal dormidas e do trabalho intenso daquele dia.

Enganadora ilusão! Impossível dormir; como poderia conciliar o sono?... e as horas se sucediam, lentas e intermináveis.

E a luta, em minha mente escaldante, renascia, persistente, dominadora, avassalante — "Tem pena de tua filha... livra-a dêsse fardo que aniquilará sua vida! sofrerá, não há dúvida, mas a mocidade superará, em breve, a saudade do filho... e que filho! Tem compaixão dêsse pobre inocente... O assassínio é um crime; no teu caso será uma bênção. O fio tênue que o liga ao mundo é ainda bem frágil, corta-o de um só golpe... Livra-o dos sofrimentos físicos e morais futuros!... Mata essa criança!... acaba com êsse monstro! Mata êsse monstro!

Pensei desfalecer, tão intensa era a luta que em meu ser se travava. Não dormi um minuto sequer. Velei a noite inteira. Lá fora, o silêncio noturno; dentro em mim um turbilhonar de pensamentos, entrechoque de fôrças opostas; o gênio do bem terçava armas com o espírito das trevas. Mas êste dominava, com razões plausíveis, com argumentos irretorquíveis... e eu sofria, sofria intensamente.

Profundo devia ser o sofrimento do réu. Abatido por forte emoção, pendeu o busto para a frente, e nessa posição permaneceu largo tempo. Passaram-se os minutos. Erguendo a custo o corpo, sorveu o ar, num longo hausto, continuando após, sua empolgante narração.

—Ia alta a madrugada, quando, insone, ouvi dorido vagido, no quarto de meu neto. E o chôro aumentava, ferindo os meus ouvidos... e ninguém atendia ao seu apêlo.

Profundo devia ser o sono dos pais, pois não acudiam a criancinha, que gemia cada vez mais, num vágir doloroso que me arrepiava e me enervava ao extremo.

Levantei-me e dispus-me a ver o que havia com êle. Entrei em seu quarto, que ficava contíguo ao de Marilda.

Suave luz envolvia o ambiente de uma penumbra, que enchia os cantos de sombras. Acheguei-me a seu berço. Aconcheguei a roupinha em tôrno do corpo do menino, tiritante de frio, e dispus-me a sair.

Foi então que se deu a tragédia. Quando, uma última vez, estendia o cobertor sôbre o frágil corpinho, senti meus dedos roçarem em seu pescocinho. Sentil um arrepio percorrer meu corpo.

Sentindo-se confortada a criancinha esboçou um esgar, simulacro de sorriso. Aquilo era excessivamente forte para mim. Em uma fração de segundo vieram-me à mente tôdas as "judiciosas" razões do espírito do mal... sua voz crescia, tomava volume, enchia o ambiente... Mata êsse monstro!... Mata êsse ser inútil!...

Perdi a noção das coisas; meus dedos agarraram e apertaram o pescoço do menino... e apertavam... apertavam... A criancinha gemeu alto, estrebuchou; e eu continuava apertando, constringindo cada vez mais, como se estivesse louco.

Só dei acôrdo de mim quendo um grito dilacerante de minha filha rasgou o silêncio da madrugada. E como um corpo morto, tombou, pesadamente, aos meus pés.

... o resto o Dr. já sabe. De nada me recordo; não me lembro como para aqui fui trazido, pois cai em estado de funda apatia que me dominava, que me subjugava. Aí tem, Sr. Delegado, as razões do meu monstruoso crime. Agi de acôrdo com a consciência, ouvindo os ditames do coração. Que o rigor da justiça se abrande julgando, não o assassino que mata friamente, mas o indivíduo que afasta do convívio da sociedade um ente inútil, um ser monstruoso. Que a justiça dos homens julgue o pai que procurou para sua filha querida uma parcela de felicidade, e deu a paz de Deus a um ser anormal, eternamente condenado a um viver pungente e abjeto.... Que me julguem os homens e me condenem se...

Não lhe foi possível prosseguir; fundos soluços cortaram-lhe as últimas palavras. Apoiando a cabeça sôbre a mesa do Delegado, chorava sentida e doloridamente.

Tôdas as pessoas que assistiam ao depoimento do avô assassino sentiam-se tocadas pelo seu sincero arrependimento. Controlando-se, com esfôrço, falou o Delegado, procurando terminar aquela cena angustiosa:

— Meu amigo, são justas suas lágrimas; mas não deve tanto temer a justiça humana; ela se abrandará ao tomar conhecimento dos fatos como êles se passaram. Justo arrependimento deve ser o seu, que lágrimas sinceras o atestam.

— Não, interrompeu o réu, — sem levantar a cabeça apoiada à mesa — eu não temo o rigor da justiça dos homens, nem chcro arrependido; não sinto remorsos do crime cometido porque o fiz consciente, com plena advertência.

— Se não choras por temor do castigo nem por arrependimento do crime cometido, não posso perceber o sentido das tuas lágrimas!... Vamos, bom homem!... Sê forte! Por que choras, então?

Levantou o réu a cabeça e, em suas faces onde as lágrimas escorriam, estampava-se o mais pungente sofrimento. Com a voz embargada pelos soluços, retrucou:

— Sr. Delegado, profundo e sincero é o meu sofrer. Eu me lamento, choro e sinto, porque já amava, já adorava loucamente aquêle pobre inocente.

Reconciliação

(Cont. da pág. 50)

nheira, em vez da moça alegre e despreocupada que fôra a namorada e a noiva.

Tinha prazer em pedir-lhe que visse suas roupas, que pregasse um botão em sua camisa, que serzisse suas meias. Mas Elena demonstrara claramente não achar graça nestas coisas.

Seis meses depois que estavam casados, houve a primeira briga.

As contínuas saídas, os gastos com a empregada, com a casa, eram demasiados, e Mauro percebeu que não seria possível continuar assim, a não ser que quisesse contrair dívidas. Esperou, pois, uma ocasião favorável, e falou nisto a Elena. Êle ganhava bem, mas não tanto assim, para que ela julgasse não haver limite. Não seria possível tentar economizar um pouco, diminuir as idas ao Cassino, ficarem mais noites em casa?

A conversa tinha começado calmamente, e aos poucos haviam se exaltado. Pela primeira vez, Elena foi cruel:

— Você não sabia que eu estava acostumada a gastar, quando quis casar comigo? Nço disse sempre que não queria que eu mudasse?

— Não queria que mudasse, somente que tentasse compreender que assim não seria possível continuarmos. Se ganho quatro migo? Não disse sempre que não queria gaste seis mil, não acha?

Brigaram, deitaram-se sem se falar mais, e no dia seguinte êle partira para o emprêgo sem o beijo dela.

Arrependera-se por ter falado, por ter brigado, e desejara que o dia passasse rápido, para chegar em casa e pedir-lhe perdão. As pazes foram feitas, a harmonia tornara a reinar entre êles, até que num outro dia tornassem a questionar por causa de muitos gastos, novamente.

Os dias passavam rápidos, e Mauro, apesar de tudo, sentia-se feliz, contente com o casamento, sempre apaixonado pela espôsa.

Um dia, e há sempre um dia assim, êle voltara mais cedo da firma onde trabalhava, planejando levar Elena à cidade, para lancharem como dantes e quando chegara em casa ela não estava. Perguntara à empregada se sabia onde a espôsa tinha ido e a negra respondera que não, acrescentando:

— O senhor não se preocupe que daqui a pouco ela estará de volta. Ela saiu com D. Alice e parece que foram à cidade.

Alice era uma amiga de Elena, nos tempos de solteira, com quem êle não simpatizava, por achá-la desembaraçada de mais e muito espalhafatosa.

Não queria suspeitar, fazer mau juizo da espôsa, porém a dúvida persistia, martelando-lhe a cabeça.

— Elena sai sempre e nunca me falou nisso. Por quê? Por quê? — Ficou sentado, pensando, e a dúvida foi se infiltrando, corroendo sua fé e a confiança inabalável que depositara na espôsa. A cabeça estalando, os nervos à flor da pele, repentinamente deixou de achar o dia lindo e os planos de passeio e divertimento desfizeram-se. Seu coração doia, e baixinho, gemeu:

— Por que fizeste isto comigo, Elena?

Mas ela chegara, e quando entrou na sala trouxe consigo tôda beleza e encanto que havia lá fora. Com sua presença, a sala enchera-se de luz e alegria. Ela vinha risonha, o rosto corado e os olhos brilhantes, elegantíssima num costume de lã marron, os braços carregados de pacotes. O sorriso morrera em seus lábios ao vê-lo, e por achá-la tão linda, a raiva que sentia aumentara e êle tivera vontade de sacudi-la e machucá-la, até que ela confessasse por onde andara.

A explicação tinha sido simples: fôra ao comércio, fazer compras com Alice. A voz dela era fria, perguntando:

— Quer me dizer se há algum mal nisto?

— E das outras vêzes, que foi você fazer?

— Fui lanchar, fui ao cabeleireiro, a manicure, ao cinema...

— Mas porque nunca me disse nada? Por que escondeu tudo de mim?

— Porque você iria se zangar, não haveria de me deixar ir...

— E então? — êle se esforçava por dominar o ressentimento.

— Então, como achei aborrecido ficar em casa sem fazer nada; como me cansei de ler romances, resolvi sair numeros. Você passa o dia fora, distrai-se, tem interêsses, porque não hei de me divertir também?

— Mas de onde sai o dinheiro que você gasta nisto?

A raiva ia crescendo, aumentava a tensão entre ambos, e cada um desejava ferir mais o outro, ofender profundamente. Elena respondera, a voz alta e orgulhosa, e um brilho mau nos olhos claros:

— Não se incomode que de seu bôlso não foi. Papai ainda tem prazer em me ver contente, gosta de me ver bem vestida, elegante e bonita!

— E desde quando aconteceu isto? Há quanto tempo o seu pai lhe dá dinheiro?

— Há quanto tempo? Há quatro ou cinco meses, desde que você reclamou meus gastos...

De repente, Mauro se sentiu tão triste, tão deprimido, um cansaço tão grande o invadiu que tentara fazer as pazes. Não pudera continuar assim, vendo-a tão afastada dêle, e contudo sempre amada, cada vez mais querida.

Fizera a proposta com calma:

— Por que você não tenta interessar-se pela sua casa, fazer como as outras mulheres que encontram alegria e acham compensação em ser apenas a espôsa, o anjo do lar?

Tinha havido uma pausa longa, antes que ela respondesse:

— E' inútil, Mauro, eu não poderei levar a vida que você deseja, preparando quitutes na cozinha ou serzindo suas meias, junto ao rádio. E' inútil, porque isto eu não farei, e você sabia perfeitamente como eu era, quando casamos...

Oh! Deus! Como ela sabia ser cruel, com que modo lhe lançava ao rosto, sempre, a mesma frase:

— Você sabia como eu era, quando quis casar comigo.

Mauro não insistira e daquele dia em diante tentara dar razão à espôsa, reconhecer que ela não correspondia ao tipo caseiro, que fôra feita, somente, para brilhar e encantar os outros e que êle mesmo, um dia, desejara que Elena não fôsse outra coisa senão a mulher jovem, linda e uma ótima companheira para as diversões; uma espôsa que qualquer marido teria prazer em apresentar, consciente de que seria invejado por muitos corações masculinos...

Agora, porém, com onze meses de casados, desejava outra coisa. Queria calma e confôrto, um lar e filhos...

(Cont. no próximo número)



CONSERVA A ONDULAÇÃO PERMANENTE

Wave-Comb é um pente maravilhoso. Deixa os cabelos fôfos, brilhantes e vaporosos, estimulando-lhes o viço e a resistência. Wave-Comb desembaraça os cabelos sem arrancá-los ou ferir a cabeça.

Pedidos à

IBERO-AMERICANO INDÚSTRIA E COMÉRCIO S. A.

Praça da República, 64 - 10.º - Tel. 6-6541 - S. Paulo

★

FILIAL: Rio de Janeiro - Av. Visconde de Inhaúma, 134 - 6.º - S/ 614 - Tel. 43-2159

JOTAVÊ - Propaganda

A SAÚDE DO BEBÊ

ALGUNS DADOS NA CRIAÇÃO DO BEBÊ

DR. SABÓIA RIBEIRO

Se no adulto a alimentação deficitária e defeituosa acarreta uma série de perturbações do organismo, com mais veras, na criança, os efeitos da alimentação errônea se mostram, a miúde, em uma série de quadros, onde o pediatra experimentado descobre, logo, a causa determinante dos mesmos, ligada essencialmente à alimentação em uso.

A prática do alactamento obriga, periodicamente, a modificações imprescindiveis do regime da criança, quer êste seja o alactamento natural, quer o artificial.

Além disso, saber interpretar a curva de pêso, ter noções suficientes sôbre as funções digestivas do bebê, decidir com oportunidade sôbre a introdução das vitaminas no regime; saber operar as modificações dêste em face da diarréia ou da prisão de ventre; saber, ainda, o momento de modificar o número de mamadeiras, e como fazer a redução gradual do leite, ou a ocasião do regime misto (peito e mingáus, etc.) — eis algumas noções ou providências que não consentem um conhecimento hesitante na prática do alactamento infantil.

Já se foi o tempo que o leite, mesmo o materno, era considerado o alimento exclusivo da criança, até não mais querer, conquanto abundante e forte. Tampouco, o seu uso indiscriminado, como outrora, no alactamento pelo leite animal, bastando somente um pouco mais, um pouco menos de água, nas diluições do preparo das mamadeiras, dos primeiros meses — hoje não mais o consente a boa prática puericola, por isso que fórmulas assaz simples, sem descer a essas diluições, permitem o preparo das mamadeiras, não só em condições de melhor tolerância do aparelho gastro-intestinal do bebê, como satisfazem melhor às suas necessidades.

Melhor conhecidas, hoje, disposiçoes especiais de certas crianças, há limitar as amplas indicações do leite materno quando a criancinha oferece uma sintomatologia que a identifica como portadora da diátese exsudativa, caso que obriga ao desmame precoce da criança e instituição do regime artificial adequado ao seu estado.

Em virtude de tais modernos conhecimentos, podem-se recomendar na criação do lactente as seguintes normas:

1 — **Horário até o fim do sexto mês:** 6 — 9 — 12 — 15 — 18 — 21 horas (seis mamadeiras).

Ao sétimo mês: 7 — $10\frac{1}{2}$ — 14 — $17\frac{1}{2}$ e 21 horas (cinco mamadeiras).

Ao décimo primeiro mês: 7 — 11 — 14 — 21 horas (quatro refeições).

2 — **Quantidade e preparo das mamadeiras:** Hoje não mais se tolera que se dê à criança leite de vaca ao terceiro ou quarto; no máximo (até o terceiro mês) **metade leite, metade água**. As proporções do leite e água se calculam da seguinte forma:

Leite — o décimo do pêso da criança.
Água — outro tanto.

Acrescentar açúcar e farinhas na razão de 1 colherinha para cada 100 grs. da mistura leite + água. Como o total de liquido de um dia não deve ultrapassar de 900 grs., sempre que o pêso da criança exceder de 4.500 grs. a quantidade de água será o suficiente para completar 900 grs Aliás, na prática, acima do sexto mês, já o leite poderá dispensar tôda diluição, salvo que se lhe juntarão sempre farinhas e açúcar (1 colher de chá, de cada, por 100 grs. de leite).

Exemplo (preparo de mamadeiras para criança pesando 8.300 grs.):

Leite	830 gramas
Água (para 900 c.c.) ..	70 "
Farinha	9 colheres de chá
Açúcar	9 " " "

3 — **O pêso da criança** — O pêso da criança pode ser calculado tendo-se em conta o **pêso inicial** (do nascimento) e o aumento normal referente aos deferentes periodos.

Assim temos: **a criança aumenta:**

30 grs. por dia	—	1º	—	2º	meses
25 " " "	—	3º	—	4º	"
20 " " "	—	5º	—	6º	"
18 " " "	—	7º	—	8º	"
15 " " "	—	9º	—	10º	"
10 " " "	—	11º	—	12º	"

Um exemplo: Uma criança nasceu com 3.800 grs. e está no sexto mês; que pêso deve ter?

1 — 2 meses	1800 grs.
3 — 4 "	1500 "
5 — 6 "	1200 "
	4500 grs.
Pêso ao nascer	3800 "
Pêso atual	8300 "

(As tabelas infantis resumem ésses cálculos e podem ser consultadas com proveito semelhante, nas mesmas emergências).

Como, ao sexto mês, são seis as mamadeiras — no preparo de cada mamadeira essas quantidades serão reduzidas ao sexto.

Aliás podem se preparar quantidades para três mamadeiras, de vez, distribuindo pelo têrço cada refeição da criança

4 — **Regime de sopinha** — Ao sétimo mês, duas vêzes ao dia, dar-se-á uma sopinha (às $10\frac{1}{2}$ e $17\frac{1}{2}$, por exemplo). Poder-se-á dar a seguinte sopinha:

Água — 1 litro; Carne — 250 grs.; Batatas — 6; e legumes variados da estação; 4 c. de chá de uma farinha. Cozer até engrossar e passar por peneira.

Dessa sopinha dar 200 grs. cada vez. O uso das sopinhas convém, inclusive, no alactamento ao seio. No ato de pôr na mamadeira, salgar; algumas crianças repelem o sal; então adoçar, mas sempre tentando noutras vêzes a aceitação do sal.

Muito bom juntar à sopinha ½ banana crua, rapada.

5 — **Regime variado aos onze meses:**
7 horas — 200 grs. de leite de vaca sob qualquer forma.

11 horas — Sopa, caldo de feijão os lentilhas, 50 grs. de carne (carne cozida e moída, bife mal assado, raspado). Frango desfiado e picado. Peixe cosido. Pirão de fígado, timo e miolo.

15 horas — Frutas cruas da estação, com pão, biscoitos, etc

19 horas — Sopa.

6 — **Regime de vitamina** — No começo do quarto mês é obrigatório o uso de vitaminas, não somente a Vitamina C, particularmente existente nas frutas (laranja, lima, uva, etc), senão também as demais. A vitamina D é suprida com a exposição da criança ao sol brando. 5 — 10 — 15 minutos, gradualmente.

No inverno vai bem uma colherinha de chá da seguinte fórmula, duas vêzes ao dia:

Fosfato tribásico de cálcio — 10 grs.; óleo de figado de bacalhau — 100 grs..

CORREIO DA REVISTA

José Gonçalves Valente — Faial — Ilha da Madeira — Remetemos seu pedido a uma casa especializada.

J. F. de S. — S. Paulo — Seu conto "O par de botinas" não foi aproveitado. Procure melhorar um pouco o português.

Odete Cisneiros — Carangola, Minas — Seu conto "Renúncia" está muito bom. Continue. E muito agradecidos pelos cumprimentos e votos de felicidade, o que retribuimos.

Vera Millward d eCarvalho — Caxambu — Minas — "Velho Album" já não está mais conosco. Deve ter sido julgado. Quanto ao "Heloisa e Elza", sairá brevemente. Prossiga.

Dr. Jarbas S. de Carvalho — Ponte Nova — Agradecemos a contribuição embora tenha vindo um pouco tarde. Já encerramos a publicação da matéria.

Maria Teresa Moniz de Sousa — Pôrto Alegre — Está com o ilustrador. Aguarde sua vez.



Que será seu filho AMANHÃ!

advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

Rádio-Amador...

(Cont. da pág. 29)

possuem uma prática formidável, podendo entrar em ação a qualquer momento. Os lugares onde realizam suas transmissões, os laboratórios, chamam-se "shack". Em quase todos que visitamos, havia confusão de aparelhos e material espalhado. Pois é dessa confusão que êles fazem um ideal para um mundo melhor e mais confortável. Êles reduziram o tamanho da terra. Para êles uma radiocomunicação com o Japão é coisa facílima de se fazer. A experiência com novo tipo de antena, nova frequência, uma válvula diferente, uma bobina de fabricação própria, um circuito sugerido por um colega, uma ligação nunca experimentada, sempre constituem motivo de alvorôço, de esperanças, e de satisfação quando o efeito confirma a teoria. O Rádio, que no Brasil conta como pioneiros nomes como o de Roquete Pinto, Carlos Lacombe, Alvaro Freire e José de Almeida Gomes, pode orgulhar-se de seus continuadores. A eletrônica tem nos rádioamadores brasileiros dedicados pesquisadores. O Brasil figura em segundo lugar entre os países que maior número de radioamadores possuem. Acima de nós, só os Estados Unidos, com mais de 50 mil amadores.

CLUBE DO PICA-PAU

Pelas convenções internacionais de telecomunicações, das quais o Brasil é signatário, a todo radioamador é obrigatório o conhecimento da radiotelegrafia. Pela Portaria n. 19, de 14 de janeiro de 1948, no Brasil era permitida a entrada para a LABRE mesmo sem o exame de telegrafia. Além de estar em desacôrdo com as convenções internacionais, esta falha é grandemente prejudicial por várias razões. Em explicação de leigos para leigos, o que nos foi dado compreender nas entrevistas realizadas, é o seguinte: a fonia, isto é, a palavra falada, ocupa maior espaço no éter, pois a onda que transporta o som provoca, no seu caminho, uma série de outras ondas, à maneira do que faz um navio quando sulca a superfície das águas provocando uma esteira que se alarga cada vez mais. E' o que se chama de ondas laterais e que interfere num espaço em que poderiam caber várias transmissões em CW — telegrafia. A telegrafia tem muito maior alcance e seletividade e, consequentemente, maior penetração. O código Morse permite uma velocidade de transmissão e compreensão superior a qualquer mensagem em fonia. Para se operar em Morse não é necessário conhecer outra lingua que não a própria, pois o código é internacional e as abreviações tambem. Todos os navios e aviões fazem transmissões em telegrafia. Como ser-lhes úteis sem conhecer o CW? Os radioamadores não são considerados Reserva Militar? Qual o serviço que poderão prestar, em caso de necessidade, se transmitem unicamente em fonia? Foi para reparar uma situação anormal que recentemente a LABRE instituiu o Club do Pica-Pau que ensina telegrafia. Ensino "sui generis", pois os alunos assistem de suas próprias casas, através do receptor. O método aplicado é o auditivo, mais rápido e eficiente que o visual. Um dos professores, o Sr. João Emiliano do Lago, disse-nos que aplica êste método há muitos anos, sabem aonde? no Instituto Benjamin Constant. Os alunos são cegos, e êle também há muito perdeu a vista. A maior satisfação dele foi quando no início da última guerra os americanos do norte adotaram o seu sistema de ensino da telegrafia pela audição.

— Grava-se muito melhor, disse-nos êle, o som da letra transmitida, do que a imagem figurada por pontos e traços. Apreende-se pela música e não pela vista.

Visitamos o Clube do Pica-Pau. O professor é o Sr. Humberto Santos Barros, funcionário do DCT, "chaveiro" competente e habilíssimo. Do seu arquivo extraímos um trecho da carta enviada pelo Sr. Neyder Suelly Fernandes de Barros, ao Sr. Silvio Gomes, um dos diretores da LABRE:

"Como ex-combatente, integrando o 1.º Escalão da Gloriosa FEB, no heróico 6.º Regimento de Infantaria, pude sentir e conhecer de perto o inestimável valor do Serviço de Transmissões numa frente de batalha! E o alfabeto Morse jamais foi desprezado! Quando por qualquer motivo de ordem tática eram os rádios silenciados, surgia o processo de conjugar ao telefone um manipulador, baseado no principio de "volta pela terra". Mais uma vez estava em função de sua especialidade o rádio-operador!"

O Clube do Pica-Pau já conta com mais de duzentas adesões, vindas de todos os Estados. A iniciativa foi, em geral, bem acolhida, e, em breve, todos os radioamadores estarão aptos a operarem em fonia e em CW, preenchendo, portanto, tôdas as qualidades de um técnico especializado.

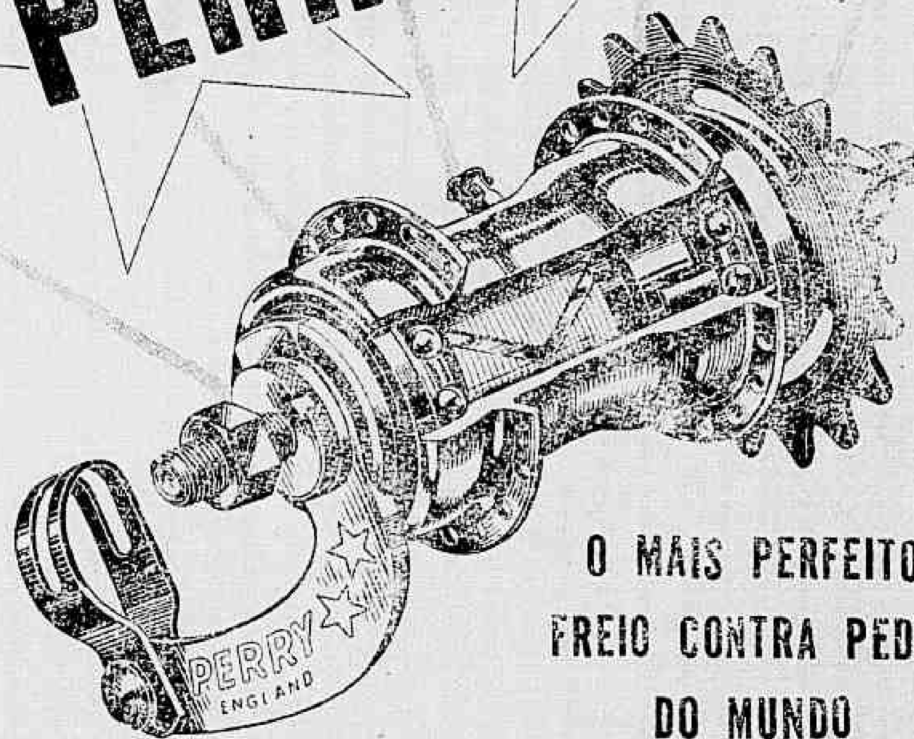
REPORTAGEM "IN LOCO" E PELO AR

No programa da reportagem fizemos constar entrevistas de vários radioamadores nos lugares de suas atividades. Visitamos ricos e não ricos, em palacetes de luxo e em humildes casas de avenida, de Copacabana até o subúrbio da Piedade. Por todos fomos recebidos com a gentileza que desde o principio da reportagem nos havia impressionado. Os aparelhos que encontramos em funcionamento são de tipos os mais diferentes. De construção estrangeira e nacional. Estes nada ficam a dever aos primeiros quanto à capacidade. Talvez percam em estética, em apresentação. Nos estrangeiros nota-se melhor acabamento. Comprados já prontos uns, montados com peças adquiridas outros, e ainda os que tinham peças adquiridas e algumas de fabricação caseira e rudimentar. Alguns com potência de um KW., o máximo permitido aos amadores, outros com apenas 40 watts. Todos funcionando bem e cobrindo o mundo inteiro, mesmo os menos potentes. A êsse respeito disseram-nos que a potência influe até certo ponto. O que é preciso é calibrar e regular o transmissor e todos os seus complementos para que tôdas as mais insignificantes peças funcionem num conjunto homogêneo. Deve-se possuir uma instalação feita dentro dos princípios da técnica, eliminando tôda e qualquer fonte de interferência, que pode ser dada pelos elevadores, ventiladores, bombas hidráulicas, compressores, transformadores, cabos de alta tensão, bondes ou mesmo simples interruptores. Eliminando o que fôr possivel, mais uma boa base de conhecimentos técnicos, uma antena direcional, escolhida a hora propícia — quase sempre ao crepúsculo ou de madrugada — consegue-se facilmente alcançar o Japão, nosso antipoda. Com a antena dirigida pode-se projetar a onda portadora do som, seja no sentido da latitude como no da longitude, através dos polos. O caminho escolhido é sempre o mais curto. As condições atmosféritas têm preponderante atuação sôbre as transmissões. As precipitações barométricas, os estados pre-chuvosos, as manchas solares, a umidade da atmosfera e tantas outras causas interferem, facilitando ou dificultando a propagação das ondas hertzianas. Nos comuns receptores comerciais, nota-se frequentemente a estática, prenunciando mau tempo. A onda que até agora mostrou mais sensibilidade nessas circunstâncias, é a de 10 metros. Some e aparece de repente, invertendo completamente, às vezes, o hemisfério em que atua. Há segredos no mundo da eletricidade que o homem ainda não explica. Os radioamadores por nós visitados, pertencem às mais variadas profissões: radialistas, funcionários do DCT, de companhias de aviação, advogados, médicos, corretores de imóveis, engenheiros, oficiais da Marinha e do Exército e algumas radioamadoras. Vários deles fizeram funcionar seus aparelhos, para que os pudéssemos observar, anunciando aos colegas com os quais conseguiam se comunicar, a presença da reportagem da REVISTA DA SEMANA e seus propósitos.

Por gentileza de alguns, tivemos oportunidade de falar ao microfone — experiência nova para nós — aproveitando a ocasião para fazer perguntas, em rápida entrevista através dos ares. Tudo bem de acôrdo com a orientação da reportagem, que assim conseguiu realizar de maneira original o trabalho que se propusera. Da sede da LABRE falamos para São Paulo, e, especialmente pela amabilidade de Barbosa Júnior, o conhecido radialista, conversamos do seu "schack" com o Cap. Arsonval Nunes Muniz, de

CICLISTAS!

Este é o novo



O MAIS PERFEITO
FREIO CONTRA PEDAL
DO MUNDO

FABRICADO E GARANTIDO PELA



PERRY CHAIN COMPANY LIMITED
BIRMINGHAM ---- INGLATERRA

não esqueça o bêbê ...



atenda-o com

Polvilho Antisséptico



GRANADO
UM PRODUTO CREDENCIADO
PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

Itu, com o bacharel Olimpio Teixeira Guimarães, jornalista, prefixado em Juiz de Fora, mas operando em Belo Horizonte ,e com João de Deus Assiz, de Ibitinga. Êste último, apesar do adiantado da hora, meia noite, fêz questão de acordar a espôsa, a Sra. Odete Patrão Assiz, também radioamadora e com a qual tivemos oportunidade de conversar.

PATRULHA DO AR

O radioamadorismo não deixa de ser um passatempo, mais ou menos dispendioso, pois vimos equipamentos baratos, construidos com peças de sucata, mas também vimos aparelhagem de mais de cem mil cruzeiros. E' um "esporte", digamos assim, acessivel à maioria. Ocupa muito tempo, vicia mesmo, mas como vicio é preferível a qualquer outro, pois tem sua utilidade marcante e provada. Muita gente se queixa das interferências dos radioamadores nas ondas do "broadcasting" comercial. Procuramos ouvir os acusados e disseram-nos que a maior parte dessas interferências é provocada pelo mau estado de funcionamneto dos próprios receptores comerciais, figurando em primeiro lugar os vulgarmente chamados "rabo quente". Pela mania que têm os radioamadores de ficar com seus aparelhos quase constantemente funcionando, a qualquer hora do dia ou da noite, êles formam, na realidade, a mais poderosa e eficiente "patrulha do ar". Com seus bons equipamentos conseguem captar qualquer mensagem. E quando esta é de alerta, é de perigo, ou é pedido de auxilio, êles são os abnegados e, quase sempre desconhecidos, intermediários entre quem precisa de amparo e quem pode fornecê-lo. Não possuem o egoismo da classe, pois a maioria dos auxilios é prestada a quem não é radioamador. Entre os muitos casos que poderiamos relatar, como documentação, escolhemos alguns, abrangendo setores os mais diferentes.

Quando em maio de 1947, o mundo todo agitou-se por causa de um fenômeno meteorológico, o famoso eclipse do sol, a transmissão direta do próprio local escolhido pelos cientistas como observatório, a até então desconhecida Bocaiuva, foi possivel graças aos radioamadores, devido às deficiências do lugar. Naquela ocasião, a melhor reportagem foi a divulgada pela Rádio Globo, que transmitiu com o pequeno aparelho de propriedade do jornalista Vasco Rocha.

Em principios de 1941, o Rio Grande do Sul foi açoitado por temporais de tal vulto que provocaram enchentes, destruições de lavouras, de casas, de estradas de rodagem e de ferro, linhas de comunicações telefônicas, interrupção de energia elétrica, paralisação e isolamento de uma vasta zona populosa, tornando-se uma verdadeira calamidade pública. Mortos, feridos e desabrigados foram o triste balanço. Pois bem, a cobertura radiofônica de tôda a zona afetada, foi realizada por três radioamadores. Isto é o suficiente para se compreender qual foi o trabalho extenuante e continuo daqueles três patrulheiros do ar. Fizeram serviços até para o DCT, transmitindo como se fôssem uma simples agência, e sem cobrar nada...

Em noite de muita cerração, um avião perdeu-se e começou a voar em circulos, para localizar um campo de pouso. Uma radioamadora percebeu a situação, comunicou-se pelo rádio com o pilôto, deu a posição, o avião estava voando sôbre Varginha, em Minas, e prometeu iluminar o aeródromo local para uma aterrissagem de emergência, pois o avião estava terminando o combustivel. Saiu pelas ruas à procura de quanto caminhão e carro encontrasse. Reuniu-os em volta do campo, e, com todos os faróis acesos, conseguiu vencer a névoa e facilitar a visão do pilôto, que desceu sem maiores novidades.

Caso mais recente é o inestimável auxílio prestado por uma rede de radioamadores à ousada travessia do barco "Italia-Trieste", que no Atlântico teve de enfrentar três ciclones, e cuja aventura constituiu assunto para uma de nossas reportagens anteriores.

Inúmeros são os serviços prestados por ocasião de doenças e de morte, seja para providenciar remédios com urgência, como para avisar os parentes.

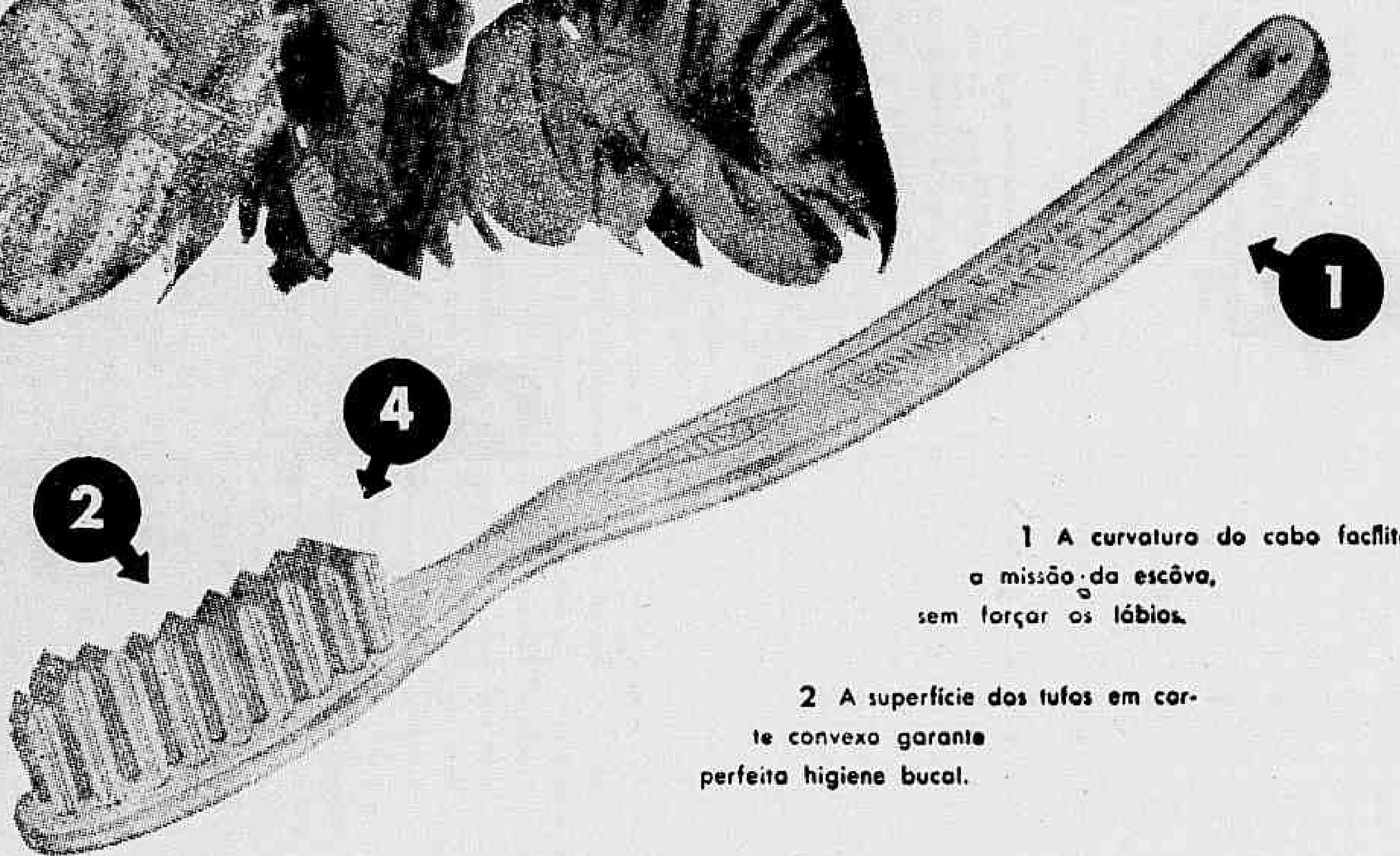
Outra faceta interessante da ação benéfica dos radioamadores é o trabalho que êles têm para localizar pessoas ou mesmo famílias inteiras que abandonam determinados lugares, com destino ignorado, deixando sem notícias parentes e amigos, ansiosos por conhecer-lhes o paradeiro e a situação.

Procuramos dar rapidamente uma idéia do alcance dos serviços que o radioamador pode dispensar à comunidade, movido apenas por sentimentos de solidariedade humana, que tanto dignificam numa época cheia de egoismo e desprezo pela vida do próximo. Pelo alto nivel técnico que possue, o radioamador constitue uma vanguarda apta a bem servir a evolução da humanidade. E' um exemplo, sob todos os pontos de vista, digno de ser melhor conhecido e emulado.

Distinsan

A ESCÔVA DE DENTES TÉCNICAMENTE PERFEITA!





1 A curvatura do cabo facilita a missão da escôva, sem forçar os lábios.

2 A superfície dos tufos em corte convexo garante perfeita higiene bucal.

3 Os tufos implantados em base côncava resistem à ação da pasta sempre com a mesma rigidez.

4 Os tufos são pontiagudos, assegurando a perfeita limpeza externa dos dentes e simultâneamente a dos interstícios, ponto inicial das cáries.

DISTINSAN

FÁBRICA DE ESCÔVAS DISTINTA E SANIS LTDA.

Reconciliação

(Cont. da pág. 38)

Receio que você não encontre nêle a felicidade sonhada...

— E por que, minha tia? — êle sorrira, zombeteiro, fazendo esta pergunta.

— Elena é rica, está acostumada a gastar muito, a não fazer nada, a passar o dia inteiro no comércio, fazendo compras...

— Mas se não me incomodo com isto, minha tia!

— Sim, você agora não se incomoda, porém mais tarde ficará aborrecido. Todo homem, quando casa, quer um lar e uma espôsa e quando a mulher é apenas uma boneca que se deixa amar, termina não dando certo. Começarão os desentendimentos, as brigas.

— Não, titia, nada do que a senhora teme acontecerá. Eu conheço Elena e amo-a assim mesmo como ela é. Não quero outra coisa, não quero que ela mude, que se transforme numa dona de casa atarefada, sem tempo para se enfeitar, para se dedicar ao marido. Quero-a linda e perfumada, gentil e carinhosa como é, fazendo-me feliz simplesmente por me amar!

— Pois ficarei satisfeita, vendo-o feliz, Mauro...

Mais tarde, inúmeras vêzes recordara a conversa com a tia. Recordara e sorrira tristemente, pensando como ela tivera razão...

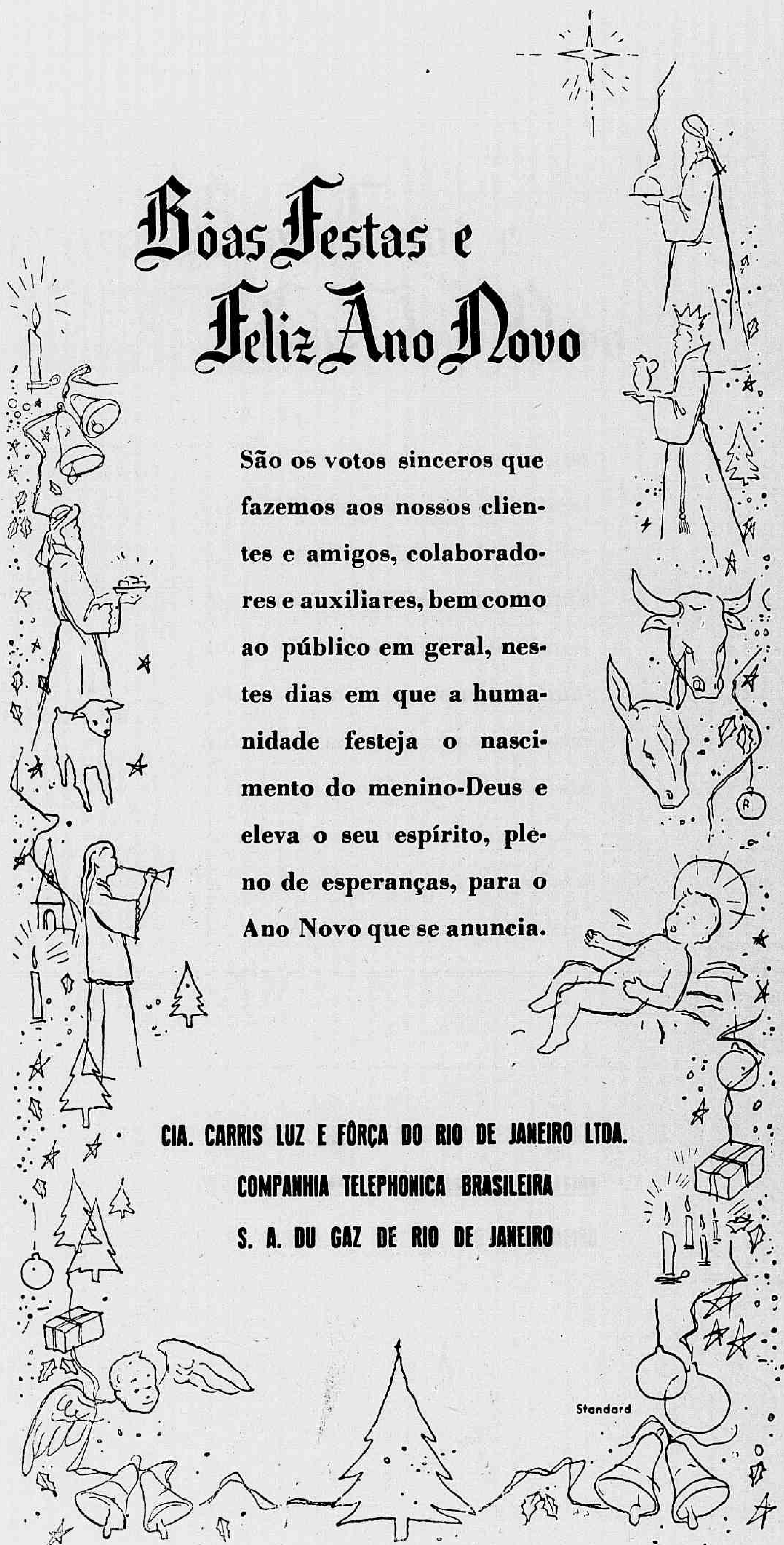
Haviam casado, feito a viagem de núpcias, voltado para o apartamento, e sentira-se ébrio por tamanha felicidade!

Diariamente, ao acordar, vendo-a ao seu lado, na cama, os cabelos desmanchados, o rosto lindo e repousado, pensava na sua sorte, por tê-la como espôsa. Tinha prazer em voltar para casa, com a certeza de encontrá-la à sua espera, e o amor que lhe dedicava no tempo de noivado transformara-se em adoração. Cada dia que passava achava-a mais linda, mais carinhosa e adorável. Tinham passado quase três meses sem sair, a não ser para um cinema ou teatro, mas depois, de vez em quando, Elena demonstrara desejos de dançar, ir ao Cassino.

— Dancemos aqui, querida, só nós dois... Para que irmos exibir a nossa felicidade lá fora, na sociedade?

Nesta noite ela concordara, mas noutras ocasiões insistira, e êles haviam começado a sair novamente. Hoje era uma festa de aniversário, amanhã um teatro, depois uma noitada no Cassino, e foram diminuindo as noites passadas a dois, na pequenina sala do apartamento, noites nas quais êle se sentia feliz, venturoso por tê-la perto de si. E começou a perceber, então, que queria nela, agora, a espôsa, a compa-

(Cont. na pág. 46)


Bôas Festas e
Feliz Ano Novo
São os votos sinceros que fazemos aos nossos clientes e amigos, colaboradores e auxiliares, bem como ao público em geral, nestes dias em que a humanidade festeja o nascimento do menino-Deus e eleva o seu espírito, plêno de esperanças, para o Ano Novo que se anuncia.
CIA. CARRIS LUZ E FÔRÇA DO RIO DE JANEIRO LTDA.
COMPANHIA TELEPHONICA BRASILEIRA
S. A. DU GAZ DE RIO DE JANEIRO
Standard

Festival dos alunos da Professora Elsa Vassimon Siqueira Alves



Os alunos da conhecida mestra do Conservatório Brasileiro de Música, Professora Elsa Vassimon Siqueira Alves, realizaram no auditório do Ministério da Educação uma excelente audição artística coroada de pleno êxito, apresentando à seleta assistência um programa constante de peças de compositores brasileiros e estrangeiros. O clichê acima nos mostra um grupo feito após o recital, vendo a Professora Elsa Vassimon Siqueira Alves ladeada por seus alunos

GRANDE DESCOBERTA PARA OS CALVOS

TÔNICO CAPILAR "AMARALINA" — (Trata-se da famosa descoberta verificada na Bahia). De base vegetal dá certeza absoluta que seus cabelos tornarão a nascer. Os fabricantes garantem devido a milhares de casos em todo o Brasil. Com um vidro detém a queda dos cabelos, elimina totalmente a caspa e com a continuação fará voltar a sua saudosa cabeleira. Encontra-se em Drogarias, Perfumarias, Farmácias, etc. a Cr$ 35,00, o vidro

Aceitamos pedidos pelo Reembôlso Postal. Preço: Cr$ 45,00, livre de porte. M. M. BURLE & CIA. LTDA. — Avenida Rio Branco, 137 — 6.º andar — Sala 616 — RIO DE JANEIRO

A Agua Sanitaria CLARINHA
Dá valiosos brindes na chapinha

Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo:
Rua Álvares Penteado, 180, sala 502
Telefone: 3-2649

Seu voto valerá mais em...

(Cont. da pág. 34)

pela de 46. E' outra das grandes conquistas democráticas dos tempos modernos. Entre os treze partidos registrados atualmente na Justiça Eleitoral, deverá se distribuir os votos do eleitorado reforçado de 1950: PSD, UDN, PTB, PSP, PSB, PRP, PR — os mais conhecidos — e mais o Partido Republicano Trabalhista, Partido Trabalhista Nacional, Partido Orientador Trabalhista, Partido Democrata Cristão, Partido Social Trabalhista e o Partido Libertador, do velho Raul Pila. E imagine-se que, além do PCB, cujo registro foi cassado, havia ainda 12 outros partidos, que não subsistiram ou foram englobados por massas eleitorais mais fortes, e o Partido Popular Progressista cujo registro também não logrou ser transformado em definitivo!

★

O processo democrático vai progredir em 1950, com a reforma da Lei Eleitoral ora em trânsito pela Câmara dos Deputados, depois de ter sido aprovada pelo Senado. Tudo indica que serão realizadas num só dia os onze pleitos programados para 1950: para presidente da República, vice-presidente, senadores, um por Estado, correspondendo à renovação do terço do Senado), deputados federais, governadores, vice-governadores, deputados estaduais, prefeitos, vice-prefeitos, vereadores e juizes de paz (em Minas, pelo menos). Êste caso ainda não foi resolvido, mas é bem provável que tudo se realizará ao mesmo tempo em 3 de outubro. Para isso a Justiça Eleitoral está se aparelhando, meticulosamente, e disso consumirá a verba de Cr$ 19.507.640,00, com que foi dotada além das outras verbas de pagamento dos vencimentos dos juizes e funcionários, despesas de papelada, material, gratificações, etc., tudo no total de Cr$ 81.807.157,00.

A mais importante inovação do código eleitoral brasileiro, aliás um substitutivo a uma emenda apresentada pelo ex-senador Luís Carlos Prestes, diz respeito à diplomação dos candidatos, isto é, à distribuição dos cargos eletivos dos Legislativos federais, estaduais e municipais. Sofrerá uma profunda modificação o sistema adotado no pleito passado, pelo qual o partido que obteve maioria de votos ficou com o total das sobras do coeficiente partidário dos demais concorrentes ao pleito, tal como aconteceu no Rio, com o PCB, nas eleições para a Câmara Municipal, e com o PTB, para a Câmara dos Deputados. As sobras futuras serão distribuídas equitativamente entre todos os partidos que atingirem o coeficiente partidário, isto é, entre todos aquêles que conseguiram eleger pelo menos um representante. O absurdo cometido nas eleições passadas se estribava em dois princípios: 1.º — dar ao partido mais votado base legislativa (maior número de deputados federais, deputados estaduais ou vereadores, conforme o caso), que lhe permita governar sem ter o seu programa administrativo boicotado pelo Legislativo de cujo apoio precise, e 2.º — como um incentivo ao desenvolvimento do espírito partidário e criação de grandes partidos nacionais, em vez de agrupamentos que apenas giram em tôrno de figuras populares, como o PTB ou o Partido Republicano do ex-presidente Bernardes. Foi o primeiro considerando que fêz deputados de 400 votos, em detrimento de outros candidatos muito mais votados... Êsse critério evidenciou-se precário ainda porque as bancadas majoritárias, revelaram que não apresentam nenhuma unidade de ação parlamentar, não passando de maiorias fictícias, tal como se observa com o PSD, sempre dividido, mesmo quando o Govêrno Federal necessita do seu apoio incondicional (haja vista a votação do abono para o funcionalismo público...).

Agora, leitor amigo, um aviso: não falte ao pleito de 1950, porque dessa vez não haverá anistia para os infratores da Lei Eleitoral, e fique sabendo que, entre as demais penalidades estabelecidas pelo referido código, todo aquêle que deixar de votar sem motivo justificado sofrerá a multa de Cr$ 100,00 a Cr$ 1.000,00 e a pena de seis meses a um ano de prisão, ou multa de Cr$ 1.000,00 a Cr$ 5.000,00 para todo aquêle que recusar ou abandonar o serviço eleitoral. Consulte a Lei, e veja ainda que se você — cuidado! — usar de mentira ou injúria contra os candidatos de outro partido poderá apanhar uma cadeia de seis meses a dois anos!

CASPA!. CABELOS BRANCOS!.
use LOÇÃO XAMBÚ
CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM À SUA CÔR NATURAL. ELIMINA A CASPA — EXITO GARANTIDO.
LABORATÓRIO — Rua Souza Dantas n.º 23
Pedidos pelo Reembolso Posta — RIO DE JANEIRO

UM SANTO DE BARRO

(Cont. da pág. 22)

incêndio num prédio. Mangueiras estendidas. E ainda mais adiante, — ai de mim! — nova parada: trânsito impedido. Um inferno! Já começava a suar de impaciência, e um frio histérico me entrava pelas pontas dos dedos. Invadia-me o pressentimento de que ia encontrar o Tio Cândido agonizante ou morto. Pobre Tio! Fizera mal em tê-lo contrariado, naquela noite, por causa de Roselis.

Finalmente, suspirei. Tinha chegado ao hotel Esplanada. Corri para o elevador automático, e voei para o sexto andar, em busca do Tio Cândido. Deslizei, com a ânsia de um fugitivo, por um corredor comprido, à procura do quarto número 20. E eis que, num momento, me vejo em frente ao quarto fatal. Forço o trinco e, num arranco, abro repentinamente a porta.

Paro, estupefacto. Tremula-me a visão. Estaria sonhando?... Alguma desordem digestiva?... Não, não podia ser. A realidade ali estava, a poucos passos de mim, palpável, visivelmente chocante!

Ao lado de uma garrafa de uisque, charuto a um canto da boca, como um "coronel" sensualmente grotesco, ali se achava o apóstolo de Catão, o grande moralista — o meu impoluto Tio Cândido, inteirinho em pessoa! E junto do santo "coronel", bebendo uisque com êle e enlaçando-lhe o pescoço, uma sereia morena desperdiçava seus beijos...

Retrocedi, rápido. Nem esperei o elevador. Desci os seis andares do hotel, a passos de canguru, com um sorriso de ironia e de adeus ao Tio Cândido moralista.

Era o fim de um santo de barro que, traído por meio de um simples telefonema, acabava de quebrar-se.

Era o começo da minha emancipação.

O fado é a alma de Portugal

(Cont. da pág. 18)

mesmo tempo o drama que estão representando.

Sabemos, por outras fontes, que Amália é piedosissima. Ao procurá-la de tarde, no Hotel Serrador, ela não estava. Tinha ido depositar umas flores no altar de Nossa Senhora de Fátima, de quem é devota. Auxilia muita gente com dinheiro ou mesmo com a simples presença. Artistas de pouco ou nenhum renome, ao darem recitais, costumam incluir o nome de Amália no programa, o que dá infalivelmente em casa cheia e boas receitas. Se por qualquer razão ela não pode aparecer, cobre os prejuizos.

— Na Europa, tem cantado fora de Portugal?

— Já cantei na Espanha, em Paris, e em Londres, mas tenho visitado outros países também. Após esta temporada no Brasil voltarei a Portugal para filmar e em seguida irei aos Estados Unidos.

— E sôbre o Brasil, quais suas impressões? Há quanto o conhece?

— Vim pela primeira vez em 1944, a segunda no ano seguinte, e, desde então, faziam cinco anos que não vinha. Agora fui contratada para atuar durante um mês aqui no Rio, na Rádio Globo e no "Night and Day", e mais um mês em São Paulo.

Dizendo isso, foi se aproximando da janela, situada num 13º andar do Hotel Serrador, de frente para a baia. Era a hora do crepúsculo, quando de maneira indefinida a noite vem substituindo o dia. Algumas luzes já se acendiam ao longe. Amália olhou entusiasmada durante alguns instantes a visão que lhe era oferecida e, abrangendo tôda a paisagem num gesto largo, disse:

— O que mais me impressiona no Brasil, é isto: a natureza. Sinto-me pequenina, esmagada por tanta grandeza. O que mais admiro no povo brasileiro é a maneira alegre, quase despreocupada, de viver. Nós, portuguêses, somos mais soturnos, parece que estamos continuamente sobrecarregados pelos tantos séculos de história que nos precedem, pelas glórias do passado, pelas tradições, enfim, por aquilo que eu chamo carinhosamente, de: "As nossas teias de aranha". Talvez por isso a tristeza nos domine.

— Não gostaria de visitar mais demoradamente o Brasil?

— Gostaria imenso de percorrer com mais vagar tôda esta grande terra. Desejaria mesmo ser como Gago Coutinho, que vem quando e sempre que o quer. Basta, porém, que eu fique uns dias numa terra estranha para que sinta logo saudades da minha Lisboa. Portanto, desejaria também poder voltar para lá, assim que as saudades apertarem demais...

E o triste olhar de Amália perdeu-se novamente ao longe, cheio de melancolia. Saudades... O fado é a própria saudade!...

O Primeiro Neto

(Conclusão do número anterior)

Passaram-se os meses. Nossas esperanças fugazes tombavam, uma a uma, como cartas de jogar, empilhadas sôbre uma mesa. O menino não acusava sinal algum de querer andar, e já tinha passado tempo suficiente para isso

Médicos pediatras de fama foram consultados. Meneavam a cabeça, pesarosos e retiravam-se sem nada dizer de positivo.

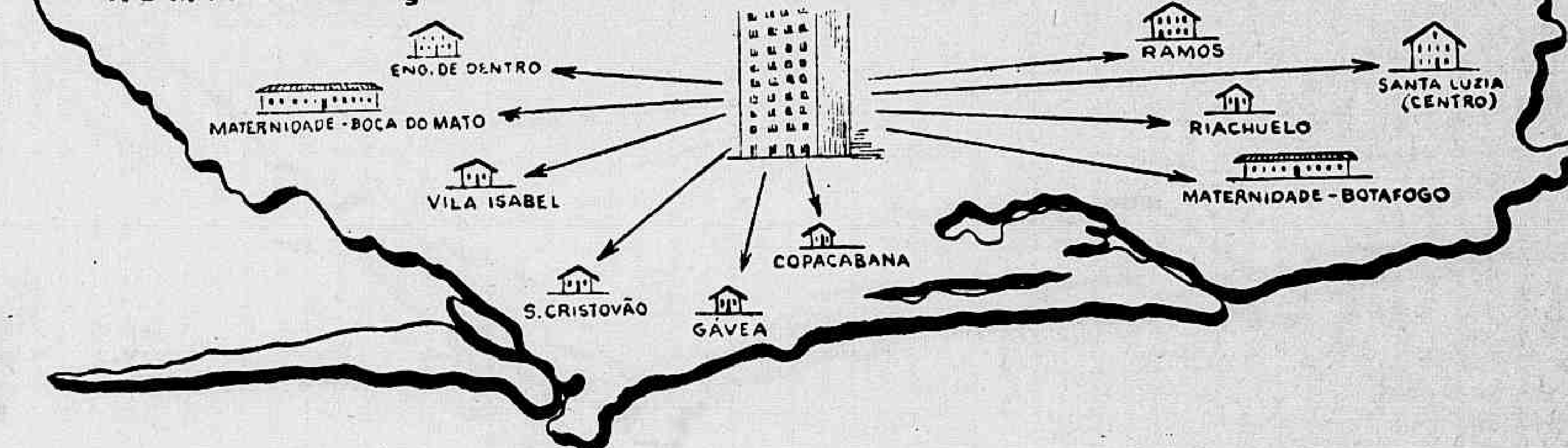
(Cont. na pág. 46)

COMERCIÁRIO!



O SESC te pertence; usa seus serviços em benefício próprio e no de tua família. Recorre a êle sempre que te possa ser útil a sua aparelhagem assistencial. O SESC nada te custa. O teu empregador organizou-o e o mantém em benefício da classe comercial.

SESC



Nos locais assinalados — entre outros serviços — o Sesc Carioca presta eficiente assistência à comerciária ou à esposa do comerciário durante todo o período da gravidez sob a competente orientação dos especialistas do Serviço Higiene Pre-natal, sendo-lhes fornecidos os exames de laboratório que se fizerem necessários.

Em 1948 as consultas atingiram o total de 19.623, o que comprova, cabalmente, a aceitação e utilidade dêsse serviço que o SESC — instituição criada e custeada pelo teu empregador — mantém em teu benefício.

ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DO DISTRITO FEDERAL:

POSTOS DE PUERICULTURA

Riachuelo — Vitor Meireles, 63 — Tel. 49-3370

Vila Isabel — Teodoro da Silva, 568 — Tel. 38-7614

São Cristóvão — G. José Cristino, 87 — Tel. 48-3757

CASA DO COMERCIÁRIO

Santa Luzia — Santa Luzia, 685 s/loja — Tel. 32-6352
Ramos — Rua Teixeira Franco, 38 — Tel. 30-0646
MATERNIDADE CARMELA DUTRA — Rua Aquidabã n. 287 — Boca do Mato — Tels. 49-5577 e 49-5757





AO ALTO — O sr. Artur Pires, diretor do Jockey Club responsável pelo setor escolar infantil da nossa sociedade turfista, fala na festa de encerramento do ano letivo, tendo à direita a diretora da Escola, professôra Mauricéa Felix da Silva. À ESQUERDA — A menina Isa Costa Milagres, primeira aluna do curso primário, posa para esta revista em companhia dos srs. João Borges Filho e Artur Pires

NO dia 15 do corrente mês realizou-se festivamente o encerramento do ano letivo no Jardim da Infância que o Jockey Club Brasileiro mantém, no Hipódromo da Gávea, para a instrução e educação dos filhos daqueles que exercem profissões ligadas ao turf, uma das grandes obras sociais de que se pode orgulhar a Capital da República. Ali, 250 crianças de ambos os sexos encontram, inteiramente grátis, professôras competentes e carinhosas que lhes ministram instrução, educação e no-

EM FÉRIAS O JARDIM DA INFÂNCIA DO JOCKEY-CLUB



Os alunos do Jardim de Infância e do Curso Primário apresentaram uma interessante exposição de trabalhos, evidenciando um surpreendente grau de adiantamento em suas atividades escolares e a superior orientação do corpo de professôras do estabelecimento. Acima, aspecto parcial da exposição, atraente número do programa de encerramento das aulas



AO ALTO — Fotografia tomada durante a festividade, vendo-se parte da assistência presente. No momento, falava a diretora do Jardim da Infância, professôra Mauricéa Felix da Silva. EM BAIXO — O presidente do Jockey Club, sr. João Borges Filho, e a sra. Artur Pires apreciam, em companhia da srta. Mauricéa Felix da Silva, a exposição de trabalhos escolares





A aluna Marieta Arruda Machado, do Jardim da Infância, recebe os cumprimentos da senhora Artur Pires por haver alcançado o primeiro lugar na turma C, da qual faz parte



Depois da linda festa, formou-se o grupo acima reproduzido, do qual fazem parte alunos do Jardim da Infância com suas mamães, diretores do Jockey Club, professôras e convidados. O ambiente era da mais contagiante alegria, tocando a todos profundamente a beleza daquela obra de inegáveis méritos sociais mantida pela prestigiosa associação turfista



O sr. João Borges Filho entrega um brinde ao menino Ari Santana Ferreira, primeiro aluno do Curso Primário, justa recompensa pela sua aplicação e dedicação aos estudos

ções de higiene, que os habilitarão, no futuro a poderem lutar com sucesso pela vida. Aquêle dia foi, pois, de uma festa encantadora, que reuniu os alunos e suas famílias, diretores e associados do Jockey Club e convidados, que foram prestigiar a meritória obra que a atual diretoria da aristocrática sociedade procura manter e melhorar, em benefício dos pequeninos filhos dos humildes obreiros que contribuem anônimamente para o progresso do turf metropolitano.

A reunião foi presidida pelo sr. João Borges Filho, presidente do Jockey Club Brasileiro, que fêz a distribuição dos prêmios aos alunos que mais se distinguiram durante o período letivo ora findo. O sr. Artur Pires, diretor do Jockey, que se fazia acompanhar de sua espôsa, fêz uso da palavra, dizendo do entusiasmo com que os seus colegas de diretoria acompanhavam a triunfal trajetória daquele Jardim da Infância e prometendo apoio cada vez maior ao seu constante desenvolvimento. Falou também o sr. José Bastos Padilha, igualmente diretor do Jockey, que em vibrante oração enalteceu o valor da criação daquele importante curso de alfabetização, elogiando não só a ação do saudoso dr. Nilo Vasconcelos, o grande animador da fundação, como a da atual diretoria, procurando sempre melhorar a benemérita iniciativa, que traz ao Jockey Club Brasileiro mais um galardão, juntando-o aos numerosos títulos de benemerência que já possui, pelo muito que faz em ajuda daqueles que necessitam de auxílio para viver.

Discursou ainda a professôra Mauricéa Felix da Silva, diretora do Jardim da Infância, agradecendo a cooperação das suas colegas e demais funcionárias da Escola, bem como o indispensável concurso das famílias dos alunos, e muito especialmente os constantes esforços da diretoria do Jockey Club em prol do engrandecimento daquele curso; e, devidamente autorizada pelo sr. João Borges Filho, transmitia a todos uma alvissareira notícia: a criação do 2.º ano primário, com o que as crianças que terminaram o 1.º ano não sofrerão solução de continuidade nos seus estudos. Essa declaração foi recebida com entusiásticos aplausos pela assistência, que via assim crescer a notável obra que enriquece o patrimônio moral do Jockey Club Brasileiro.

Outra nota de destaque na festa de encerramento das aulas do Jardim da Infância do Jockey foi a exposição de trabalhos, que a todos encantou, despertando grande admiração os numerosos lavores ali apresentados pela criançada, com perfeição e gôsto incomuns. Um autêntico sucesso, essa mostra de trabalhos executados por tão pequeninos escolares, pois a sua maioria não ultrapassa os sete anos de idade.

Finalizando a festa, foi oferecido aos presentes um farto serviço de "buffet".



Em nome dos seus numerosos colegas, esta graciosa menina, brejeira e assustada, leu uma carinhosa saudação à diretoria do Jockey Club e às suas dedicadas professoras



Parte da assistência presente à solenidade, vendo-se o sr. Artur Pires e espôsa, o sr. José Bastos Padilha, o sr. Leônidas de Souza Mendes, o sr. Licínio Salgado e a senhora Marina Saroldi de Azevedo, alunos e suas famílias. Foi grande o número de pessoas presentes às festividades de encerramento do ano letivo no Jardim da Infância do Jockey Club



A ALEGRE E ROBUSTA MENINADA DOS JARDINS DO HIPÓDROMO ENTROU EM FÉRIAS



TRAGÉOIA E LIRISMO DAS FAVELAS

VISTAS de longe, as Favelas semelham colméias de alvéolos à mostra, penduradas em abas agrestes de morros, cavalgando colinas, decorando monturos ou nesgas desertas de praias Para os sentimentais, que de fora as observam, há no tumulto das casinhas desarrumadas, improvisadas com esteiras, sarrafos e latas, equilibrando-se com estacas à beira dos precipícios, qualquer coisa de uma tragédia que parou no ar, uma estagnação de gestos aflitos a assinalarem a eminência de um desastre. No entanto, aos olhos insatisfeitos dos turistas, elas não vão além de uma nota curiosa. Triste, mas bucólica. Miserável, porém cheia da violência fascinante dos contrastes. Só para os que as conhecem de perto, elas são, na sua realidade dolorosa, os últimos quartéis que o instinto de conservação plantou na terra para o drama da sobrevivência humana.

★

Que fortuna não tem dado aos pintores essa fonte inesgotável de motivos estranhos e originais! Desde o seu conjunto panorâmico terrivelmente heterogêneo, até os seus ângulos e detalhes mais absurdos: — a vida sórdida e sem confôrto, a promiscuidade animal, a ignorância e o fetchismo, os terreiros de macumba, os antros de perversão, os centros de malandragem com o seu séquito natural de vícios e depravações. Quanto novelista barato não tem tentado a fama à custa de tão precioso material!... E explorando mal a sua miséria!... E atraiçoado a sua desgraça!... E criado em tôrno de seu nome, não uma onda de amor e piedade, mas de desprêzo e indignação. Como não têm procurado tirar partido de suas mazelas, os falsos-profetas do civismo nacional!... Exibindo-as em programas políticos ou plataformas governamentais, como se a bandeira de dor das Favelas malsinadas pudesse enternecer ainda o coração empedernido de uma maioria eleitoral cansada de pieguismo.

★

As Favelas, entretanto, invioladas e invioláveis, vingam-se tristemente da ilustre fauna parasita que, à distância, vive de explorar as suas necessidades. E para tanto, criam, apuram e exportam tôda sorte de resíduos humanos, com o fim de perturbar a vida feliz da cidade. São facínoras de todos os tipos. Ladrões de tôdas as categorias. Sombras de inquietações e ameaças através de dramas bárbaros e de tragédias horripilantes. E bandidos como Sete Corôas e Zé da Ilha passam à categoria de heróis! E milhares de inocentes e incautos pagam doloroso tributo a êsses instrumentos bestiais! E o govêrno gasta uma fortuna com policiais para, no fim, agravar ainda mais um problema que êle ajudou a criar! E os responsáveis pela tranquilidade pública e bem-estar social não querem compreender que o crime, como as doenças, não pode ser racionalmente exterminado pelo combate aos casos isolados, mas sim pela profilaxia total de suas fontes germinativas.

★

Mas, a vingança das Favelas não é feita somente de ódio e despotismo. Ela assume, ao reverso, formas irônicas de lirismo. Dêsse lirismo dolente e mórbido, filho dos sofrimentos represados. Daí, os rítmos angustiados que diariamente descem dos morros no ergástulo amoroso de sambas e canções. Músicas rudes, estropiadas e tristes, que ganham as cidades, se alastram pelos campos, tomam conta do Brasil inteiro, com a impetuosidade de uma avalanche. E os nomes das musas chocolates dos malandros: — Rosa Maria, Amélia, Aurora ou Helena, luzem como estrêlas, andam de bôca em bôca, numa consagração comovedora. Até mesmo a anônima ""Mulher de seu Oscar'' se transforma em melodia para embalar o coração do povo. O simples ato de Laurindo descer do morro, dá motivo a um poema musical que todos os granfinos decoram e cantam. As Favelas dêste outro modo também se vingam, impondo o seu lirismo canhestro e sombrio à massa farta e feliz que subestima a sua desgraça.

MARTINS D'ALVAREZ



NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

"Reveillon" Político de 1949 (João Alvarenga) 4/6
Maria Degolada (Luiz Carlos Lessa) 9/11
O fado é a alma de Portugal 15/18
Rádio-amador — um criado às ordens (Sabino Canalini) 24/30
Seu voto valerá mais em 1950 (Carlos Duarte) 31/35

ATUALIDADES

Ano Bom 3
Uma brasileira "estrêla" de televisão (James Barton Jr.) 20/21

LITERATURA

Um santo de barro (Eugênio Morato) 22
Reconciliação (Aurora R. C. Araujo) 38
Tragédia e lirismo das favelas (Martins d'Alvarez) 58

HUMORISMO

Bom Humor 14
Bolhas de Sabão (Nicodemus) 19
Profecias de 1950 (Theo) 23
"Charge" de Rafael 53

CURIOSIDADES

João Minhoca presta bons serviços 36/37

FEMININAS

Se você vai à praia (O. B.) .. 39
Detalhe 40
Para o verão 41
Blusas elegantes 42
Para o seu guarda-roupa de férias 43
Week-End na Cozinha 45

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista — Personagem da Semana 7
Puxe pelo cérebro 8
Tudo isso aconteceu 12/13
Música (Roberto Lyra Filho) 44
A saúde do bebê (Dr. Sabola Ribeiro) 48

★

FOTOGRAFIAS : Arnaldo Vieira
Luiz Carlos Lessa
News Press
Avulsas

★

ILUSTRAÇÃO: Oswaldo da Cunha

★

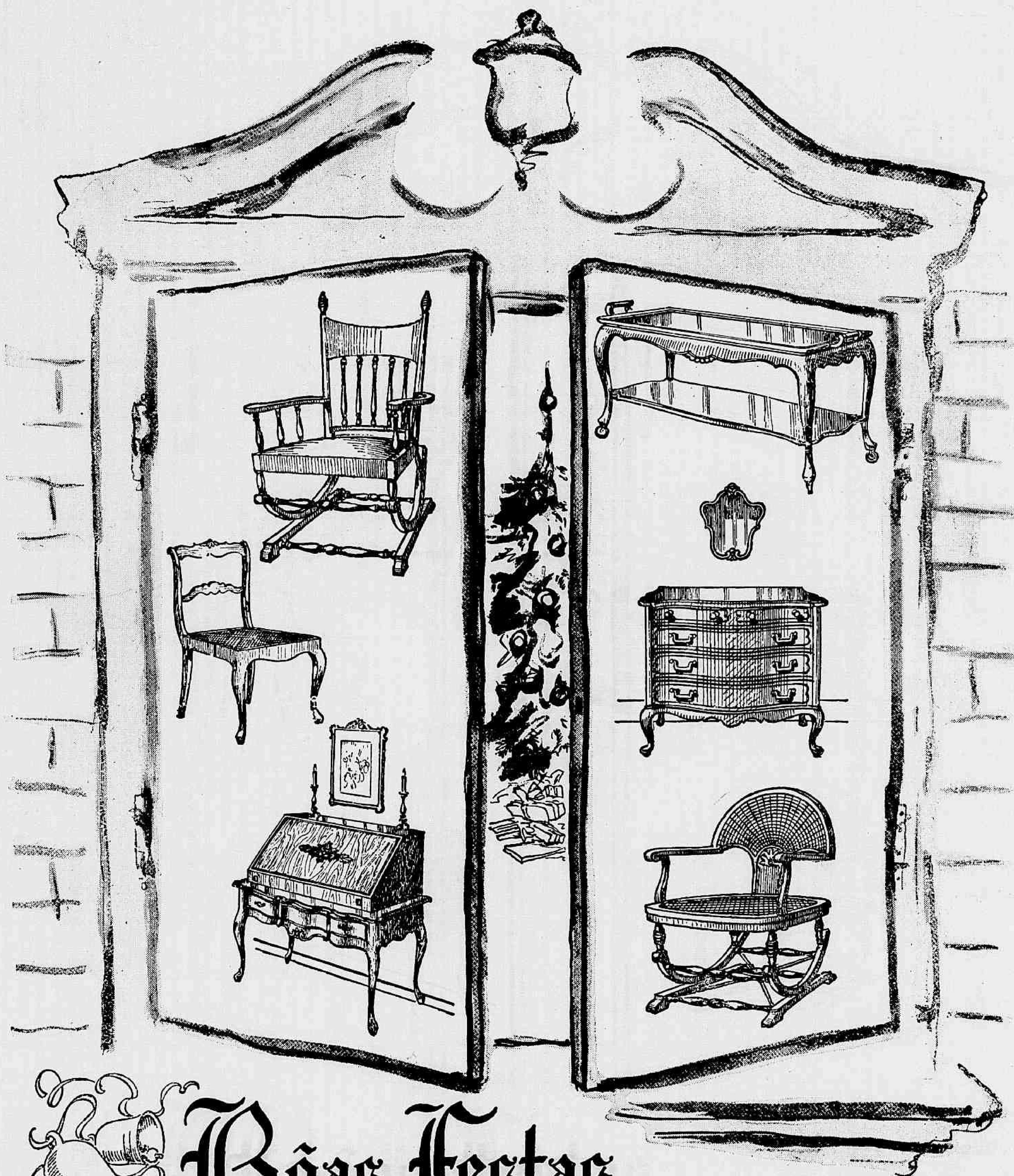
NA CAPA :

Martha Toren
(Universal-International)

PUXE PELO CÉREBRO

Respostas às perguntas da pág. 8

1 — Quebrangulo, acento tônico na sílaba gu
2 — Escultor
3 — Hegesias
4 — Silvestre I
5 — Alcoolismo, sífilis e tuberculose
6 — Talmud
7 — Tamandaré
8 — Um corpo celeste (Planeta telescópico descoberto por Tempel)
9 — Palestra literária, serões domésticos
10 — 1884 (Nicolaier de Goettinga)
11 — Thales
12 — Porque era um deserto africano, refúgio dos crstãos
13 — Amigo de Deus
14 — Doze
15 — Leão XIII, em 1903
16 — Tíbia
17 — Água do mar empoçada à beira da praia (maçaió)
18 — Na Ásia
19 — Lavra de ouro
20 — Cêrca de 340 metros por segundo.





Bôas Festas

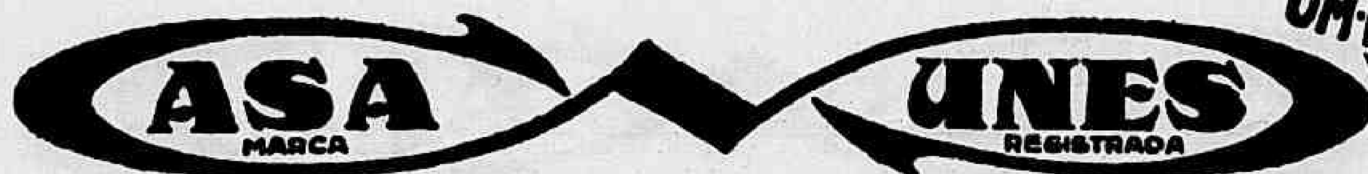
... COM OS PRESENTES ÚTEIS DA NOSSA

TRADICIONAL VENDA ANUAL

Cadeiras, escrivaninhas, cômodas, carrinhos para chá, móveis avulsos, GRUPOS ESTOFADOS e tapetes de todo o mundo



Preços excepcionais



65 RUA DA CARIOCA 67 ★ RIO

JÁ ESTÁ À VENDA!

O ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1950

MARAVILHOSO LIVRO DE 400 PÁGINAS QUE PERMITIRÁ AO LEITOR

ESCOLHER O ASSUNTO DA SUA PREFERÊNCIA

Os 120 anos da benemérita Academia Nacional de Medicina ★ A vida de Alexandre Dumas (Pai) ★ O casamento entre diferentes povos e países ★ As maravilhas da natureza ★ Existe no mundo uma fotografia do Cristo ★ O culto dos animais no Egito ★ Caçando demônios com armadilhas ★ As Sete Maravilhas do Mundo ★ Não há muita diferença entre um suicídio e um assassínio.

AMPLIAR OS SEUS CONHECIMENTOS GERAIS

O "Câmbio", sua história e sua técnica ★ Morreremos de sêde? ★ A vida das estrêlas ★ Será fácil para você verificar se tem boa ou má estrêla ★ O simbolismo chinês ★ Que está acontecendo com a duração da nossa vida? ★ Curiosidades da Festa do Natal ★ Prestes a se esclarecer o mistério da vida?

CONHECER COISAS ÚTEIS EM QUALQUER TEMPO

Que quer dizer "Hurrah"? ★ Qual o peixe mais rápido? ★ As assinaturas nas obras de arte. Como conhecê-las? ★ Como cresce o seu filho? ★ Que foi a Atlântida? ★ Socorros urgentes para cortes, fraturas, queimaduras, estados de choque, etc. ★ As palavras e os seus significados ★ Significados dos nomes próprios ★ Origem de frases célebres ★ Curiosidades matemáticas ★ Falsos sinônimos ★ Vocabulário científico.

TER À SUA DISPOSIÇÃO TÔDAS AS INFORMAÇÕES SÔBRE O ANO

O ANO SANTO — Calendário das Festas Móveis até 2008 ★ Festas religiosas fixas ★ Concordância das principais Eras ★ Começos das Estações ★ Festas nacionais do Brasil ★ Festas continentais ★ O quadro das festas móveis ★ O Ano Agrícola ★ O Ano Aeronáutico ★ O Ano Artístico ★ O Ano Esportivo ★ O Ano Horoscópico ★ O Ano Científico ★ Tábua Lunar ★ Calendário Perpétuo ★ Tabela do nascimento e ocaso do Sol.

Uma comédia para o Teatro do Amador:
"PRIMEIRO ANIVERSÁRIO"

Um romance completo:
"SE A MOCIDADE SOUBESSE..."

E MAIS:

Curiosidades para todos os gostos
Os Campeões de 1949
Artigos especiais
Como é fácil saber tudo
Centenários de 1949
Cidades centenárias do Brasil
Os mortos do ano
Contos e Narrativas históricas
Desafios para sua inteligência
Páginas para seu recreio
Páginas de Arte
Viajando pelo mundo
Testes para a sua memória
Páginas infantis
Os nomes do ano
Retratos — Tricromias.

COMPRE HOJE MESMO!

PREÇO PARA TODO O BRASIL: CR$ 15,00 — PEDIDOS À

Cia. EDITORA AMERICANA

Pelo Reembolso Postal ou mediante Vale do Correio
RUA MARANGUAPE, 15 ★ RIO